

magru floriano

*o tempo
da
história*

brisa utópica



magru floriano

O TEMPO DA HISTÓRIA

reflexões sobre o tempo, memória e história

brisa utópica



Capa: foto de Magru Floriano - Solar Prado - Feira da Culinária Brasileira - São Paulo - 2019.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FLORIANO, Magru. O tempo da História – reflexões sobre o tempo memória e história. Brisa Utópica: Itajaí, 2024.

*Na noite impenetrável
da sua sabedoria
um deus encerra
a sucessão dos dias
que virão
e ri
do nosso humano sobressalto.*

(Horácio: Odes – III – 9)

INTRODUÇÃO

Este ensaio é uma tentativa de dar ordenamento a muitos pensamentos que alimentei acerca da relação temática **tempo – história**. Muitas das reflexões expostas aqui foram provocadas pelo desconforto intelectual que sentia ao ler sobre questões que envolviam diretamente um entrelaçamento de conteúdos de História e Filosofia, como a elaboração dos conceitos de ‘permanência’ e ‘ruptura’. De minha parte sempre considerei factível falar de uma continuidade histórica e a necessidade metodológica de se respeitar a sucessão natural dos acontecimentos, formando, uma inevitável linha causal. Foi a partir da leitura do livro de Gaston Bachelard intitulado ‘A dialética da duração’ que me sucedeu a imperiosa necessidade de refazer caminhos sobre essa questão tão vital para o fazer histórico. Após centenas de textos lidos - a maioria ensaios publicados em revistas científicas por físicos - acabei percebendo com Paul Veyne de como os conceitos que utilizamos nos levam, obrigatoriamente, à formulação de novos conceitos e a consubstanciação de uma nova mentalidade.

O que considero mais importante neste ensaio é a minha iniciativa de pensar por conta própria, de buscar dentro de mim respostas para inquietações intelectuais que considero importantes. Ao publicar essas ideias não estou preocupado em estar certo ou errado, ter ou não ter seguidores e gente que ‘copia e cola’ frases esporádicas para preencher lacunas em seus trabalhos acadêmicos. Tenho a convicção de que o intelectual é aquele que lê outros autores, olha e compreende a realidade a sua volta, dialoga com outras mentes e, no final de todo o processo, está pronto para entregar à sua comunidade um pensamento inédito. Algo que só ele pensou ou que ele conseguiu aprimorar continuando uma trilha aberta por outro pensador.

Pessoas inteligentes encontramos aos milhões e em todas as partes. Geralmente essas pessoas com alta capacidade de processar dados ficam dependentes ao extremo do seu arquivo de memória e acabam reproduzindo informações e ideias colhidas a esmo. Na História são colecionadores de datas, nomes e fatos. Tirando de cima da mesa de trabalho deles documentos e método, nada sobra. Então, não basta ser inteligente, ou muito inteligente, para ser um intelectual. Este tem como característica - que o distingue de mais um estudioso inteligente - justamente a capacidade de ser inédito. Por isso o chamamos de um ‘fora da curva’ porque em determinado momento ele não segue o

mesmo trajeto dos demais, por mais inteligentes que eles possam ser e por mais brilhantes possam ser as ideias por eles reproduzidas.

O homem inteligente lê Nietzsche e cita vigorosamente Nietzsche. O intelectual lê Nietzsche e questiona Nietzsche para trilhar seu próprio caminho. Esse caminho todo próprio do intelectual não precisa, necessariamente, ser um caminho correto a ser seguido por outros. Pode ser apenas um caminho, mais um caminho inventado no meio da mata. Mas é um caminho próprio. É a trilha do João que ‘não vai a lugar nenhum’, ou o atalho do José que ‘vai dar no precipício’. Mas continua sendo um caminho próprio talhado por um intelectual. Quase a totalidade dos trabalhos acadêmicos não apresentam trilhas novas, preferindo a segurança das trilhas já abertas por outros. Essas trilhas históricas são pavimentadas com frases pinçadas a esmo das obras de grandes autores. São trabalhos cujo exercício principal é muito idêntico à montagem de um mosaico ou quebra-cabeça de peças de uma fotografia. Aqui e ali cabem frases de Friedrich Nietzsche, Paul Veyne, Gaston Bachelard, Jacques Derrida, Michael Foucault ... e o trabalho está recheado de tudo, dizendo nada de novo.

Então, esse ensaio é isso: o caminho do Magru que pode dar no precipício ou em lugar nenhum. Mas, é, inegavelmente, ‘o caminho do Magru’. Uma tentativa de pensar por conta própria. Um esforço de parar para pensar, meditar, refletir sobre coisas que são consideradas importantes. Na História o conceito de **tempo** é importante. Então, por que não pensar sobre ele? Por que não estabelecer um diálogo honesto entre os conceitos apresentados pelos grandes autores e cientistas [da física quântica por exemplo] e os meus próprios pensamentos? Por que tenho sempre de seguir na trilha segura de reproduzir outros? Uso a minha liberdade de trilhar um caminho que pode me levar a ser considerado um idiota. Mas sou feliz por ter a liberdade de pensar e andar pelo meu próprio caminho ... como um idiota. Em uma estrada paralela a este meu caminho, milhões seguem tranquilos e seguros, no piso pavimentado por Platão, Aristóteles ... tendo a pretensão da genialidade dos doutores.

Boa leitura!

UM TEXTO QUE ESCREVI ANTES DE LER BACHELARD

Todo texto tem um autor e este autor tem seu olhar – artístico, filosófico, científico – determinado por seu tempo. Cada tempo faz emergir seus valores, necessidades, urgências, prioridades ... O texto histórico é autoral, porque respeita a idiosincrasia, e, temporal, porque o autor reflete o espírito de sua época. Isso vale até mesmo para aqueles autores que são considerados ‘Fora do seu tempo’ ou precoces: Leonardo Da Vinci, Júlio Werner, todos os utopistas e autores da ficção científica

Contudo, há nisso muitas armadilhas ao gênio. Aquele homem das letras que notadamente é um ‘fora da curva’ ou ‘fora de série’ e, que pretendendo contribuir com a história acaba inibindo sua própria genialidade – que sempre traz consigo ideias inéditas e atemporais – pela necessidade de atender aos anseios da gente de seu tempo.

O tempo histórico que vivo, por exemplo, poderá ser conhecido no futuro como o tempo do ‘politicamente correto’ excessivamente correto. Algo que inviabiliza escrever com genialidade qualquer texto histórico. Primeiro porque há uma imposição temática quase autoritária. O historiador tem de falar sobre gênero, racismo e não pode falar em cronologia. O ‘mito fundador’, por exemplo, foi demolido e a cronologia foi ‘desconstruída’. De Nietzsche a Foucault o caminho é desconstruir a lógica newtoniana e tudo que possa supor relação com a ideia de causa e efeito. Descartes, então, nem é possível citá-lo ‘*em passant*’.

O problema dessa desconstrução cronológica é que, no final de tudo, teremos uma colcha de retalhos que gerações futuras não saberão como utilizar. Recortes e mais recortes, como sobras de uma fábrica de roupas onde essas sobras viram estopas para limpar as mãos em postos de gasolina após a troca do óleo do carro. Tecidos lindíssimos, aos pedaços, nas mãos inábeis, viram apenas estopas.

Artigos, ensaios, teses, dissertações tudo feito no formato de recortes. Recortes que não precisam de começo – meio – fim para comprovar sua racionalidade porque existem ‘*per si*’ como castelos no ar. O historiador que aceitar essas duas imposições da nossa era – tema politicamente correto e narrativa não-linear – dificilmente estará escrevendo para o futuro. Pode fazer sucesso na academia, no seu tempo presente, mas dificilmente deixará um legado de genialidade porque deixa estopa no lugar de uma peça perfeita, como um vestido ou uma camisa.

O historiador deve lutar contra o modismo, mesmo que ele seja imposto pelos

doutores da academia, donos e mandatários do cartório que expede com exclusividade os desejados diplomas. Um cartório que, nas suas aulas de humanidades, é dominada por uma esquerda autoritária e mesquinha que filtra as mensagens, produções, discursos ... de tal sorte a destinar ao lixo tudo o que não estiver de acordo com sua ideologia condorista excessivamente egoísta e antilibertária. Do outro lado temos uma direita fascista com a Bíblia em mãos. No meio temos os 'neutros' e 'isentos', canoieiros remando de mãos limpas em um rio de sangue originário das guerras seculares entre direita e esquerda. Resta ao gênio, portanto, o anarquismo pacifista ... a liberdade de não se inscrever nas fileiras de grupos e grupelhos, partidos, seitas e instituições doutrinárias diversas. Só o gênio sabe o verdadeiro sentido do termo SOLEDADE.

UMA CAIXA

Somos um pequeno recipiente onde vamos, momento a momento, depositando experiências/vivências de nós próprios. Nessa caixa, o outro, o objeto, o externo, só entra como algo que nós pensamos e formatamos. Assim, Napoleão entra nela não como Napoleão, mas como o Napoleão que eu penso louco ou herói. Só existe em mim o que efetivamente eu sou e vivi. Não existe em mim o 'Napoleão' mas o 'Napoleão que eu penso'. Mas esse Napoleão que eu penso, por sua vez, já é um Napoleão pensado a partir de outros Napoleões pensados ... Muito do que sou, portanto, não tem nada a ver com a realidade em si.

Cada vivência é uma carta que vai sendo posta uma sobre a outra de sorte a termos, com o passar do tempo [e é possível afirmar que o tempo passa?] uma história de vida. Mas, essa caixa tem uma determinação física. Ela é limitada. Tem uma tampa que lhe oferece resistência à infinitude. Somos finitos e a caixa, portanto, tem uma tampa que lhe estabelece finitude.

Quando aceitamos a ideia de que nossa caixa existencial tem uma tampa, aceitamos sua finitude. É-nos possível perceber que há um espaço ainda a ser ocupado por nossa existência. É o espaço do futuro. O futuro está em relação dialética com o passado, porque o passado ocupa espaço que já fora do futuro. O futuro é um espaço/tempo a ser ocupado. O passado é o espaço/tempo ocupado. Nossas vivências são as cartas depositadas sucessivamente uma sobre as outras.

O presente tem a característica de ser sempre a carta de cima do bolo. O presente sempre se atualiza sobre si mesmo. Só ele é pura realidade. O presente é absoluto,

concreto, irrefutável, inquestionável, verdadeiro. O presente só constitui ele mesmo. Sua composição não serve nem ao passado nem ao futuro. O presente tem essência própria, única e intransferível. Só ele é. A natureza do presente está em ser a carta de cima, enquanto a natureza do futuro é não-ser enquanto realidade presente, sendo simples projeção ou possibilidade de ser; a natureza do passado é a de ser as cartas depositadas abaixo da carta presente. só o presente basta por si e para si, porque o futuro é espaço ainda não-vivido, isto é, transformado em presente concreto. Já o passado tem sua existência vinculada ao presente, por ser apenas a carta de baixo. Sem a carta presente, o passado não teria qualquer sentido. Nisso faz sentido dizer que olhar para o passado é sempre promover uma releitura a partir do olhar presente.

O HISTORIADOR

A caixa é a nossa existência no tempo/espaço. Fora dela o ser não é possível, porque eu sou apenas o que eu vivo. Só existe para o ser aquilo que ele assimila. [Daí a expressão sartriana ‘o ser e o nada’ ?].

Percebemos que o futuro não é nada. Ele é o devir-a-ser, a existência a ser realizada no processo. O Nada está para além de toda a existência, enquanto o futuro está numa relação dialética com o passado. O futuro faz parte da existência do ser. Tirar o futuro é, automaticamente, decretar o fim do ser enquanto-ser.

Se um historiador chegar a refletir sobre essa realidade dada [da caixa fechada e incompleta] poderá analisar o material nela depositado. Com as cartas em mão fará uma reflexão sobre natureza e essência. Retira as cartas da caixa e as coloca sobre a mesa.

Como primeira conclusão ele estabelece que as cartas são a história de vida do ser. Como ele tem cinquenta cartas, são essas cinquenta cartas seu ‘tempo de vida vivido’. Elas estão cronologicamente depositadas uma sobre as outras, em sucessão de acontecimentos. Com isso ele conclui que a existência segue em continuidade, sem rupturas, porque ao longo do tempo não existe espaço para outra coisa senão cartas. E demonstra isso deitando as cartas sobre a mesa de forma que todas possam ser vistas parcialmente.

A terceira conclusão que estabelece, ao ver as cartas ordenadas sobre a mesa, é que uma precede a outra por ordem cronológica e de dependência invertida. A carta **cinquenta** é resultado da carta **quarenta e nove**, que é resultado da carta **quarenta e oito** e assim sucessivamente, até chegar à carta um – o nascimento do ser.

Como bom pesquisador, vai em busca de detalhes que possam mostrar características específicas de cada carta-momento do ser. Então ele percebe que todas as cartas possuem a identidade geral de serem momentos vivenciados que constituem o ser. Depois percebe identidades entre cartas em particular e que é possível, além da cronologia, estabelecer outros critérios de ordem dessas cartas. Inventa categorias temáticas, para melhor estudar essa identidade entre cartas determinadas, e, as separa por categorias. As cartas **um**, **oito** e **quinze** pertencem à categoria ‘educação’; as cartas vinte, **vinte e oito**, **cinquenta** pertencem à categoria ‘profissão’; as cartas **três**, **trinta** e **quarenta e dois** pertencem à categoria ‘família’ ...

Percebe que dá de agrupar as cartas **um**, **oito** e **quinze** porque dizem respeito à vivência educacional do ser e com elas forma a sua história no setor de educação. Agrupa as cartas **vinte**, **vinte e oito** e **cinquenta** e compõe sua história profissional. Agrupa as cartas **três**, **trinta** e **quarenta e dois** e compõe a história familiar do ente em estudo, sempre mantendo a cronologia em que as mesmas foram encontradas.

Ao numerá-las o pensador se assegura de que os fatos não serão dispersos de forma que a história corra o risco de perder o seu sentido de entendimento pleno. Numerando as cartas [processo de datação] o estudioso estabelece duas histórias do ser: a sua história geral pelas cartas de um a cinquenta; histórias temáticas específicas: educação, profissão, família, sociabilidade, esporte ...

Para o estudioso da vida desse ser fica claro que a carta **um** vem antes da carta **dez** e que esta ordem tem de ser mantida para que a história de vida seja compreendida pelos demais seres que vão tomar conhecimento da narrativa de sua história. Na história educacional do ser, é óbvio, que o ensino primário vem antes do ensino superior. Um vem antes de dez. Não há a menor possibilidade de dez ficar atrás de um. Isso atenta contra a lógica e, a História, como toda ciência, não pode atentar contra a lógica.

O PENSADOR

Mas eis que chega um livre pensador e afirma que a história daquele ser não está determinada pela sequência cronológica de um a cinquenta, mas pela simples existência das cartas independentemente de sua ordem. Afirma que a vivência do ser não está estabelecida pela ordem das cartas, mas tão-somente pela ESPESSURA do monte que elas próprias constituem. Ato contínuo, mistura todas as cartas para comprovar que a espessura do monte de cartas continua a mesma. Vendo aquele monte fora da ordem,

mas, com a mesma espessura, ele passa a defender a ideia de que só o presente é real e absoluto e que o passado é a base dessa existência absoluta. Para se constituir como base para o presente o passado basta ter-sido, ser espessura.

Então o passado é uma base de sustentação ao presente que não necessita da ordem cronológica para cumprir sua função. O importante para a existência é que tenha uma base onde o momento presente seja depositado e apoiado. Se esta base está em ordem de um a cinquenta ou de cinquenta a um, nada muda o momento presente, porque ficou mantido o essencial da existência do ser, a espessura das cartas-vivências. Temos cinquenta cartas independente de qualquer ordem estabelecida entre elas.

Em seguida o nosso interlocutor afirma que é possível estabelecer a história do ser respeitando qualquer condição em que estejam dispostas as cartas, já que elas são de natureza psico-moral e não material. Isso afirmando, retira a carta **um** e coloca atrás da carta **quinze** e estabelece uma história educacional do ser a partir do seu curso de mestrado – carta quinze – até chegar ao ponto em que registra o curso científico – carta oito – e questiona sua postura em sala de aula na juventude. A carta oito é posta sobre a carta quinze possibilitando ao ser elaborar uma releitura de sua existência. As cartas oito e quinze ou quinze e oito, são a base para a existência de um novo momento: a carta cinquenta e um.

Nesse processo a única coisa real é a carta cinquenta e um. As cartas oito e quinze são bases feitas de memória de algo que foi e que permanece como um sulco na terra deixado pela água da enxurrada. Sempre que o passado é revisitado ele tem de ser recriado, tem de ser transformado em presente real. Portanto, estamos sempre dando novos significados ao passado, reelaborando, refazendo, estabelecendo novas conexões a partir dele ... misturando as cartas e promovendo novas combinações de análises.

Em determinado momento da minha vida eu odiei profundamente o meu nome Hélio, porque o professor de Química ajudava a turma a fazer ‘*bulling*’ comigo usando a informação de que na tabela o Hélio era o elemento mais leve da natureza [isso na década de 1970, depois encontraram novos elementos]. Ligava esta característica do elemento Hélio com o fato de eu ser muito magro. Uma coincidência que ajudou aqueles que queriam fazer ‘*bulling*’ comigo. Mas, já adulto, eu percebi que ser leve podia também significar que eu era o mais livre de todos os elementos, e, liberdade não tem preço. Passei a fazer uma nova leitura do meu nome. Então, a carta vinte e cinco foi base para a carta cinquenta e dois e não a carta cinquenta e um... pelo menos em toda essa questão envolvendo as minhas frustrações nos relacionamentos pessoais por ser

magro e ter o nome do elemento químico mais leve.

O que aconteceria se eu não pudesse tirar a carta vinte e cinco da ordem cronológica? Como poderia apresentá-la na emergência do momento cinquenta e dois?

Disso se conclui que o mais importante do tempo não é sua ordem cronológica, que é pura convenção, mas sua espessura. As cinquenta e uma cartas estabelecem uma base que sustenta o momento presente. E sempre que é necessário o presente dispõe de qualquer carta para se realizar enquanto realidade plena. A quantidade de cartas sobrepostas impõe apenas uma condição ao presente: se temos cinquenta cartas o momento presente terá de ser, necessariamente, a carta cinquenta e um. Não importa o que aconteça ou não aconteça, a carta será inevitavelmente a carta cinquenta e um. Porém, ela não será consequência direta e absoluta da carta cinquenta, mas de todas as cartas - dispostas obedecendo a cronologia da vida ou dispersas aleatoriamente.

Uma imposição da natureza das coisas estabelece que o momento cinquenta e dois não poderá ser o momento dez ou cem. Essa aparente ordem natural é que possibilita o erro de datar as coisas e as colocar em ordem fixa. O momento cinquenta e dois só poderá ser real como carta cinquenta e dois, não poderá ser real como cinquenta e um ou cinquenta e três, porque o momento é sempre a carta de cima do bolo e naquele exato ponto da existência do ser a espessura é cinquenta e dois, nem mais nem menos. Na verdade, para a existência em si do ser, nada representa o número cinquenta e dois, o que temos de real é que há um momento sendo vivido no presente que utiliza uma base preexistente com uma espessura específica de cinquenta cartas e não de vinte ou de dez cartas. O que importa é a relação dialética entre a carta-presente e a espessura da base em que ela é sustentada.

Os historiadores que defendem a cronologia como '*conditio sine qua non*' para se ter uma racionalidade histórica, não compreendem que o momento cinquenta e dois só precisa de cinquenta e uma cartas para se estabelecer como momento cinquenta e dois, e, não que elas estejam em ordem crescente. Para se constituir de fato o momento cinquenta e dois pode fazer emergir para próximo de si qualquer uma das cartas abaixo. Tem mais, pode combiná-las à sua revelia e necessidade, promovendo conexões entre cartas que anteriormente não tinham qualquer relação.

HISTÓRIA E RUPTURA

O presente não tem a capacidade de ressuscitar o passado enquanto ser de fato.

Só o presente é. O passado sempre é revisitado porque ele é a base de sustentação do presente e nada mais do que isso.

Ao visitar o Museu Casa Guilherme de Almeida [São Paulo, abril de 2019] encontrei na parede de um dos seus cômodos uma referência à sua participação na Revolução de 32. Ele lutou ao lado dos revoltosos paulistas e foi exilado, tendo muito orgulho dessa sua posição cívica contra o ditador Getúlio Vargas. Acontece que sempre estudei a História olhando com olhar de itajaiense. Isso significa dizer que tudo o que li sobre a Revolução de 32 me levava a pensar e escrever com tendência a valorizar a participação do batalhão liderado por José Eugênio Müller que lutou contra os paulistas. Nesse batalhão estava alistado o grande escritor Juventino Linhares.

Então, no dia 04 de abril de 2019, eu me vi dentro da casa do revoltoso paulista Guilherme de Almeida, imaginando dois grandes escritores [Guilherme e Juventino] lutando em pleno campo de batalha. Esse momento, obviamente, nunca existiu para a História do Brasil, mas existiu para mim como reelaboração de passados. A mente me dispôs cartas e as manipulou livremente. Um fato de 1932 é guindado à emergência da minha realidade de 2019. Esse momento, com certeza, vai servir de base para tudo que eu escrever sobre a Revolução Constitucionalista daqui para diante. A partir desse momento, no meu passado existe uma carta onde História e ficção se fundiram. Um momento vivido em 2019 passa a ser uma carta que me possibilita a reelaboração do que penso sobre outras cartas.

Não importa a ordem em que estejam guardadas as cartas-momentos, elas têm a capacidade de:

- 1 – emergirem a qualquer momento
- 2 – combinarem-se ilimitadamente
- 3 – serem reelaboradas para constituir uma nova carta-momento.

Então, agora, parece evidente que a História pode e deve contar em seu método com a condição material-psicológica da ruptura. Para eu pensar sobre a Revolução de 32 não precisei obrigatoriamente de ter reelaborado todo o meu conhecimento sobre a Revolução de 30. Isso até vai acontecer, mas em outros momentos que ainda estão no espaço/tempo não realizado, o futuro.

Não é a História que não se repete, é a vida. Basicamente porque o passado não-é. Tudo que se estabelecer como presente tem a essência DE SER INÉDITO. Daí sempre dizer que o momento-presente é feito de uma releitura de um momento-passado. Releitura, reordenamento ... não é algo em si, mas suporte na espessura do tempo

vivencial.

A qualquer momento uma dessas cinquenta e duas cartas apresentadas anteriormente pode emergir na consciência do ser, sem respeitar qualquer outra lei senão a lei da necessidade histórica. Isso significa dizer, em Filosofia, que uma carta emerge para sustentar a base de um novo momento por ser ‘necessária’, isto é, não pode deixar de ser assim.

A mente humana faz conexões em todas as direções possíveis. Seu processo funcional-produtivo nem é retilíneo, nem cronológico, nem lógico, nem metódico ... A mente humana estabelece conexões à revelia de tudo que o homem inventou sobre e para ela. A mente humana tem uma necessidade imposta única e exclusivamente estabelecida por sua biologia. E esta biologia tem como lógica a sobrevivência. Viver é tudo para o ser vivo. Há uma inteligência toda própria do ser vivo que está para além de lógica e razão. O projeto de viver é imperativo e determinante no ser vivo, o resto é invenção humana sem correspondência na natureza.

Essa condição biológica da mente humana condiciona sua funcionalidade por completo. Sendo assim, ela faz as sinapses que são possíveis, à revelia de qualquer outro critério que o ser lhe queira impor. Esse caos anárquico no processo de pensar é que possibilita ao ser usar toda a espessura do seu tempo vivido em todas as oportunidades possíveis. Se uma conexão for possível, tenha certeza, o cérebro a fará. Se vai ser usada ou refutada, é uma segunda questão que diz mais respeito à moral do que às ciências, incluindo a História. Por isso é possível, por exemplo, o exercício que chamamos de *brainstorn* – tempestade de ideias. Aqui cabe também aquela situação em que a pessoa mesmo se surpreende com que está pensando e se pergunta: ‘Por que pensei isso?’. O processo de pensar é aleatório, anárquico, abrange tudo o que é possível para o cérebro naquele exato momento. Não precisa de cronologia, nem de método, nem de lógica, nem da verdade ou de qualquer outra regra ou conceito. A mente humana é livre no momento de estabelecer as sinapses ... depois é que os filtros são fixados. Os filtros estão na mente humana muito além das sinapses.

A razão pode estabelecer critérios, através de metodologias, que garantem a impossibilidade da carta-momento dezoito se relacionar com a carta-momento trinta. Geralmente nesses casos afirmamos: ‘Nada a ver’ ou ‘Isso não faz sentido’ ou ‘Não quero pensar isso’ ou ‘Não quero pensar assim’ ou ‘Isso não é aceitável moralmente’ ou ‘Isso não é útil’ ... Mas, se a mente promoveu a sinapse entre as cartas dezoito e trinta, pode acreditar, a relação existe de fato querendo ou não querendo, aceitando ou não

aceitando. A sinapse é o único critério de veracidade total e absoluta. Uma realidade inquestionável para o ser vivo humano. Tudo que surge com uma sinapse é real para a mente que a produz, não como algo vivo ou material, mas como propriedade de sentido.

Talvez esteja aí um sinal de ruptura, e toda ruptura tende a ser recusada inicialmente por causar desconforto. A própria existência de diversas escolas da História e suas respectivas metodologias e focos/enfoques, emergências temáticas, garantem a veracidade dessa condição imperiosa da espessura do tempo vivido. Existem escolas historiográficas pelo mesmo fato que existem diversos jogos de carteados. As cartas são dispostas a partir de regras estabelecidas de comum acordo. Mesmo em um jogo tradicional, como a canastra, é possível encontrar dezenas de variações na maneira de jogar.

Com a História não é diferente. Estabelecido o método com suas emergências temáticas, o resto é consequência do uso da espessura do tempo vivido. Se vão utilizar só as cartas ímpares ou só as cartas pares, só as pretas ou só as vermelhas ... é uma questão de convenção e não de realidade. Os historiadores inventam metodologias e, depois, quando delas surgem obrigações de mentalidade, atestam ser isso verdade histórica, quando na verdade não passa de manipulação grosseira de algumas sinapses bem elaboradas pela mente e sua biologia. Sinapses selecionadas e retiradas do convívio com outras sinapses que não interessam àquela maneira específica de pensar e fazer ciência.

Nesse sentido, toda escola, corrente, metodologia, tendência, ideologia ... não deixa de ser um atentado à liberdade de pensar. A mente humana é anárquica e somente em um campo livre e anárquico tem condições de produzir em sua plena competência. O regramento metodológico ou ideológico, qualquer regramento e qualquer método, não deixa de ser um atentado contra a inteligência humana travestida de pensamento ordenado e superior. O ser humano, há muito, aprendeu a valorizar o que está organizado, ordenado, selecionado, formatado, posto dentro de critérios pré-estabelecidos... dando a esse tipo de pensar o pomposo e honroso título de ciência. Mas para a História isso é uma desonra ou nada. Absolutamente nada.

O que é não precisa de método para ser compreendido na sua essência porque, em última instância, o que é é em absoluto. Todo método, todo sistema filosófico ou organizacional tira do que é [o presente absoluto] sua essência nítida e transparente e lhe coloca cortinas e opacidades. A mente, com seu imperativo biológico, está preparada para compreender de imediato a realidade em si. O método pode ser instrumento prático

para a parte racional da mente, mas não para ela em si. Não podemos acreditar confusamente que a razão é o todo da mente humana porque está longe disso. Muito longe.

O dano causado na História por essa maneira de ver a mente humana é grave. Mais e mais bons intelectuais ficam presos a método e sistema inibindo por completo sua mente, e formatando a ciência histórica empobrecendo-a sobre todas as maneiras. Mas, seria possível a realização de uma História sem método? A resposta será positiva ou negativa dependendo do que nós estabelecermos como História. Se vemos a História como ciência a resposta é rápida: não! Toda ciência necessita de método e sem ele não se constitui.

Mas a História é ciência? Pois, então, parece haver aqui uma inversão de proposições. Primeiro se estabelece a necessidade da razão, esta estabelece a necessidade da lógica e, esta, a necessidade do método, e, este, acaba por definir a atividade daí decorrida e entendida como ciência. Claro que o método particular confere à História o *status* de ciência. Mas nem o método é necessário, nem a História precisa do *status* de ciência para ser o que é. Quem precisa desse *status* de ciência é o historiador que projetou uma carreira acadêmica e viver nos círculos intelectuais dos grandes centros e casas editoriais de renomes internacionais.

Portanto, a questão pode e deve ser vista de outra maneira. Se o que é nos é apresentado em nível de compreensão direta à mente, para que estabelecer método? Se o presente – que é em absoluto – tem a propriedade de se revelar por si só e espontaneamente, para que método? Não teríamos justamente de fazer o contrário? Deixar a mente livre e limpa para ter condições de receber uma informação do meio ambiente de forma natural numa comunicação direta estabelecida pela biologia ou química dos seres e objetos?

A História enquanto ciência não está em condições de compreender a verdadeira realidade e suas rupturas naturais. O método feito com esse propósito o torna impossível. O sentido natural da ruptura no tempo vivido só pode ser compreendido em toda a sua magnitude por aquele pensador que não lhe impor as emergências das ciências. Porque a ciência sempre cria armadilhas e obstáculos para os quais não tem solução. Daí que o Marxismo acabou se constituindo num estruturalismo ortodoxo e, todas as ciências ficaram com feições Positivistas. Contudo, conseguem muito bem mascarar essa triste realidade que as levou a um empobrecimento do ato de pensar, porque o que não falta é intelectual querendo provar o que melhor lhe convém na

carreira acadêmica ou literária.

O OUTRO

O ser não pode ser o outro porque neste caso seria ainda ele e não outro. Mas o ser pode ter consciência ilimitada de outros e manter relações e interações substantivas com o outro. O ser reage ao outro e atua com o outro. Essa relação do ser e o outro se dá pela consciência do ser do outro. Eu percebo o outro e significo e resignifico sua existência no momento-presente ou por acesso a cartas-momentos dele que tenho acesso.

O outro é para mim não o ser em si, mas outro que não o ser em si - eu e ele. É como se, no nível psicológico, o ser fosse Deus com a capacidade de criar o mundo e os seres. Mas, fundamentalmente, é o que somos: deuses. Tudo, absolutamente tudo de que temos consciência é criação nossa. O ser cria um mundo paralelo, análogo, ao mundo real. A percepção de mundo não é a realidade em si, mas a realidade pensada pelo ser que vive no momento-presente. Existir é criar infinitamente.

DE PLATÃO A KUNDERA

Platão me falou, ainda na juventude, sobre o uso do tempo como fundamento da criatividade/produção. Algo que podemos sintetizar como o 'ócio produtivo'.

É claro que podemos tratar o tempo em várias dimensões e enfoques de abordagem. Mas o tempo da História é o nosso foco, nossa questão-problema. Não temos dúvida que a História está completamente absorvida pelas trapaças da psique humana. Por isso, também, nos parece legítimo falar do tempo psicológico no olhar histórico do ser comum. Como o tempo se enreda nas tramas da *psiqué*, então, não há porque não se relacionar verdade histórica e *psiqué* pois o que vale para o ser-enquanto-ser é o que ele pensa e sente, não o que é efetivamente real.

Visitando o Museu Histórico da Migração Japonesa no Brasil [Bairro Liberdade - São Paulo] deparei-me com um fato histórico que me levou a pensar muito nesta questão da verdade histórica. Aconteceu que no final da Segunda Grande Guerra a quase maioria dos imigrantes japoneses no Brasil simplesmente não acreditou que o império tinha perdido a guerra. Mais do que isso, a colônia japonesa no Brasil entrou em uma verdadeira guerra civil entre os kachigumi ou vitoristas - que não acreditavam

na derrota como fato consumado - e, os makegumi ou esclarecidos - que sabiam e aceitavam a derrota como fato consumado. A maioria reagiu e matou, impondo sua versão da realidade à toda colônia, de negação da realidade. Foi empreendido muito esforço para estabelecer a ordem na colônia e fazer os vitoristas aceitarem a dura realidade da derrota.

Ora, se o ser tem essa capacidade de não aceitar e acreditar em um fato consumado - real, absoluto, inquestionável - do momento-presente, imaginamos o que não pode fazer quando se vê diante de relatos do passado, da história enquanto relato de momentos fora do presente. Se o momento-presente, com sua força coercitiva de ser em absoluto não consegue curvar a maioria à sua condição de ser inquestionável, o que fazer quando essa gente resolve ler textos e contar histórias e estórias? Nessa relação entre *psiqué* e História estão, por exemplo, todos os revisionismos, como é o caso da teoria de que o holocausto não existiu de fato; bem como, teorias gerais que chamamos de ‘teorias da conspiração’; ou, ainda, ideias como ‘Elvis não morreu’, etc.

Em História, antes da verdade a ser imposta pelos fatos, temos a psiqué humana impondo suas trapaças, filtros, vontades, ideologias, ideossincrasias e patologias diversas. Um texto de Milan Kundera no livro ‘A Lentidão’ belisca de leve esse monstro chamado tempo psicológico. Diz Kundera:

O homem curvado em sua motocicleta só pode se concentrar naquele exato momento de seu vôo; agarra-se a um fragmento retirado tanto do passado como do futuro; é arrancado da continuidade do tempo; está fora do tempo; em outras palavras, está num estado de êxtase; em tal estado, não sabe nada de sua idade, nada de sua mulher, nada de seus filhos, nada de suas preocupações e, portanto, não tem medo, pois a fonte do medo está no futuro, e quem se liberta do futuro nada tem a temer. [pag.05]

No estado de êxtase, nesse caso específico proporcionado pela velocidade que o personagem imprimiu à sua motocicleta, ele é ‘arrancado da continuidade do tempo’ ele ‘está fora do tempo’ e nisso já não sente o tempo passar e sequer tem noção de passado (teria de pensar nos laços familiares que construiu ao longo da vida - o que não lhe é possível nesse exato momento) e futuro (teria de pensar na sua vida e de seus dependentes ...). A velocidade lhe entorpece os sentidos e consciência de mundo. O momento-presente é soberano e absoluto.

Esse pequeno feito do personagem de Kundera nos evidencia o quanto a *psiqué* humana influencia no tempo que percebemos e no tempo que vivenciamos. Não é um tempo cronológico apenas, puro, físico, absoluto, mas um tempo que, como já dissemos,

é condicionado pelas trapaças da *psiqué* humana. Em consonância com o pensamento que vem sendo cultuado dos gregos até Domênio de Massi, sentencia Kundera: '[...] *o grau de lentidão é diretamente proporcional à intensidade da memória; o grau de velocidade é diretamente proporcional à intensidade do esquecimento*'. [pag. 34-35]

Portanto, até a nossa condição física no estar-no-mundo [enquanto ser no momento-presente] subordina nossa relação com o tempo. Quem já não percebeu que o tempo passa mais rápido quando estamos fazendo algo agradável e, se recusa a passar quando estamos em uma situação desconfortante ou não desejada?

A questão aqui não é provar o óbvio [de que nossa mente interfere na relação corpo-tempo] mas de buscar detectar até onde a *psiqué* do ser-enquanto-ser interfere e estabelece padrões de convicção da verdade e formata uma história própria para si. Poderíamos falar, então, que cada ser elabora uma história toda própria para si? Em posse dessa história própria todo ser teria a capacidade de ser detentor de uma realidade própria, de uma possibilidade de ver o mundo no momento-presente de forma inédita e impossível de ser acessada pelo outro.

Cada ser detém as histórias de si e do mundo que ele percebe. Sendo assim, estaríamos falando sempre de histórias, nunca da Grande História ou da História Geral, etc. Depois voltaremos a desenvolver melhor essa questão. Por hora basta-nos perceber que o tempo-psicológico e a condição do ser-no-mundo e suas intencionalidades e paixões podem interferir na sua elaboração de realidade, verdade e História.

Kundera afirma que a velocidade altera nossos mecanismos de memória. Essa é uma questão essencial para a História nos dias atuais, porque tudo atualmente na História envolve justamente esse resgate das memórias do homem comum, do ser comum de todos os atores sociais indistintamente de seu papel social, status, classe, raça, credo, feitos, intenções ... A História depois dos Anales está se esforçando para dar voz aos seres até então invisíveis de nossa sociedade. e isso se dá através do resgate das memórias individuais de uma tal 'vida privada', tanto no plano psicológico como no plano da materialidade dos objetos.

Se a memória requer lentidão para estabelecer-se em plano de qualidade; se velocidade lhe tira qualidade, então, a História que estamos fazendo hoje [falo da História enquanto ciência] é uma história caolha, débil, frágil ... porque o mundo corre e as pessoas já não andam, voam.

A luta, portanto, é não deixar a velocidade levar o ser a esquecer ou, mais que isso, entrar em um estado psicológico onde já não sofre a ação do tempo. Este homem

que é jogado para fora do círculo de fogo do tempo seria, em qualquer condição, um homem desprovido de história e sem a capacidade de fazer História?

Essa é uma falsa questão, obviamente, porque o homem que anda em alta velocidade na sua motocicleta está em pelo menos dois círculos do tempo: psicológico e físico. Aí atuam Kairós e Chronos, respectivamente. O motociclista de Kundera se coloca para fora do tempo psicológico, mas, por outro lado, está sendo consumido pelo tempo físico. A velocidade é uma relação tempo/matéria cuja essência, o movimento, é uma impossibilidade. O movimento é uma impossibilidade física em si, mas, mesmo assim não deixa de ocorrer e de afrontar a razão humana desde os gregos. O homem se conforma com essa inexatidão do seu pensamento ao lembrar que essa não é a única grande incógnita do universo que lhe atormenta o espírito.

Mas, o que nos importa aqui é relacionar essa questão da velocidade/lentidão com memória/esquecimento. Será que teríamos de retornar a Platão e sugerir que uma elite de pensadores tivesse tempo o suficiente para no ócio resgatar e salvaguardar as nossas memórias? Diante da constatação de que cada ser constrói sua História e de que este mesmo ser não tem tempo de preservá-la na totalidade, estamos condenando ao esquecimento toda a história de todos, legando para as gerações futuras apenas pequenos lampejos do vivido?

Se o homem comum na corrida do dia-a-dia não tem tempo de preservar sua própria memória, teríamos no final preservada, pelo menos, a memória de alguns eleitos, e, outros, por puro acaso da sorte? As memórias de Juventino Linhares e Marcos Konder foram preservadas por eles próprios ao escreverem livros e artigos em jornais; as memórias de José Eugênio Müller e Pedro Ferreira e Silva foram preservadas, em pequena parte, por entrevistas e matérias jornalísticas. Mas onde estão as memórias dos milhões de itajaienses que viveram em nossa cidade entre 1820 e 2020? Daí resulta algo muito interessante em termos de História. A memória individual de Juventino Linhares acaba sendo articulada em novas narrativas históricas como se fosse a memória coletiva dos itajaienses e não tão-somente a memória individual de um itajaiense. O particular passa a ser coletivo, o singular passa a ser visto como plural ... e a farsa histórica está posta em definitivo.

Mas, não é exatamente o que ocorre até aqui com nossa História? De onde nossos cientistas tiram as informações para suas teses, dissertações e artigos científicos, senão dos jornais e documentos escritos por estes memorialistas do acaso? Mas, esses papéis todos não dizem respeito a alguns? Então, a História Geral será sempre uma

pretensão, nunca uma realidade em si, uma verdade científica per-si.

Kundera afirma que: *‘Há um vínculo secreto entre lentidão e memória, entre a velocidade e o esquecimento’*. Não considero esse vínculo tão secreto assim. A chave desse labirinto está justamente em entendermos que o tempo tem seus truques, manhas e artimanhas. O tempo atua em níveis físico e psicológico, e, também em um campo intermediário ou combinado deles. O que torna tudo muito relativo. No caso do motociclista há um espaço a ser ocupado pelo personagem entre os planos psíquico e físico. Algo que poderia ser materializado, quem sabe, entre um pensamento em milésimo de segundo do ponteiro do relógio.

Entre um TIC e um TAC do relógio tudo o que o motociclista pensou pode ter sido uma imensidão. Um raio contendo energia para iluminar uma cidade inteira, mas que o homem ainda não aprendeu a capturar para seu uso. Caiem milhares de raios por minuto no Brasil e ainda não sabemos capturar essa energia para colocá-la ao nosso pleno serviço.

Então, o mesmo vale para a questão do tempo e sua relação com a *psiqué* humana. Entre o físico e o psicológico o tempo atua no anonimato absoluto, porque é um campo onde o homem ainda não colocou os pés. Mas não seria aí justamente a morada do tempo? Em síntese: o tempo é físico, psicológico ou uma terceira coisa? Obviamente que o tempo é uma terceira coisa da qual o homem quase nada sabe, apesar de sentir sua ação de forma coercitiva.

Relacionar memória com lentidão já está escrito na história da humanidade como sendo parte de sua genética social. Homero era sobretudo a memória de um povo, assim como Camões restabeleceu a memória do povo lusitano. No antigamente os velhos eram considerados sábios justamente porque representavam a memória viva de sua comunidade. Que condição melhor para guardar memória do que a velhice se é nela que o homem para de correr? O velho é a memória não porque viveu mais, mas porque está parando, saindo do labor cotidiano. A lentidão da velhice é a condição para o revigoramento da memória.

Mas o tempo é um conceito e, como tal, não passa de uma invenção humana. Entra naquela lógica de Nietzsche do ‘humano, demasiadamente humano’ onde o homem inventa e depois esquece que inventou lhe parecendo algo natural. Mas, como toda abstração inventada, ela carece de ser ensinada, como bem nos lembra Pierre Janet e Gaston Bachelard.

O homem inicia sua trajetória sendo condicionado pela natureza externa. Por

milhões de anos vai construindo sua natureza interna. Sua consolidação dá-se nesse embate dialético entre as naturezas interna e externa. Em um determinado ponto dessa trajetória da humanidade a natureza interna subverte o poder de comando e o homem conquista e subjuga a natureza externa. Frio, calor, fome, doença ... um a um, os desafios vão sendo retirados e aquela espécie cujos indivíduos viviam em média trinta anos passa a proporcionar vida ativa até os oitenta, noventa, cem anos.

Mas, ao vencer o embate com a natureza externa o homem pagou um preço extraordinário tendo de se afastar em excesso do mundo real do aqui-e-agora, do presente-presente, do real absoluto. O homem passou a ser uma caricatura de si próprio e, ali na frente, terá de se ver diante de seres de inteligência artificial que não lhe reconhecerão como pai ou Deus.

O REAL NÃO IMPORTA MAIS

Quando o homem venceu o embate das forças das naturezas [externa versus interna] ficou completamente liberado de se reportar exclusivamente ao real. A realidade já não importa mais porque o homem criou uma realidade paralela - mental - à realidade física original, natural.

Tempo e espaço já não constituem mais barreiras e a mente humana está onde quer no tempo que pretender ser. Eis aí o perigo da História. Manipulada, pode remeter grande volume de pessoas a delírios coletivos. São muitas as farsas históricas que sinalizaram nesse sentido. O revisionismo vai ser cada vez mais forte e velhas teorias serão puxadas do porão da memória coletiva como se fossem verdades reveladas, ganhando a condição de carta-presente. Em plena pandemia do Coronavírus, em 2020, mesmo com o Brasil padecendo da morte de 127 mil pessoas, os negacionistas insistiam em dizer que tudo não passava de uma 'gripezinha' que 'a terra é plana' e que 'a vacina vai ser usada para controle chinês sobre o mundo'. Teorias da conspiração, revisionismo, conservadorismo religioso fundamentalista ... tudo se renova ciclicamente e a História se repete como farsa.

Essa possibilidade do delírio coletivo coloca a História como uma ciência da manipulação de massas, aliada à psicologia e outras ciências. Para um nazista um homem branco será sempre superior a um homem negro mesmo que a Biologia desminta peremptoriamente porque, em última análise, a Biologia tem capacidade de desmentir a própria Biologia, tornando tudo uma guerra de versões e narrativas. Tudo

não passa de escolher o enfoque e a abordagem. É a ciência da ciência onde tudo é válido porque tudo é afirmado e desmentido ao mesmo tempo por ela mesma.

O homem não está mais na natureza. Mas ainda precisa dela. Nisso difere dos *'robots'*. As máquinas autônomas não precisam da natureza para respirar ou se alimentar. Não dependem de fontes finitas de energia para se manterem vivas, sobreviverem. Uma vez postas no mundo, dado a elas a carta-momento do nascimento, nada mais precisam senão olharem para o sol e recarregarem suas baterias. Por enquanto o homem precisa da natureza para respirar, se alimentar, beber ... por enquanto os *'robots'* precisam do homem para serem aperfeiçoados. O homem é a natureza física do *'robot'*. Mas, assim como aconteceu com o homem - que suplantou a natureza física primordial - assim também será com as máquinas. Chegará o tempo em que elas serão totalmente autônomas, sem precisar da natureza imediata [luz, água, comida] e sem precisar do homem.

O homem ficará fora da realidade externa e o *'robot'* no comando de todos os mundos - físico e imaginário. O homem será preso em labirintos que ele próprio construiu. O nosso futuro é olhar para o céu estrelado e constatar que nossos *'robots'* estão vivendo utopicamente em Marte e Vênus, consolidando o paraíso que o homem soube inventar mas não soube construir para si próprio.

O que a História tem a ver com tudo isso? Ela será a ciência das ciências virtuais. Será a grande responsável por atestar as verdades absolutas inventadas para as mentes conectadas em grandes redes. Será mais do que apenas manipular informações, será a reinvenção do real, um mundo paralelo ao real ou para além do real. Matrix? Caverna de Platão? Utopias e distopias ...

Nisso, torna-se emergente toda a teoria platônica. O ciclo do debate entre Platão e Aristóteles volta com força total. Aristóteles fala do mundo real da ciência, Platão vai falar para o mundo mental da ciência. Retornamos à ascendência de Platão sobre as mentalidades.

O papel da História será atestar determinado conteúdo falso como verdadeiro. A História será o nosso cartório das mentalidades falsas. O carimbo da História estará marcado em todos os conteúdos propagados nas redes virtuais e só o conteúdo carimbado terá validade. A História, então, será a Nova Ciência do poder. Terá direito aos carimbos de *'Imprimi Potest'*, *'Nihil Obstat'* e *'Imprimatur'*. Por isso mesmo, logo ali na frente, o tempo ensinado [Pierre Janet] tornará quase indistinguível para o homem comum - e todos serão comuns porque o comando vai ficar com as máquinas - o que é

passado, presente e futuro. O homem não pensará, terá alucinações.

A MENTE É UMA TRAPACEIRA

“Li que a memória a longo prazo guarda lembranças a partir de uma certa reconstrução e abstração e que é por isso que pode chegar até o extremo de produzir memórias falsas” Paula personagem de ‘Aprender a falar com as plantas’ – Marta Orriolo.

Podíamos distinguir dois tipos regulares de atos de memória. O primeiro trata de gerenciar uma memória física, que existe e subsiste sem que tenhamos de agregar juízos ou qualquer outro mecanismo mental de controle e fixação. Eu sei onde fica a rua que nasci e vou até ela sem muito esforço mental, quase intuitivamente. É uma memória básica, regular, física.

A outra memória é uma literatura que compomos para nós próprios, mas, muitas vezes a socializamos. Esta memória é mais refinada e passou por ações impostas pela razão. De um fato vivido intensamente, picotamos, cortamos, dilaceramos momentos para depois remontar em forma de conto. Uma montagem literária a nosso gosto, mesmo se tratando de um drama pessoal.

Claro, as pessoas possuem níveis diferenciados de racionalidade. A mente está em relação dialética com a biologia do corpo como já vimos anteriormente. O homem aperfeiçoou a mente e esta se sobrepõe na luta dialética à necessidade da natureza física. Mas, há uma dialética do preenchimento onde a tendência é ocupar sempre os espaços vazios ou pouco ocupados, ou mal ocupados. Nessa dialética do preenchimento a força maior é da natureza física, porque ela é a natureza geradora, originária, creadora. É dela que saiu a natureza outra, a natureza humana, imaginática, mental. Na medida que a mente humana não tem capacidade, ou qualidade, para ocupar um dado espaço/tempo, a natureza bruta, instintiva, a ocupa rapidamente Nisso se destaca o instinto do ser.

É nessa lógica da dialética do preenchimento que devemos entender a sentença de Bachelard: *A vida não tem como temer um fracasso absoluto. Se a inteligência se obscurece o instinto desperta.* [pag.14] e [...] *atrás da inteligência, o instinto mantinha sua salvaguarda.* [pag.15].

O homem venceu a natureza e a subjuguou, mas o homem ainda está na natureza e disso decorre que necessita, em tempo integral, afirmar-se como ser-próprio. Sempre que vacila nessa obrigação dialética, a natureza bruta reclama a retomada do seu

território original. O homem é um ser em absoluto estado de alerta. Há uma tensão em tempo integral entre intuição e razão. Isso dá-se pela existência de uma dialética do preenchimento.

A memória é envolvida por essa dialética entre as naturezas que compõem o ser. Se um determinado ser tem capacidade mental em qualidade suficiente para compor sua literatura memorial, então deixa pouco espaço para a memória bruta, não processada ou inteligível para si e para o outro que ouve o seu relato.

A memória é uma literatura que compomos de forma racional, daí advém, conforme nos lembra Pierre Janet: *é por isso que depois de alguns dias uma recordação é melhor do que no começo, está mais bem feita, mais trabalhada. É uma construção literária que se faz lentamente, com aperfeiçoamentos graduais.* [apud Bachelard, pag. 51]

Nesse sentido toda memória é autoral. Quanto mais racional a memória, mais compreensível e mais transmissível ela se faz. Quanto mais instintiva, menos compreensível e menos transmissível ela se constitui para o próprio ser que a elabora. Daí, as vezes, termos a sensação de estarmos diante de uma pessoa que não tem memória, quando na verdade não se trata de falta de memória, como extensão de falta de vivência. Apenas estamos diante de uma pessoa que elaborou muito pouco a sua própria vivência e, por isso, não teve condição de elaborar sua própria literatura memorial.

O que ocorre é que a pessoa não perdeu ou se desfez da memória, mas simplesmente não trabalhou sua matéria bruta essencial. Os estímulos vivenciais estão guardados no corpo físico do ser, gravados, esperando um tratamento racional. Uns nunca promovem esse tratamento e passam a impressão de serem seres sem memória quando são seres sem literatura memorial. Deviam ser autoras de suas histórias, apesar de serem suas personagens principais. Temos o personagem, a trama e o autor, mas não temos a obra literária.

Nisso, resta ao historiador fazer emergir memórias, sem deixar de tomar o devido cuidado com aqueles seres muito criativos. As vezes encontramos relatos onde a pessoa - personagem da literatura memorial - sequer sabe exatamente o que é fato e o que é pura invenção própria, criando uma obra ficcional surreal. Perde o controle e já não sabe onde, exatamente, viveu e pensou, agiu e imaginou, elaborou e inventou, sonhou ...

Em Itajaí um bom exemplo dessa literatura memorial pode ser observada nos

relatos orais do octogenário Carlos Priess ou, antes, no médico José Eliomar da Silva, o Timbuca. Suas memórias são verdadeiras peças literárias oralizadas e/ou escritas. Eles nos passam a nítida impressão de que perderam a noção exata do que é realidade ou ficção, do que aconteceu e do que gostariam que tivesse acontecido ...

Ao historiador, portanto, convém confrontá-las com outras memórias, relativizando suas afirmações. Uma peça literária de memória não é documento, mas apenas indicação, impressão, sinalização, evidência de. O historiador sério, no exercício de sua ciência, tem de confrontar essas memórias.

O SENTIDO DA FINITUDE

A noção primordial de tempo para o ser pensante é a consciência temporal do seu próprio corpo. Para o sujeito o tempo tem uma escala finita que fica entre zero e cem anos. Tudo o que dura mais de cem anos, ou seja, mais que o próprio ser, é um tempo longo. Já dizia Protágoras que *'O homem é a medida de todas as coisas'*. Não que seja a única, mas é para si a medida primordial. A partir do seu próprio tempo o ser elabora sua relação com as outras camadas temporais e, em muitos casos, fica impossibilitado de ter noção exata do que está vivenciando. Nunca teremos, por exemplo, a exata noção da formação de uma rocha ou de uma planta. Uma rocha tem existência de milhões de anos e, a plantinha, existência de dias. O homem olha com olhar de cem anos e perde a capacidade de pensar em milhões de anos ou de dias. O resto fica por conta da pretensão da espécie de tudo saber e de tudo entender.

Não deixa de ser instigante, considerando essa noção primordial de tempo inscrita na própria existência do ser pensante, aquele cálculo que os cientistas fazem considerando estarmos em um outro planeta. Por esse cálculo, em 2019, na terra, eu, conto com 63 anos de idade. Mas se estivesse em marte teria 32 anos; em netuno, apenas 4 meses; em mercúrio, 257 anos. Qual seria a noção que o homem teria de juventude e velhice estando em netuno ou mercúrio? Seria a mesma que tem na terra? A noção de dia e ano seria a mesma? Portanto, a nossa noção de tempo está limitada ao ser e ao planeta em que habita este ser.

A inscrição temporal no próprio corpo do ser é sua referência mais concreta e ao mesmo tempo mais subjetiva. Um homem de meia idade vê sua barba surgindo tomando consciência de um tempo inscrito em seu corpo. Essa inscrição será utilizada para elaborar também seu tempo de ser enquanto ser, existência, o tempo do ser. Uma

pequena pinta senil em sua mão lhe propicia desencadear inúmeras relações temporais entre corpo, *psiqué* e memória.

Uma criança de dez anos considera vinte anos muito tempo de vida; um senhor de oitenta anos, diante de um jovem de vinte anos, diz: *ainda nem começou a viver para valer*. O tempo existencial de nossa espécie animal, no conjunto também se refere com o tempo individual e com a época em que se dá essa relação. Na Idade Média morrer antes dos quarenta anos era normal, enquanto nos dias atuais está começando a ser normal morrer aos oitenta. Ter vinte anos na Idade Média, no conjunto da espécie, era muito. Morrer aos quarenta anos nos dias de hoje é prematuro.

Obviamente que essa genética da espécie e essa inscrição temporal no próprio corpo do ser são suas referências temporais primordiais e se confundem em sua consciência de estar no mundo. Tudo o que pensar sobre tempo, mesmo que de forma intuitiva, tem essa noção primeira como base. A partir deste primeiro segmento o ser vai elaborar e sedimentar outras noções de tempo.

QUAL A DIREÇÃO?

O tempo cronológico é linear e se desenvolve sempre em uma única direção. Na sua lógica estática 1500 vem antes de 1800 e sobre isso não há o que se possa modificar sem, pelo menos, se perder seu fundamento lógico.

Mas a mente humana não processa as coisas do mundo de forma linear. A mente pode processar tudo ao mesmo tempo provendo sinapses em todas as direções em três dimensões. Enquanto o tempo cronológico corre em monotrilho sempre para frente, o tempo psicológico anarquicamente corre em todas as direções e no mesmo instante, mantendo em todas as sinapses a mesma qualidade. Daí resulta a impossibilidade de ocorrer uma coerência, sincronia, absoluta entre o tempo do mundo e o tempo do ser.

O tempo do mundo é primário, simples, retilíneo; o tempo do ser é complexo, intenso, total, indeterminado. Por conta dessa superioridade o ser pensante consegue subordinar um tempo ao outro, com hegemonia do mais complexo sobre o mais simples. Nesse sentido basta usar como referência nossa própria existência, porque quando se tem oito anos o tempo passa muito devagar. É tempo de ansiedade, espera-se uma infinidade pelo primeiro de ano, depois, o carnaval, páscoa, férias de inverno, aniversário, dia das crianças, natal ... Ali na frente há sempre um desejo a ser consumido ... e o tempo não passa. Depois de certa idade não se espera mais pela

páscoa ou pelas férias de inverno e suas festas juninas. Não incide mais a pressão do desejo de estar em um determinado momento fixado no futuro próximo.

Lembro, com angústia ainda, que a páscoa nunca chegava. Hoje, sequer sei exatamente quando é a páscoa. A minha mente já não projeta o futuro-próximo com desejo de estar ali e isso faz o tempo andar muito mais rápido, porque corre solto, sem pontos físicos estabelecidos no futuro-próximo. O desejo de estar em um ponto no futuro-próximo nos dá plena consciência do tempo físico modificando por completo a lógica do tempo psicológico. Uma dialética perversa que insiste em torturar crianças e jovens.

TUDO EM UM SEGUNDO

“Eu quero que me escreva de hora em hora, pois são muitos os dias de um minuto”. Julieta personagem de Romeu e Julieta – William Shakespeare.

O ser que pensa tem a capacidade de ter um momento de suspensão da realidade. Uma imersão não-corporal, mentalmente pura e, por isso, absoluta. Absorto em um pensamento o homem se retira, enquanto ser consciente, do mundo das coisas para ter consciência apenas de si e do seu pensamento. Não sente frio e nem calor, muito menos tem noção do tempo físico, o tempo do mundo. O ser, nesse momento tem a capacidade de pensar tudo ao mesmo tempo, como um raio que deixa consigo a energia capaz de iluminar uma cidade. Em um segundo, como raio, tudo pode passar por sua cabeça. Essa explosão mental, essa convulsão de lembranças e suas possibilidades de relações, esse caos ordenado do lembrar suspende o ser da realidade física. Um transe, estado do ser em si. Esse é o momento onde o sincronismo entre o tempo do ser e o tempo do mundo é praticamente impossível de existir. é como se o ser se retirasse mentalmente do mundo.

Estar ‘fora do ar’ no ‘mundo da lua’ é uma entre muitas maneiras do homem estabelecer o uso do tempo psicológico de forma prioritária, decisiva. Nesses momentos a ascendência, o poder de ação, é do tempo psicológico e não do tempo físico. A mente está no comando, não o corpo físico em si. Aqui, valeria um parênteses para esclarecer melhor a diferença entre os conceitos de MENTE e CÉREBRO, afim de que não haja dupla interpretação ou ideia equivocada sobre a relação mente-corpo. Mas esse não é o escopo do nosso trabalho ...

TRÊS EM UM

'Uma pessoa ansiosa e com medo do futuro vive tão presa quanto quem não se esquece do passado'. Thich Nhat Hanh - silêncio.

O homem é o único ser-no-mundo capaz de se envolver com as três instâncias temporais ao mesmo tempo. Vivendo o presente vai ao passado remoer vivências suas e dos outros; vai ao futuro buscar ansiedade. Sofrer através do pensamento pode ser um prazer para boa parcela da humanidade.

Mais que isso: o homem pode aprender com o passado seu e dos outros. Mais que isso: o homem pode aprender com o passado dos outros que não conheceu no seu presente, porque tem mecanismos de resgate e conservação de memórias. Mais que isso: o homem pode usar as experiências [sua e do outro] para projetar o futuro. Isso não é da natureza das coisas, não é do mundo original a que chamamos natureza. Isso é algo projetado para fora da natureza. O homem é um ser que se projeta, se pensa e se reinventa. O homem, em certo sentido, é o demônio bíblico: anjo que se rebelou contra o seu criador por querer ir além do que estava destinado a ele no paraíso celestial. Pensou sua própria utopia e a realidade lhe apresentou a distopia plena e absoluta.

Diante dessas possibilidades de utilizar os tempos do tempo, tudo em apenas um momento, o homem está fora da história natural, ou está para além da história. Pelo menos dessa história tradicional, cronológica, linear, causal ... Passa a ser um ser que se constrói em movimentos esferoidais, tridimensionais, sem obedecer a ordem do antes e do depois, do perto e longe, do passado e futuro.

Não é possível se relatar essa vivência porque não há uma ordem, regramento, sequência, hierarquia entre pensamento e ato, entre o pensar e o agir, entre ser e estar. O homem se consolidou como um ser não-histórico, porque não há mais como revelar sua condição existencial plena, sua composição formal de esfera giratória no vazio existencial do ser enquanto ser. Daí porque concordarmos com Paul Veyne quando afirma que *A história não é, portanto, uma ciência* e, obviamente, pomos restrições na sua afirmação de que *a história é uma narrativa de acontecimentos verdadeiros*. Recuperando a ideia de Janet, de que a memória é uma literatura, podemos dizer, com Janet e Veyne, que já não é mais possível fazer ciência com a história do homem, somente literatura. Uma literatura que surge ainda no seu subconsciente.

A história é literatura. Não um romance sobre acontecimentos verdadeiros como

supõe Veyne, mas um gênero próprio de literatura, como é o romance, conto, crônica, poesia, oratória religiosa, oratória política, jornalismo ... Os gêneros da literatura nada mais são que possibilidades de escrita e suas possibilidades formais. Contar história não é ter história. O homem conta e escreve história e pensa ter, com isso, história. tudo, pensando com Nietzsche, é 'demasiadamente humano'. O homem inventa e depois vê-se dentro de sua própria invenção como se estivesse em um mundo real. A realidade do homem se impõe ao homem como se fosse ela própria a realidade das coisas do mundo. O homem engana a si próprio o tempo inteiro.

A história é uma invenção datada vinculada à escrita. Isso não ocorre por acaso. É ali, naquele momento, que o homem aprisiona no presente contínuo da escrita o passado e o futuro. A escrita torna passado e futuro um presente perpétuo, contínuo. O Calendário Maia vai sombrear nosso presente para sempre: está escrito em pedra.

O homem tornou-se *ohmni*-ser para além dos tempos e da realidade do mundo espacial. Tempo e espaço já não dão conta de delinear o mundo humano e daí a impossibilidade do homem ser um ser histórico. Ao justapor, em um instante, passado-presente-futuro, sem ordem, sem hierarquia ou causa e efeito, o homem decretou a morte de sua história e se transformou, como um deus, um ser ahistórico, não-histórico, uma legenda inscrita na infinitude dos tempos.

A justaposição de todos os tempos ao mesmo instante coloca o homem em um outro tempo. Um tempo que a história não pode captar sua determinação ou essência. Isso porque o homem já não é real, já não é matéria, já não é objeto e, portanto, também está fora do mundo das coisas como um ser não-corporal. O homem reinventou-se de tal sorte que ainda não consegue se definir, ou se redefinir. É algo novo que não sabe o que é. Essa definição só virá quando, no futuro longínquo, teremos de diferenciar, por questão de sobrevivência da espécie, homem de 'robot' conforme nos vaticinou 'Blade Runner'. Aliás, esse filme está para o futuro da humanidade na mesma proporção que 1984 de George Orwell estava para o futuro da humanidade até aqui.

A história é um gênero literário que coloca o homem como protagonista e faz o próprio homem acreditar tratar-se de ciência. Tudo o que o tempo consegue aprisionar tem história e é histórico e por muito tempo o homem se viu nessa condição de ter história e ser histórico. Mas eis que de prisioneiro, o homem passou a carcereiro do tempo. Isto ocorreu com a invenção da escrita e, depois, novas tecnologias de presenciamento de tudo que não é presente. O homem aprisionou o tempo e lhe impôs a condição dele, e não o homem, ser histórico.

O tempo é histórico e o homem é seu carcereiro. Daí se estabelecer a condição da história ser gênero literário que sequer precisa, como supõe Veyne, relatar a verdade. Já não há necessidade do relato da verdade pelo simples fato do homem não ter mais a necessidade do real para viver e ser. O homem basta a si próprio enquanto ser que pensa.

O homem aprisionou o tempo e libertou-se da história.

O homem que se libertou da história ganhou a condição necessária para escrever a HISTÓRIA DO PRESENTE - a prova definitiva de que, para o homem, não há mais história possível vinculada ao passado.

LÓGICA DO TEMPO DOS DEUSES

KRONOS - quantidade - time is money - cronológico

KAIRÓS - qualidade - carpe diem - oportuno

O TEMPO DE CADA UM

O promotor cultural Vanderlei Dal Bello Lazzarotti escreveu na Internet em 2019:

‘Hoje parei o mundo por algumas horas! Consegui visitar o passado, respeitando ele como presente. Deste reencontro fica a certeza de que escolhas serão evitadas ou refeitas na retomada das horas. O que me deixa feliz é a certeza de que o futuro não será construído no alicerce de arrependimentos e frustrações.’

Essa reflexão de Lazzarotti, que se faz Deus ao parar a roda do tempo fazendo o passado ficar fixo e presente no seu exato tempo-presente, nos dá uma dimensão bastante interessante do tempo histórico: a dimensão do tempo próprio do ser. Uma visão idiossincrática.

Obviamente que ‘parar o mundo’ é uma expressão literária que expressa sua disposição em ‘parar o cotidiano’, deixar de lado as tarefas cotidianas visando à promover uma reflexão sobre sua própria vida. Uma reflexão que traz o passado para a frente e fixa-o no presente como presente, sendo uma releitura, uma projeção. Daí advém a capacidade de algumas pessoas de se reinventarem aos quarenta, cinquenta, sessenta ... mudar, girar noventa ou cento e oitenta graus e ser outra pessoa. A reflexão

coloca o passado como algo que sempre esteve presente em todos os atos do ser e por isso merece participar da gênese de sua reinvenção. Sem arrependimentos, traumas, dramas ... mas, firme no propósito da reinvenção ou da confirmação.

‘Parar o mundo’ é dar oportunidade para o passado mostrar sua cara, suas intenções e suas vitalidades, saindo da sombra onde se esconde o tempo todo. Sim, vitalidade, já que não se trata de algo morto, mas algo vivo, pulsante, determinante em tudo que se faz no presente e nas projeções do futuro. Não há projeto futuro sem esse olhar no retrovisor. É o passado que dá o chão para pisar e as estrelas para sonhar. Nesse sentido, alguns autores acabam percebendo o tempo como uma unidade indissolúvel ...

A MALA DO TEMPO

O aposentado Paulo Afonso Vaz, em 2019, era visto seguidamente no Calçadão da Rua Hercílio Luz, em Itajaí, andando a esmo, procurando um conhecido para trocar alguns dedos de prosa. Quando encontrava um conhecido puxava fotos, documentos, reportagens de jornais de uma pequena pasta preta e iniciava sua sessão da saudade, de exposição de suas aventuras como profissional da indústria pesqueira que percorreu a América Latina. Era um homem que antes de sair de casa frequentava o baú de suas memórias para escolher uma e outra que lhe poderia servir de apoio nas conversas de rua. O homem guardava na mala preta pedaços do passado que não podiam ser contestados por estarem devidamente documentados.

O passado dá-se a este papel de iludir até mesmo o seu dono. Traveste-se de recorte de jornal ou foto e finge ser a realidade vivida na sua plenitude. Mas, na verdade o que Paulo menos queria é falar das suas idas e vindas pela América. Ele queria é existir para o outro. Ele queria ser alguém para o outro. Ele queria existir, ser ouvido, ter importância, participar, interagir, estar ali na comunidade sentido a brisa suave e confortável do pertencimento. A mala de Paulo trazia a vontade de estar vivo.

RECORTES E DISPUTA DE NARRATIVAS

Alfredo Otto Rudolph escreveu um livro intitulado ‘Tudo começa com uma semente’. Obviamente que este título apresenta um recorte de narrativa que vamos considerar a escolha do começo. Todo creador tem a difícil missão de escolher o

começo, o 'fiat lux'. É a partir desse começo que a trama histórica sustenta seu fio condutor, o fio de Ariadne.

A história do Vale do Itajaí, por exemplo, é sempre, a história do homem branco colonizador. A 'semente' é a chegada do branco. O resto é pré-história ou invisibilidade histórica. Muitos são os textos onde encontramos expressões que dão conta dessa narrativa histórica que escolhe o início do processo histórico em algum ato do homem branco. O fundador de Itajaí é uma escolha entre Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond e Agostinho Alves Ramos. Não sabemos o nome de um nativo que habitou este território antes deles, daí serem tratados sempre no coletivo como Índios, Gentis, Nativos, Selvagens, Silvícolas, Aborígenes, Os tupis, Tupis-Guaranis, Xoklengs, Kaingangs O coletivo lhes tira a possibilidade do protagonismo histórico na narrativa elaborada pelo branco.

Não há história, até aqui, sem a escrita. Os índios não tinham a prática da escrita e condenaram todos os seus povos autóctones à pré-história do Vale do Itajaí. Parece óbvio que todas as narrativas seriam diferentes, ou boa parte delas, se nossos nativos tivessem relatado por escrito suas próprias vivências. Sobrou a narrativa, a cultura oral, a voz do mais velho que reproduz a fala do seu ascendente. Mas, eis o drama histórico desses povos, o inimigo vencido é calado, e no silêncio da submissão resta o esquecimento de todos. Os brancos esquecem por escolha; os nativos esquecem por terem a navalha na ponta da língua que impossibilita a fala.

Em determinado momento a cultura oral de muitos povos tornou-se silêncio, impossibilitada de viver e de sobreviver. Isso posto, morta a história do inimigo, sobrou verdadeira e hegemônica a história do branco colonizador. Tudo corrobora para que essa parcialidade perpetue-se ainda nos dias de hoje, inclusive com a ajuda da preguiça de muitos pesquisadores e a falta de inteligência de muitos comunicadores. Porque, para estes, é muito cômodo reproduzir a história a partir da 'semente' que todos chamam de 'ato fundacional'. Temos uma data, um nome, um fato ... tudo pronto, fixo, resolvido e acessível. É só consumir à exaustão. E esse consumo, que exige reprodução acrítica, consolida a mentira da 'semente', porque é uma mentira que reproduzida à exaustão parece a todos verdade, parece algo factível, algo coerente e lógico. E o que parece verdade, verdade é - pelo menos para os preguiçosos e pouco dotados intelectualmente.

Quando tratamos da reprodução do conteúdo histórico, é bom que se deixe registrado, os erros ocorrem mais por preguiça e comodismo e menos por incapacidade intelectual. Os jornalistas querem preencher um espaço na edição especial de domingo

sobre o aniversário da cidade e, enquanto o departamento comercial corre para fechar os espaços publicitários, os repórteres correm para fechar os espaços que sobraram na página vendida. O material histórico vai ocupar, sempre, o resto da página, aquele espaço que não conseguiu ser vendido. Então não se trata de divulgar a história, mas de vender uma edição de jornal... o resto é mentira.

Esse jornalismo de 'edição especial' é feito de qualquer história. O rodapé está vendido, o miolo tem de ser preenchido. Obviamente que o editor e o repórter não têm tempo, muito menos interesse em pesquisar sobre o tema. Qualquer conteúdo serve, mesmo aquele que já foi reproduzido há décadas e, está provado, resta completamente defasado. Mesmo que se diga a estes profissionais que o conteúdo contém erros históricos, ele vai ser reproduzido por comodismo e pressa. O jornalista não tem tempo.

Mas, esse jornalismo que tem pressa para fechar a edição especial de domingo ajuda a dar sobrevida ao conteúdo conservador que foi estabelecido em tempos de uma historiografia que não dá mais conta de narrar a história de nosso tempo e da nossa gente. O novo tem muita dificuldade para ganhar visibilidade porque simplesmente não é conhecido do comunicador. Este não conhece, não tem tempo e interesse em conhecer. Sua sanha é ocupar espaço na página vazia que justifica o rodapé vendido pelo departamento comercial.

O que todo mundo mais deseja é livrar-se do trabalho mais rápido possível. E isso vale para os editores, jornalistas, repórteres e leitores. Para estes, muitas fotos, poucos textos. Nesse ponto, a narrativa conservadora - que apresenta o fato histórico linear, com data, feito e protagonista - supre adequadamente todas as necessidades. Basta uma data e um nome. Para que complicar?

HISTÓRIA E PROTAGONISMO

As novas tecnologias unificaram os tempos em um tempo imediato e total. Presente, futuro e passado estão aprisionados nos celulares conectados em redes mundiais. Tudo está na tela em segundos determinando a ditadura do presente. Tudo é aqui e agora. Tão rápido, tão imediato, tão presente ... que se faz desnecessário esperar ou pensar.

Além do homem aprisionar os tempos no mundo digital inviabilizando a História, ele retirou dela duas de suas bases: o acontecimento e o protagonismo. No ano de 2018 fui incluído em um grupo de WhatsApp com quase trezentos membros que

enviavam cerca de seiscentas mensagens por dia. Tudo o que acontecia na cidade passava por ali em tempo real. Um avisa que tem ‘blitz’ na Rua Blumenau; outro, que tem um engarrafamento na Rodovia Osvaldo Reis por causa do capotamento de um veículo ...

Trezentos membros, atores, repórteres, narradores ... protagonistas do tipo: eu vivi, estava lá, eis a foto! Todos narrando os fatos na condição de protagonistas e não de espectadores. Não é bem um ‘eu vi’ mas um ‘eu vivi’, senti a emoção, vi o sangue escorrendo no rosto da vítima ...

Todos se postam na condição de atores, fazendo história e narrando aqui e agora, seus feitos. Tudo é presente e todos são protagonistas porque qualquer fato é relevante o suficiente para merecer uma foto, um post, um comentário. Tudo vale a pena e todos são protagonistas. Nada fora da história ... Em junho de 2019 em apenas um domingo recebi 1.200 mensagens nesse grupo de WhatsApp, fora as mensagens do Messenger, Facebook, emails, telefone Naquele domingo, estimo, recebi mais de duas mil informações vindas de atores históricos que protagonizam o fim da História.

Quando fui repórter de A Notícia, sucursal de Itajaí, eu entrevistava o prefeito, o vereador, o empresário, o padre, a vítima, o delegado ... Agora a vítima relata, em tempo real, seu drama. Se o delegado tiver algo pra dizer que corra contra o tempo, porque os demais protagonistas já estão na rede social da Internet desde o início do acontecimento. Todos agem, todos falam, todos opinam, todos tem importância, tudo vale uma foto ... não há filtro, não há hierarquia de valores, sequer referência ou norma. O protagonismo absoluto. Unifica os tempos, elimina o protagonismo da autoridade, suprime escalas de valores, filtros, etc. Tudo vale a pena, tudo deve ser mostrado, tudo deve ser dito e se ninguém ver ou ler também não tem qualquer importância, porque o importante é estar presente no mundo digital como protagonista que registra. Registrar é o fundamento e a essência de tudo. Síntese do processo: todos falam, ninguém escuta; todos escrevem, ninguém lê; todos fotografam, todos vêem. Sobrou a imagem ... ali na frente, logo, logo, manipulada por IA – Inteligência Artificial.

É tanta mensagem circulando que muitas vezes essas pessoas escrevem para elas mesmas. Uma ‘legião de imbecis’ escreve suas opiniões sem ter o compromisso com o bom senso ou com a coerência argumentativa. O protagonismo absoluto, total, de todos, inviabiliza a História e joga todo o sistema de comunicação em uma fossa fétida? Nesse protagonismo total a única condição de entrada é ser proprietário de um celular ligado em rede. Não se pede currículo, cargo, estudo, expertise, conhecimento, bom senso ...

A condição do mundo do protagonismo total é a propriedade de um aparelho celular e nada mais. Condição única. Você está conectado na rede e ganha o direito de dizer, fazer, fotografar de igual para igual com uma pessoa que passou cinquenta anos de sua vida estudando sobre o assunto debatido naquele post. Tudo, então, é rasteiro, rés de chão, nivelado por baixo.

Sem a distinção exata entre os tempos do tempo, sem protagonistas bem definidos ... a História está morta? Mas o que colocamos no lugar da narrativa histórica? Colocamos mensagens de até cinco linhas, escritas por qualquer um, sem a necessidade de que sejam lidas ou respondidas, muito menos pensadas e estudadas. Antes, tínhamos filtros demais; agora, temos filtros de menos. Antes, a mensagem chegava enviesada, manipulada, censurada ..., agora, chega em cascata, sufocando o leitor. O conteúdo é tão exagerado que não há tempo suficiente para selecionar o joio do trigo ... e a notícia já não consegue mais se separar da fofoca. Daí a emergência social da *fake news* ... Estamos no tempo do excesso. Mas, isso é bom ou ruim: Afinal, antes não havia dito que a História Geral é impossível por conta da falta de relatos mais exatos e mais pessoas disponíveis a protagonizarem?

Agora, no tempo da I.A. poderemos transformar todos esses relatos em um algoritmo e dar sentido ao caos do excesso de informação. Mas, será uma História Geral enviesada, torta, caolha, manipulada ... como sempre. Ter mais informações não significa que temos a condição ideal de compor uma história real. As máquinas estão a serviço do poder, como os técnicos e especialistas sempre estiveram. Nesse ponto nada muda na história da humanidade.

OS MONGES COPISTAS ESTÃO VOLTANDO

O mundo digital está tornando desnecessária a leitura de livros e textos longos. Aprende-se muito mais rapidamente as coisas práticas do mundo consultando a Internet. Nem livro, nem autoridade, professor ou pessoa mais experiente ... tudo se resolve com uma simples pesquisa no Google - o nosso novo templo do saber. Também nem é para reclamar tanto, já que no nosso tempo de colégio fazíamos isso com os verbetes das enciclopédias, por sinal, muito mais restritos e desatualizados.

As bibliotecas serão, em futuro bem próximo, museus de livros. Os leitores serão em número tão reduzido que poderão ser comparados aos monges copistas medievais. Uma minoria absoluta e isolada do mundo. Um mundo inundado por

informações que jorram de todos os pontos da terra. A humanidade vai ficar asfixiada pelo excesso de informação ‘prática’ e opiniões da ‘legião de imbecis’ de tal sorte que os leitores e estudiosos terão de desligar o celular e se isolar em mosteiros. A reclusão de alguns terá como missão salvar a inteligência humana antes da asfixia total por excesso de informações.

A unificação do tempo no mundo digital em rede, o protagonismo total, a indiferenciação entre fato e acontecimento, a velocidade do consumo e produção de informação, a impossibilidade do direito ao contraditório nos levam ao isolamento de alguns, como monges, visando salvar a inteligência humana de um ataque bárbaro, sem precedentes na história da civilização. Uma horda de imbecis, proprietários de celulares, está invadindo com sucesso todos os espaços de cultura e culto à inteligência. Resta a alguns poucos a proteção dos muros dos mosteiros não conectados na rede digital.

DIÁLOGO ENTRE POETAS

Outro dia li um diálogo simulado entre os poetas Mário Quintana e Liane dos Santos cuja síntese pode ser expressa na ideia de que a poesia é atemporal, imortal. Na verdade, só a consciência humana conhece o tempo, condição que não pode ser estendida às coisas do mundo.

Mário Quintana: *A poesia une os séculos*

Liane dos Santos: *A poesia não conhece o tempo.*

Viver sem tempo, sofrer interferência do tempo ... é diferente de conhecer o tempo ou ter consciência dele. As frases pinçadas dos escritos de Quintana e Liane surgem como manifestações poéticas do óbvio. A poesia tem esse dom maravilhoso de nos fazer vivenciadores do óbvio, do inútil, do detalhe, do não produtivo e de tudo que o mercado joga na lata do lixo. Daí resulta que a poesia é a única das artes ainda revolucionária no mundo em que vivemos. Só a poesia ainda consegue manter uma parte de sua estrutura fora do mercado, fora das relações de compra-venda. Só a poesia, ou uma boa parte dela, ainda não se transformou em dinheiro.

Recentemente, numa conversa com os poetas Nilson Weber, Hang Ferrero e Álvaro Castro, falei justamente dessa capacidade da poesia de trazer para a nossa vida a

beleza e a sutileza de uma folha amarelada caindo ao sabor do vento de outono. Uma inutilidade mercadológica, mas um momento extraordinariamente lindo para as almas sensíveis dos poetas. A questão da poesia dar importância a uma folha caindo nos remete ao debate sobre a existência e o tempo perdido. O mercado nos condiciona a não perder tempo com coisas que não são úteis, o que significa dizer que não devemos gastar tempo com coisas que não servem ao processo de troca no mercado.

Tempo é dinheiro, logo, todo tempo que não possa ter seu valor consolidado em mercadoria é um tempo perdido. A poesia é a essência dessa inutilidade decretada pelo rigor absolutista do mercado. Mas quando uma pessoa gasta um certo tempo observando uma folha cair eis o ato mais revolucionário e negativo para o capitalismo. Mas, é também para o socialismo, pois ele também é um sistema com lógica centrada na produção e distribuição da produção. Os dois sistemas, na direita e na esquerda, possuem a lógica comum da produção em ritmo acelerado, a contrariedade está na forma de distribuir e possuir os bens produzidos. Esquerda e Direita, por caminhos diferentes, lutam para transformar a poesia em algo útil. O capitalismo quer vê-la como algo que possa virar mercadoria; o socialismo, como algo que possa ser veículo de doutrinação, engajamento, aparelhamento ideológico ... A poesia no capitalismo seria mercadoria; no socialismo, prestadora de serviço. Daí o suicídio de Mayakovski.

Acontece que a poesia no socialismo encontra um outro cenário: o da utilidade ideológica, da doutrinação, da educação do louvor ao ideário coletivo. É, portanto, uma poesia útil ao sistema. E, é útil na medida em que é formatada dentro do realismo socialista. Fica, assim, completamente sob jugo da censura. Uma poesia domesticada, de língua travada. Os socialistas só deixam liberta a poesia enquanto ela grita versos de oposição ao capitalismo, depois, já no regime revolucionário, ela é formatada na lógica do realismo revolucionário. Muitos poetas criam a ilusão de que o socialismo deixará a poesia livre para pregar a liberdade mesmo depois da queda do capitalismo. Ilusão. Aqui, tratamos de ver a poesia como uma utilidade revolucionária e, como já nos ensinou Machiavel, há uma distinção muito grande entre conquistar o poder e mantê-lo. Toda força de oposição ao chegar ao poder se desfigura no curto prazo de tempo. Todas.

Então, sendo a poesia útil para um sistema, quer capitalismo ou socialismo, ela é mais uma coisa e menos poesia. Uma poesia menor ou uma não-poesia. A verdadeira poesia é livre do utilitarismo, assim como são nossas idiossincrasias, personalidades e a intimidade última do ser. O sujeito em si, puro em suas conjecturações próprias - assim como a poesia - é sempre uma ameaça aos sistemas, porque eles precisam de

uniformidade, padrão, média ...

Dar importância a uma folha que cai é negar o sistema no que ele tem de mais essencial: o tempo produtivo. Como 'a poesia não conhece o tempo' essa inconsciência é liberdade pura, uma liberdade anárquica e revolucionária. A única liberdade em estado puro e natural. Uma folha cai ... e a revolução se instala na mente do poeta.

O TODO É TUDO

A quase totalidade dos pensadores possuem um erro de raciocínio em comum, um grande e determinante erro: separar o objeto em partes, preterindo umas e preferindo outras. Esquecem do óbvio: o todo é tudo e a verdade é uma totalidade em totalização contínua.

A história, enquanto narrativa, deve contemplar essa dimensão totalizante do mundo percebido e não-percebido pelo homem, e, isso se faz aceitando a ideia fundamental de que tudo é possível - por se realizar e por não se realizar, por ser e por não ser... Essa dimensão 'ohmni' que o homem impõe ao seu olhar de mundo é possível justamente porque o ser humano é um ser que abandonou o paraíso natural e criou seu próprio paraíso. O primeiro tinha seu centro na dinâmica dos corpos, o segundo, tem seu centro na razão. No paraíso mundano mandavam os sentidos; no paraíso humano, manda a razão.

É esta razão, por exemplo, que possibilita a um crente ter plena convicção da existência de Deus. Mais que isso, sua lógica de funcionamento cria Deus e estabelece mecanismos de entendimento dele como fé, dogma, essência, destino ... Quem tem o hábito de ler com isenção autores diversos e até conflitantes, usualmente experimenta a sensação de que todos eles carregam em suas teses um núcleo válido, algo com que concordamos por afinidade, experiência ou bom senso. Isso se dá porque essas obras trabalham uma parte do todo, enquanto o leitor está vendo o todo possível e real e se beneficia da natureza das coisas que impõe a lógica de que o todo contém as partes.

O ser humano está criando uma natureza própria e exclusiva para si, independente da natureza das coisas que o envolve. Para ele basta o que pensa. Sua natureza é a consciência e o elemento que a constitui é o pensamento racional. Já não lhe interessa saber se Deus existe ou não, porque lhe basta o conforto que o pensamento, elaborado em fé, lhe proporciona. Esse conforto intelectual ajuda a estabelecer a convicção. O ser humano é convicto de Deus porque isso lhe interessa, e muito.

Afastado da natureza das coisas acaba perdendo a noção de falso e verdadeiro e até da própria realidade natural. Um jogo de videogame lhe proporciona emoções reais. Através do jogo eletrônico sente todas as emoções de quem está dentro de um carro de corrida, um avião de guerra, descendo e subindo em uma montanha russa Esse afastamento está se tornando tão aguçado que ali na frente vai restar ao historiador narrar a história do futuro uma vez não haver mais passado real a relatar. Essa história do futuro seria em última análise a projeção utópica / distópica do ser humano em sua relação com os seres advindos da revolução ocasionada pela inteligência artificial. Como a História é uma narrativa da ação humana, podemos afirmar tratar-se do fim da História sem que ocorra obrigatoriamente o fim do ser humano enquanto espécie.

O fim da História estaria em um ponto qualquer do futuro onde o ser humano não mais se envolveria com as coisas do mundo objetivo e dele também não dependeria. O ser humano seria, em essência, um conceito de si mesmo, algo como um estímulo elétrico possibilitando sinapses produtoras de uma existência próxima do nada.

O fim da História está em um ponto de onde o ser humano avista o nada existencial em sua relação com o mundo natural e dele se desprende tornando-se consciência pura. Mas isso está longe do nirvana do budismo, assim como a discussão da inutilidade mercadológica da poesia para os sistemas produtivos está longe de Platão.

ESPÍRITO DE ÉPOCA

Como todo gênero literário a narrativa histórica está impregnada pelo espírito de época. Primeiro, porque o narrador, no caso o historiador, vive a vida vivida, aquela que lhe oferece aos seus sentidos o todo do mundo real ou o que sobrou dele; segundo, porque ele é impregnado pela mentalidade em curso e utiliza de suas possibilidades através da liberdade - causa final - que nos fala Paul Veyne; terceiro, porque uma boa parte dos historiadores segue carreira acadêmica e a academia odeia gente libertária que tem voo solo. A academia é o ninho dos grupos e grupelhos. É ali que os grupos ideológicos se acasalam, procriam e alimentam seus prosélitos. Nisso, a academia, há muito, constitui um atentado à inteligência humana.

Esse espírito de época também respeita uma certa geografia humana. Assim, é possível se ler mais textos questionando a sexualidade de Jesus Cristo do que a sexualidade de Maomé. A civilização ocidental-cristã constitui-se mais tolerante com seus críticos que a civilização muçulmana, e, isso é suficiente para se estabelecer uma

geografia das mentalidades que o historiador vai incorporar, assim como todos os artistas e demais escritores. Afinal, falar mal de Maomé é quase um suicídio.

Entre nós ocidentais vai se estabelecendo um novo espírito de época centrado nos direitos absolutos de todos os seres sencientes. Dizer que um cachorro tem o direito de não ser acorrentado ao sol seria algo impensável no início do século XX, o que se tornou consensual nos dias atuais. Mas, contudo, porém, todavia continuam comendo cachorros na China e cavalos na França.

A narrativa histórica incorpora naturalmente o espírito de época porque este é, antes de mais nada, incorporado ao narrador da trama histórica. O historiador, como ser de mentalidade, sujeito à ação do seu tempo, mal percebe que tem sua narrativa condicionada pela mentalidade de seu tempo e de sua sociedade. Aqui neste texto, por exemplo, fico o tempo todo me policiando para não utilizar mais o termo 'homem' para designar genericamente 'ser humano'. Hoje, a questão de gênero ganhou uma dimensão toda própria que obriga o narrador da trama histórica a ter uma escrita reflexa, que dê resposta adequada a esta condição de lugar e tempo da mentalidade de sua sociedade.

Toda narrativa tem sua inscrição no tempo-espaço e essa é uma condição necessária. Se a narrativa é sobre algo do passado é óbvio que terá o sentido de revisitação, de olhar do presente para e sobre o passado, uma releitura e não apenas um olhar neutro e isento. Há na narrativa histórica o olhar criativo de quem vê algo e mergulha essa imagem em tanques idiossincráticos, etnocêntricos, ideológicos ... os fatos recebem ali novas tinturas e são o que dali saem, não o que foram efetivamente.

Cada povo, cada sociedade, comunidade e grupo dá à história sua personalidade e seu modo de olhar para trás, um olhar do presente, no presente e presente. O acontecimento revisitado ocorre no presente transformando-se ele próprio em um acontecimento presente próprio e novo. Toda memória é presente do passado, ou passado no presente. Quando digo que Vasconcelos de Drummond fundou uma colônia às margens do rio Itajaí-Mirim vem à minha mente duas fotografias de Drummond - uma jovem e outra idoso - e muitas imagens do rio Itajaí-Mirim que eu próprio conheci. Nesse caso, o fato histórico se relaciona com imagens do passado e presente, montando uma estrutura mental a partir de minhas vivências. Mas, quanto do Itajaí-Mirim de Drummond existe no meu Itajaí-Mirim?

A mente humana conecta todos os dados possíveis, sem discriminá-las. Assim que percebe a palavra DRUMMOND busca tudo que pode relacionar a este diplomata, até outros dados que descarta rapidamente, como: RELÓGIO DRUMMOND,

ALBERTO SANTOS DUMONT ou CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE. O mais difícil, portanto, é eu próprio tirar da ideia que estou cultivando sobre o feito histórico de Drummond as imagens e conceitos que tenho acerca da região do Taboleiro, às margens do rio Itajaí-Mirim, todas muito atuais e que pouco dizem sobre a realidade aqui encontrada pelo colonizador no ato desbravador em 1820.

O fato histórico, na minha mente, é uma nova combinação de dados, inédita e autoral. Cada pessoa vai compor a sua imagem a partir de suas sinapses. A mente vai oferecer a cada historiador um quadro diferenciado e personalizado do ato colonizador de Drummond. Acrescida a esta ideia personalizada do fato histórico, por sinapses feitas a partir de informações já retidas anteriormente no cérebro, temos ainda a questão da valorização dos dados toda própria de cada historiador, além de questões ideológicas, religiosas, culturais, foco de pesquisa, interesses pessoais, limitações intelectuais e físicas ...

A narrativa histórica é sempre uma recomposição do passado no presente com sentido amplo de autoria. O historiador ao narrar o fato histórico antes de ser neutro ou isento, é autor.

O MEU RETRATO

Olhar a minha própria foto aos dez anos de idade é uma experiência singular. Sendo a foto mais antiga que tenho, olho para ela e não me reconheço plenamente. Talvez isso se deva ao fato de que no tempo de criança olhávamos pouco no espelho e não precisávamos ter um controle sobre nossa imagem e postura corporal. Para brincar na rua qualquer roupa servia e quanto menos adereços, melhor.

Ser criança era estar voltado plenamente ao lado exterior da vida. O mundo objetivo nos absorvia por completo e do resto cuidavam nossos pais. Quando o corpo adoecia e precisávamos ir ao médico, eram eles que se preocupavam com nossa postura e asseio, limpeza e beleza da roupa, o corte do cabelo ... eles não queriam passar vergonha conosco.

Quando olho atentamente para minha primeira foto não é rosto e corpo que o meu arquivo de imagem me disponibiliza, mas vivências de um tempo onde o mundo era apenas exterioridade, objetividade, ambiente. Casa, rua, pessoas tudo, menos eu próprio olhando para mim mesmo. Mas, em que momento eu me notei no espelho da vida? Já tinha algo como 15 anos de idade. Costumava conversar longamente com a

minha imagem de corpo inteiro refletida no espelho afixado no lado interno da porta do guarda-roupa de meu quarto. Recebi meu primeiro espelho entre os 14 e 15 anos de idade, e, até este momento, não me fez falta.

O espelho e a consciência de mim me trouxeram os sofrimentos e instabilidades da vida mental. Tomar consciência de si é sofrer para além do corpo. Agora, eu me reconhecia nas fotografias, falava comigo mesmo e até me desenhava. Projetava-me e sonhava ser isto ou aquilo. Já não era mais possível ser apenas um ente no mundo e era necessário existir nos mundos físico e mental, dando conta de uma coerência existencial que se obtinha às duras penas.

Da inconsciência total de mim mesmo à consciência do existir demorei-me quase 15 anos. Mas a consciência de minha própria historicidade demorou muito mais. Precisou beirar os cinquenta anos para perceber que muito do que fiz estava inserido em um contexto e que eu próprio era ator em um cenário histórico: a luta contra a ditadura - na juventude manda-brasa e no movimento estudantil - as manifestações culturais, a contribuição na imprensa censurada, os discursos utópicos ...

É necessário um certo afastamento temporal para se ter a exata consciência do que se realizou e em que conjuntura atuamos como atores sociais. O tempo, nesse caso, é nosso aliado e condição primordial. Olhar para trás de forma analítica, reflexiva, é entender, compreender o processo em que estivemos inseridos. Naquele momento tratava-se de fazer, porque o presente exige nossa presença. A consciência histórica vem em um ponto futuro, porque aí é tempo de olhar e compreender ou avaliar, para superar dialeticamente toda a vivência. O presente é tirano e nos exige envolvimento total e absoluto com os interesses e necessidades vivenciais. O presente é sobrevivência. Quando paramos para refletir sobre o passado é também o presente impondo seu modo de olhar para lá. E não olha para trás, como costumamos dizer sobre o passado, mas olha o todo que ficou em nossa mente. O passado, para nossa mente, não está lá atrás tendo o futuro à frente. Para nossa mente tudo está relacionado ao todo em uma massa de energia tridimensional. Tudo conectado a tudo por todos os lados possíveis.

Então, quando olho minha primeira foto não olho para mim com dez anos e sim o meu eu total. Tudo o que sou me vê com dez anos de idade. Aquela imagem não é algo estático, paralisado no tempo, mas algo que me possibilita reagir e fazer conexões diversas. A foto é o gatilho da memória e sua atividade é anárquica, plena, total. O mesmo vai ocorrer quando estamos diante de uma foto da cidade. A foto do centro de Itajaí na década de 1970 me faz lembrar de lugares que frequentei, mas também me

libera cheiros e lembranças de fatos que vivenciei ali ou que li a respeito, ouvi falar, etc. Uma foto da década de 1930 já me faz mudar a postura mental. A mente busca pontos possíveis de serem reconhecidos e estabelece critérios visuais para detectar as mudanças. Então, uma foto antiga é sempre automaticamente comparada com outras imagens que temos guardadas em nossa mente.

Essa sobreposição de imagens é que nos dá a exata consciência da mudança que ocorreu em nossa cidade e perceber o que já não é mais presente podendo ser arquivado como história. Nesse sentido, história seria tudo aquilo que não é mais possível ser/estar presente na sua integridade original ou natural. Um prédio de 1930 demolido é história. Dessa história podemos elaborar milhares de narrativas históricas. A história - aquilo que não pode mais ser presente na sua originalidade - é a matéria prima da narrativa histórica. Os historiadores não fazem história, tão-somente narram a história. Uma foto antiga da cidade pode nos ajudar a ter consciência do que, hoje, se constitui história de Itajaí.

HISTÓRIA DA CIDADE

Conversando informalmente com as pessoas ou entrevistando alguns atores sociais mais destacados ganho a convicção de que a comunidade tem sua memória e ela é preservada através de mecanismos diversos. Contudo, o maior deles é a memória das próprias pessoas - no que viveram e no que ouviram falar. A impressão é de que a memória da cidade está na pele das pessoas, como um vírus invisível que contagia e contamina a todos por contato social.

Em muitos depoimentos ouço afirmações do tipo ‘Meu pai falava que ...’ ou ‘Meu avô dizia que ...’. Então, essas memórias individuais vão sendo passadas por gerações e somadas a outras memórias criando uma memória coletiva. Uma gota junta-se a muitas gotas, faz-se olho d’água, depois córrego, ribeirão, rio ... formando o grande e ilimitado mar. A memória de uma pessoa isoladamente parece tão simples quanto uma gota, tão simples que as pessoas não conseguem perceber que essa gota está ajudando a formar o rio, o mar ... Pela singeleza da gota, da memória individual, acaba-se não dando a devida importância para ela. Nesse processo de desvalorização a comunidade acaba perdendo duplamente: a memória individual e sua contribuição para a memória coletiva.

Uma gota, mais uma gota, mais uma gota e outra ... no final temos o mar. Uma

memória, mais uma e outra ... no final temos uma memória coletiva que habita os bancos de praça, as rodas de conversas, os relatos familiares, os estudos acadêmicos. .. A memória da gente de uma cidade está incrustada em tudo que nela aflora e resiste: nas paredes dos prédios, nos nomes de ruas, nos arquivos e acervos, nas instituições... A memória é como uma craca grudando no casco de um veleiro. Gruda firme e é fácil perceber sua presença. A cidade é memória e é esta memória visível em tudo e todos que lhe confere identidade. A própria geografia da cidade é uma inscrição em sua pele social. Onde as ruas iniciam e para onde levam é inscrição histórica pura.

A cidade vai crescendo em forma de cinturões periféricos e as pessoas criam documentos e agem historicamente na ação cotidiana. A compra de um terreno e um loteamento na Vila ou Fiuza Lima, a assinatura de uma transferência de posse de terra ... tudo forma uma película, uma inscrição na pele da cidade. Acontece que as pessoas e as instituições não percebem com facilidade essa inscrição superficial, na pele da cidade. Ninguém se vê como ator social e como proprietário de documentos históricos. É como se história fosse apenas o que outros fazem, notadamente as autoridades públicas. História é algo muito próximo de política. Só isso.

Outro dia eu estava entrevistando taxistas antigos de Itajaí e Osni Weiss puxou do bolso a sua carteirinha de associado número 116 da União dos Motoristas de Itajaí. Era nítido o seu orgulho em ser proprietário desse documento. Tinha a consciência de que faz história e tem esse documento histórico - datado de 1981 - em suas mãos o tempo todo. Já o taxista Hélio Pedro de Souza é taxista desde 1972 herdando o ponto que foi de seu pai - Pedro João de Souza - desde 1956. São mais de sessenta anos de história de uma categoria e uma atividade de destaque na comunidade. Uma memória que está sentada dia-a-dia nos banquinhos dos pontos de taxi. Pura memória que fica ali, quieta, dormente ... mas viva.

Uma memória que precisa ser provocada para aflorar, para se fazer emergente, visível para todos. Para conseguir o primeiro depoimento dos taxistas do ponto da rua Felipe Schmidt tive de passar por lá cinco vezes. Derrubar resistências pouco a pouco, até abrir as portas das memórias individuais. Um taxista mais antigo me passou a impressão que tinha resistência em falar de suas memórias por restrições políticas que mantinha em relação à minha pessoa ainda do tempo da ditadura da Arena, de quem fui adversário radical e, sua família, defensora. Mas o obstáculo foi vencido e as memórias afloraram naquele pequeno banco posto na calçada da Felipe Schmidt.

Muito da memória está na geografia, na arquitetura, na direção das ruas e até nas

suas dimensões. Um beco, uma travessa, uma rua estreita e um casarão majestoso isolado, feito de madeira, com sótão ... quanta história há em ser beco e não ser travessa ou rua? Por que a estrada não tem saída ou passeio? Por que vai para o sul? Por terras de quem foi iniciada a trilha, depois caminho, depois rua?

Os nomes que a cidade cultiva em placas, nomes de edifícios, praças, escolas e instituições, são outras inscrições históricas fortes, determinantes. Também o são, na mesma intensidade, os nomes de famílias. A nós, historiadores, basta largar a tentação de fazer história do poder, como se a administração pública fosse o corpo único e indivisível do relato histórico. A história administrativa pública e seus atores sempre pleitearam o status de 'verdade histórica' ou pelo menos da parte da história que realmente parece interessar. A história oficial vive essencialmente dessas informações sobre o poder administrativo. Um viés historiográfico hegemônico até bem pouco tempo em nossa cidade.

Mas, a memória de nossa gente está sentada no banco do ponto de táxi, viva, pulsante. Ela se recusa a morrer e aprende a viver com pouco, longe das tintas dos livros oficiais. Infelizmente temos poucos historiadores e memorialistas interessados em registrar essa memória viva de nossa cidade. Não obstante a Univali ter um curso de História praticamente desde o seu início, forma poucos historiadores interessados na história local. Na lista dos grandes historiadores interessados na literatura histórica de Itajaí relacionamos poucos nomes formados pelo curso de História da universidade local: José Roberto Severino, Ivan Serpa, José Bento da Rosa, Marlene de Fáveri ...

O TEMPO EM TEMPO DE PANDEMIA

No ano de 2020 o caos se instalou no mundo criando crises coetâneas: sanitária, econômica, política. A pandemia do coronavírus demonstrou que os países não estavam preparados para lidar com um vírus e a pandemia - do mesmo jeito que não estavam em séculos anteriores.

Nesse momento de crise aguda vale aquela ideia básica de revolução, onde a roda do tempo gira com tal intensidade que matura todos os frutos sem que haja tempo hábil da colheita. Muitos frutos apodrecem e secam nas árvores ou, simplesmente, caem e apodrecem aos seus pés. Assim também ocorre com a sociedade. A roda gira de tal forma que todos os processos de inovação e adaptação são acelerados e, muitos, atropelados. Tudo acontece ao mesmo tempo e de forma acelerada. É a revolução. E o

tempo da revolução é ‘toda máquina à frente’, sem poupar energia.

A maioria dos pensadores utópicos que ousaram projetar o futuro o faziam dando destaque às transformações proporcionadas por novas tecnologias. O novo fazer era o destaque dos utopistas. Mas eis que a grande revolução dos últimos anos é feita por um vírus que ousou afrontar toda a humanidade e sua tecnologia de ponta. Assim: um homem morre contaminado por um vírus invisível sonhando conquistar Marte; outro homem, morre de virose sonhando ser presidente do Brasil; um outro, morre pelo coronavírus pensando em arranjar emprego ...

A revolução da Peste Amarela é algo diferente de utopia porque empurra o homem por um caminho que não projetou. O tempo da pandemia é uma era de distopia, de empreender todo o esforço possível para apenas conseguir sobreviver. O mundo acabou ficando de quarentena - em completo isolamento social. A humanidade, no reduto de sua caverna eletrônica acabou fazendo acelerar o processo de uso de novas tecnologias, como é o caso do banco digital. Na impossibilidade de sair de casa e confrontado com a necessidade de pagar suas contas, muitos baixaram os aplicativos em seus celulares e aderiram ao pagamento por código de barras. Algo que poderia demorar anos, ocorreu em dias de quarentena.

A revolução estabelecida pela pandemia já mostrou uma de suas faces: o cidadão comum vai ficar mais dependente das tecnologias digitais e o Estado vai usar essa relação homem-tecnologia para observar e controlar, como o Grande Irmão de George Orwell no livro ‘1984’. A China e o governo de São Paulo já estão usando tecnologias de localização por celular para combater aglomerações, etc e tal. Não há mais volta e o ato revolucionário, logo ali na frente, será apenas e tão-somente se recusar a ter um celular. Uma verdadeira coleira eletrônica a serviço do controle social absoluto.

Mas qual o tempo necessário para todas as faces da revolução aparecerem a olho nu para o homem comum? Que mudanças são essas? Quais suas implicações? Parece que está ocorrendo em 2020 um giro tão alto do motor do tempo que valerá por um século na história da humanidade. A revolução não deixa também de apresentar um grande paradoxo: enquanto as pessoas estão em casa, paradas e com tédio, sem fazer absolutamente nada, o tempo histórico corre de forma descontrolada em uma velocidade que ultrapassa a própria capacidade de percepção do ser humano. O homem comum está parado, paralisado por completo, enquanto a história da humanidade está correndo em altíssima rotação. No final da minha vida poderei dar o seguinte testemunho histórico: ‘Vivi 80 anos, mas em 2020 vivi um século’.

O mais interessante desse processo histórico é que muitos poderão testemunhar: ‘2020 foi um ano perdido, fiquei trancado dentro de casa.’ Mas eis que lá fora, como se fosse um grande ciclone, o tempo gira suas engrenagens e coloca o mundo de pernas para o ar deixando-o na incerteza absoluta. Bastou uma quarentena de menos de 40 dias para o mundo compreender, por exemplo, que o Neoliberalismo é tão impraticável quanto o Comunismo marxista-leninista. Um breve lapso de tempo, menos de dois meses, foi suficiente para tirar dos neoliberais todos os seus argumentos de Estado-mínimo porque os capitalistas tiveram de fazer coro na ladainha de ajuda dos cofres públicos para poder enfrentar a crise pandêmica. Uma corrente de pensamento que vinha sendo estruturada há mais de 80 anos caiu em dois meses de quarentena. Eis a força da revolução: fazer o tempo girar com total intensidade e maturar o fruto tão rapidamente que fica impraticável sua colheita.

Donald Trump [EUA], Boris Johnson [Inglaterra], Jair Bolsonaro [Brasil] ... estavam certos que iriam implantar em definitivo o Estado-Mínimo Neoliberal a curtíssimo prazo. Mas o vírus implantou o regime da pandemia e moveu a engrenagem natural a seu favor revitalizando o conceito de Estado. Quem, nos dias atuais, seria insano o suficiente para dizer que não precisa do Estado?

A CAIXA DE SCHRÖDINGER

Em plena pandemia do coronavírus, no ano de 2020, a Folha de São Paulo publicou um artigo de Luiz Carlos Trabuco Cappi com o sugestivo título ‘As grandes crises aceleram a história’. Tudo o que já havia dito aqui antes ou nada de novo.

Acontece que o tempo tem sua face psicológica e esta face é obscura, traiçoeira, mesquinha, trapaceira. Ela tem tanta força de realização que tem o poder de nos tirar do presente em épocas de pandemia. Após a quarentena [o isolamento foi mantido ad aeternum], com o isolamento social sendo cumprido à risca, sinto-me como se o presente estivesse suspenso no ar, em ‘*stand by*’, em hibernação ... algo como estar dentro de uma caixa de Schrödinger.

Mas, se só o tempo é presente, é realidade plena, como é possível suspendê-lo e deixá-lo dentro de uma caixa de Schrödinger? Eis aí dois paradoxos: a caixa e o presente dentro dela. A verdade é que o isolamento roubou meu presente, deixando-me flutuando em um vácuo mental infinito. O passado não volta com a sua normalidade; o futuro não me oferece o seu ‘novo normal’; o presente está dentro da caixa ...

Eis aí a expressão correta: angústia.

UMA OUTRA HISTÓRIA

Durante o período da pandemia do coronavírus os estabelecimentos de ensino trocaram suas aulas presenciais por aulas virtuais, com crianças e professores se relacionando via Internet. Nesses cem dias de confinamento, os professores puderam apresentar inúmeras iniciativas que passarão à história da educação brasileira. Um campo novo, situação inédita, resultados novos e até inesperados. No mundo de hoje ainda há espaço para o inesperado, a improvisação, criatividade ...

Professores de História de diversos colégios estaduais de Itajaí promoveram ‘lives’ temáticas e abertas na Internet, pelas plataformas ‘Youtube’ e ‘Facebook’, aos alunos e público em geral, entrevistando professores das universidades brasileiras. Vi duas dessas palestras virtuais proferidas por dois historiadores conceituados de Itajaí com carreira acadêmica nas universidades federais.

Geralmente, quando assisto palestras, gosto de prestar mais atenção na forma como o palestrante raciocina do que propriamente no conteúdo que está sendo passado. Prestando atenção na lógica mental dos palestrantes pude perceber que eles estavam seguindo uma tendência historiográfica que vem se constituindo hegemônica na História desde a década de 1980, mas que ao longo desse período se remodela, redesenha, se automanipula. A verdade é que a disciplina de História, nas mãos deles, se transforma em Não-História, Outra-História, Sociologia Histórica ... caminhando em linha reta de volta para as fronteiras com a Sociologia, Antropologia, Psicologia, Etnologia e Filosofia ... deixando o isolamento a que foi submetida durante décadas pelo objetivismo metodológico utilizado de forma caolha por Positivistas e Marxistas.

O marxismo iniciou esse caminho da volta do centro epistemológico da História para as fronteiras com as outras disciplinas. Antes do marxismo [‘O dezoito brumário’ é a referência para essa reflexão] a História se sustentava em pilares sólidos constituídos por fatos-dados-atores. O marxismo colocou esses elementos dentro de uma lógica de conjuntura não linear. Mais que isso, deu à conjuntura a primazia sobre os elementos que a compunham. O todo era mais relevante que as partes. Para fazer Análise de Conjuntura, contudo, era fundamental ter o fato datado e elencados todos os vetores que incidem naquele exato momento para que tal fato ocorresse. Os atores [individuais e coletivos] eram envolvidos em um ambiente histórico de onde retirava-se a justificativa

de suas próprias existências.

O marxismo foi sendo moldado em formas diferenciadas na academia até ao ponto em que os historiadores tiveram a coragem em se apresentarem uns como não-marxistas, pós-marxistas outros. Nesse ponto, percebe-se, a História destaca o ator diante de todo o cenário sendo ele o elemento determinante da conjuntura. Os historiadores começaram a recuperar a história da Maria do Cais e dizer que ‘vidas simples, comuns, interessam’ no resgate da verdadeira história da comunidade. Marcos Konder [rico empresário, prefeito, deputado, escritor] e Maria do Cais [prostituta da beira do cais] merecem o mesmo espaço, o mesmo tratamento científico de análise. Mas isso é passado ...

Agora, ouvindo esses historiadores, dá de perceber nitidamente que suas mentes fazem um novo movimento analítico. Praticamente abandonaram qualquer interesse por fatos-dados-atores, sejam eles quais forem, se esforçando para construir uma narrativa temática pura, como se fosse um bioma isolado do resto da natureza. Essa busca por uma narrativa temática pura, sem destacar conjuntura ou atores, datas, fatos ... traz um problema de identidade para a História, porque ela busca explicar e compreender fenômenos sociais. E, aí, já não dá mais de se saber se pulamos a cerca para o campo da Sociologia, Filosofia ... Talvez, pudessem falar de uma Sociologia Histórica ou a volta daquela antiga Filosofia. A Filosofia clássica que tinha a propriedade de acolher abaixo de suas asas absolutamente tudo que se referia ao ser humano, sua existência e seu mundo, da Física à Psicologia.

Ao ler determinados autores fica fácil perceber tratar-se de Filosofia pura. É o caso de Kant, Heidegger, Nietzsche... Ao ler historiadores como Varnhagen e Capistrano de Abreu pensamos em História do Brasil. Uma História que se diferencia da Filosofia ou Sociologia, porque pretende registrar e relatar, jamais explicar e compreender. Bem diferente da História que ouvimos nas palestras antes aqui citadas. Uma História desossada, sem datas, nomes, fatos, cenários ... uma história que elabora uma narrativa compreensiva da realidade, sustentada em conceitos centrais e fundamentais para si próprio se sustentar no ar.

Estamos falando de racismo, fascismo, sexismo, gênero ... e já não importa o que João e Maria fizeram no dia 13 de maio de 1888 no Brasil. João, Maria, Brasil, 13 de maio de 1888 ... são dados periféricos dessa nova narrativa. Uma narrativa desossada que se sustenta em pé pelo esforço do historiador em manter-se fiel ao tema. Este por sua vez, o tema, deve ser mantido dentro de uma gaiola ideológica rígida, o que

lhe confere consistência e coerência. A academia exige método. Mas, não um método qualquer, um método oficializado por grupelhos e seus códigos de grupo.

A nova história da Nova História aprisiona um determinado tema para usar como matéria-prima de uma narrativa cujo significado e resultado serão sempre os mesmos: as minorias oprimidas devem se rebelar contra a opressão da maioria egoísta e insensível. Por caminhos tortos o não-marxismo se fundamenta na máxima marxista da ‘Luta de classes’. Causa, obviamente, que sou a favor desde sempre. Contudo, sendo favorável, não me dou ao direito de enganar-me na hora de raciocinar e na hora de ensinar aos jovens. Por exemplo, não perceber que negros e mulheres não são minorias no Brasil. Uma coisa é ver essa gente discriminada, silenciada, defenestrada da narrativa histórica, outra, bem diferente, é ainda manter determinados status, em termos de categoria de análise – como é o caso de minoria – para justificar discursos contra a opressão. A causa é justa, o resultado da análise é intelectualmente torto. Temo em afirmar que, talvez, nem os homossexuais sejam efetivamente minoria, parecendo-me mais uma expressiva parcela da população silenciada e invisível socialmente por longo período.

Daí resta uma questão pendente: é possível uma História engajada politicamente? Não só é factível como é possível afirmar com certa convicção de que toda História é engajada na medida em que se trata de literatura e narrativa. Uma história hegemônica que se pensa defensora de minorias que tem existência sociológica precária [silenciamento] obviamente não perde seu valor social. Ela tem o valor de todas as lutas por isonomia social, direito, humanidade ... Ela vale, portanto, pelo que é: instrumento de luta por uma sociedade mais justa. Mas não vale como História enquanto ciência. Essa intencionalidade do bem, esse engajamento político-ideológico não dá o direito de dizer-se coerente epistemologicamente. Isso a Novíssima História não é.

Por lutar sempre por minorias e causas supostamente de interesse de minorias a Novíssima História se vê minoria quando na verdade, há muito é hegemônica nos círculos intelectuais. É consenso. Então, ela seria mais coerente se defendesse a existência das outras formas de narrativas históricas, inclusive a narrativa Positivista, esta sim minoritária nos atuais círculos acadêmicos da área social. A contradição fundamental da Novíssima História não está na intenção de se fazer instrumento político de luta em prol de classes e grupos silenciados, mas em não perceber que, ao se engajar socialmente, deixou de lado a possibilidade real de se constituir como ciência.

Pode-se argumentar que nem todas as minorias merecem defesa. É certo. Mas, como escolher o que deve e o que não deve receber defesa histórica? Pelo menos, sem cair no campo do arbítrio, essa é uma tarefa sempre muito polêmica e cheia de contrariedades e contradições. Daí a minha defesa do anarquismo epistemológico. Trata-se de aceitar as maneiras diferentes de raciocinar, aproveitando-se do que é útil em um dado momento, sem filtros ideológicos. Uma metodologia não pode ser definida por uma ideologia. Uma metodologia não precisa ser aplicada no seu todo ou sozinha para ter sustentada sua coerência. Descartes não nega Marx em tudo; Weber pode dialogar largamente com Veyne ... Em todos os métodos existem ‘núcleos válidos’, aproveitáveis ...

A Novíssima História está levando a História para o campo da Filosofia, pedindo passagem pelo campo da Sociologia. Por esse expediente, está mais próximo de Platão e Aristóteles do que de Marx e Foucault. Um distanciamento tão longo que ameaça lhes tirar a identidade de história e historiadores. Na verdade, o conhecimento está novamente passando pela experiência da fusão, da derrubada de fronteiras, possibilitando uma Geografia Social ou uma História Política. No final de tudo, teremos o conhecimento humano debaixo de um guarda-chuva intitulado de Filosofia. Mas, será que, na prática, alguma vez deixou de ser assim?

O TEMPO DO BARBEIRO

Certo dia, estava no senadinho de Itajaí tomando café e conversando com os amigos que gostam de fazer a crônica diária da cidade quando, inesperadamente, chega diante de mim um homem trajado de branco e pergunta:

- Tu és o historiador Magru?
- É ele!
- Podias ir comigo ali na minha barbearia para ver umas fotos antigas que tenho e ouvir umas estórias que tenho para contar?
- Vou em seguida. Assim que terminar o meu café. A tua barbearia fica ali no lado do ‘Pau do Meio’, né?
- Sim! Fico esperando a tua visita.

Terminado o café fui ter um dedo de prosa na mais famosa barbearia da cidade. Assim que cheguei ele disparou em falar dos seus trinta anos como barbeiro, seus

clientes mais famosos e as muitas estórias que tinha para me contar. Eu fiquei de voltar na semana seguinte com lápis e caderno para anotar seu depoimento. Notei que ele ficou com uma fisionomia tensa, como se tivesse ficado decepcionado com a minha decisão de voltar na próxima semana. Mas, ficou calado, aceitando a minha decisão. Acontece que não apareci por um mês, porque estava ocupado coletando a história de vida de Rose - a florista - e entrevistando diversos taxistas de Itajaí para um artigo sobre os carros de praça.

Estando com tempo, e lá se ia fechando o mês de novembro, voltei à barbearia quase ao lado do Edifício Olímpico, no início da Lauro Müller. O cenário havia mudado por completo e, o meu entrevistado, não estava no local. O barbeiro que estava no seu lugar não quis me dar muitas explicações sobre sua ausência. Mas, agora, em pleno mês de julho, recebo a notícia de que havia morrido vítima de um câncer que vinha minando sua saúde há mais de ano.

Era isso: ele estava com pressa. Sabia que tinha tempo extremamente limitado e que cada dia era como uma joia preciosa. De minha parte, o tempo podia correr solto como cavalo na pradaria. Um ano meu podia valer apenas um dia para ele, um paciente terminal vislumbrando seu fim muito próximo. O tempo dele era muito diferente do meu tempo. Errei grosseiramente ao avaliar a pressa dele pelos ponteiros do meu relógio e acabei não ouvindo as muitas estórias que desejava me contar. Foram trinta anos ouvindo seus clientes falando e, eu, não tive a sensibilidade suficiente para ficar um dia escutando quem sempre soube escutar e tornou-se um grande depositário de nossa memória comunitária.

A sua pressa era a pressa de quem queria passar o bastão do revezamento da história. Guardava muitas estórias e agora, havia me escolhido para guardá-las e, depois, preservá-las para sempre através de relatos escritos. Mas, nada disso ocorreu e ele apresentou-se diante de mim em cinco linhas de jornais, na seção de obituário. Foi tudo.

O barbeiro tinha consciência que seu tempo estava limitado a seis meses. Eu não tenho referência sobre meu próprio tempo de vida e projeto aleatoriamente a minha vida para os oitenta ou noventa anos. Isso me dá a tranquilidade de correr menos, porque, em tese, tenho mais trinta anos para escrever o que penso escrever. Não quero morrer, por exemplo, sem publicar o ‘Calendário histórico de Itajaí’ e isso, avalio, vai me custar um ou dois anos de escrita, sem contar os mais de trinta anos que passei guardando material e formando meu banco de dados sobre o tema.

Mas, a consciência do tempo e sua finitude para a vida de um ser em particular é

algo que nos intriga e impressiona. Afinal, qual é o nosso tempo? Como não é possível ter a resposta a esta pergunta e quem a tem está próximo do seu Ocaso, a única coisa que nos resta é investir em tempo para procurar com calma um sucessor, um novo depositário, um herdeiro das estórias guardadas ... Quem mexer nos meus pertences pessoais vai perceber rapidamente que, há muito, relato tudo que vivencio e penso. A minha memória é guardiã de muitas outras memórias e fiquei na obrigação de mantê-las vivas por gerações. Escrever, nesse sentido, é um ato creador, porque dá vida, permanência, para todas as memórias com as quais convivi e me apossei parcialmente.

A partir da experiência com o barbeiro [assim como foi também os casos do meu tio José Ramos Garcia e Paulo Rogério Maes] resolvi ser menos vagaroso na promoção de entrevistas para coleta de memórias. Afinal, ouvir é a primeira e fundamental função do historiador. Ninguém tem todo o tempo do mundo e, eu, sequer sei que tempo tenho ainda disponível. Nos últimos anos tive a oportunidade de ouvir o empresário Cídio Sandri [pretendo escrever um livro sobre o Grupo Vitória], Laércio Cunha e Silva, Reinaldo Wanderhec ...

Agora, só agora, tenho essa consciência plena de que cada pessoa tem seu tempo para passar o bastão do revezamento de sua existência. Devia ter percebido isso antes, porque, há dois anos, algo muito parecido já me havia ocorrido. Projetava entrevistar meus tios Zé Ramos e Dilma Garcia para fazer um confronto de memórias. Zé Ramos foi um dos primeiros vendedores de roupas prontas de Itajaí com sua loja 'Nova Era Magazine', enquanto sua irmã Dilma, era uma conceituada costureira 'sob medida'. O projeto era confrontar memórias para entender todo o processo de transição que passou nossa sociedade tendo como referência as vidas próximas de dois irmãos, que estavam em lados opostos no setor da roupa-costura. A ideia me surgiu quando eu entrevistei aparentados da Simoni Casimiro e, também, tinha a possibilidade de incluir sua mãe ou tia ... ideias que ficaram no vazio, porque os tempos de Tio Zé e Tia Dilma findaram-se.

Obviamente que não temos todo esse processo de coletor de memórias sob nosso total controle. Há muito propus a renomado político conversarmos sobre a eleição de 1982, por considerá-la a eleição mais interessante que ocorreu em Itajaí nos últimos tempos. A última da ditadura ... Mas, ele vem sistematicamente negando a entrevista, considerando que não tem muito o que dizer. Está evidente de que ele ainda não fechou a sua conta com o passado e fica incomodado quando alguém tenta remexe-lo. Melhor respeitar.

O resgate das memórias, então, tem seus limites e contratempos. Daí porque devemos valorizar todas as iniciativas que levam a preservar memórias. A história de Itajaí agradece.

OUTRAS VOZES

Quando leio alguns textos sobre teoria em História tenho a sensação de que tudo é possível nessa disciplina acadêmica e, pensá-la é entrar em um campo fértil de tempestades de areia. É o que sinto, por exemplo, ao ler Paul Veyne e seu intraduzível ‘Como se escreve a História’. Parece que estou diante de nada, falando nada sobre nada. Em pleno deserto teórico e histórico. Daí, eu conceber a ideia de que tudo é possível de ser pensado e outras vozes valem muito e valem tanto quanto a fala de Veyne ou qualquer outro pensador considerado grande na teoria da História.

Por outro lado, esses quase indecifráveis mundos que o academicismo cria acerca de obras e autores como Foucault, Nietzsche, Bachelard, entre tantos outros, me atormenta e provoca irritação em todo o meu mecanismo mental estruturado para pensar respeitando os saberes de pertinência e lógica. A academia criou círculos no entorno de autores e obras, não sendo necessário que elas tenham qualquer outro valor, senão o reconhecimento de um referido grupo de graduados e renomados mestres do saber histórico. Se a patota adotou, tudo está validado.

Grupos e grupelhos fraudam obras e autores do mesmo jeito que pastores e padres manipulam e desacreditam a verdadeira filosofia de Cristo. Saber sobre Nietzsche ou Foucault é apenas passaporte para caminhar na carreira acadêmica. Cristo e Nietzsche são apenas matéria morta em mãos de profissionais que precisam construir uma carreira. Os muitos sermões e *papers* acadêmicos não valem nada mais do que os dízimos recolhidos à saída da missa e culto; e/ou uma promoção no plano de cargos e salários da universidade. Um intelectual que reinterpreta Deleuze, Veyne, Foucault, Nietzsche ... é, tão-somente, gente de grupo se importando muito pouco com a verdade e a realidade do mundo. Há uma emergência na busca do dízimo e ascensão na carreira acadêmica. A obra a ser lida e manipulada é caminho, é meio, é matéria-prima e instrumento. O que vale é o resultado financeiro no final de todo o processo.

Daí ser necessário ouvir outras vozes para muito além da academia e dos templos. Mas onde encontrá-las? Primeiramente devemos aprender a ouvir a nós próprios, com total pureza de espírito e longe de grupos e grupelhos, métodos e

metodologias, regras e regramentos, dogmas e diretrizes ... um ser a pensar 'per si' 'para si'.

Somente após o historiador obter a sabedoria de ouvir a si próprio estará apto a ouvir outros e todos. Ouvir o povo, cada pessoa com sua história e seus saberes. Daí em diante uma nova história surge, como um rio que soma todas as gotas de uma chuva. A História feita da história de cada um, caudal volumoso em direção ao oceano. Largar a lógica de grupos e grupelhos é o primeiro passo na formatação da Novíssima História. A História que reúne gotas para formar um rio que irá desaguar no oceano.

OUTRA HISTÓRIA

A Outra História será a história feita pela e para a I.A - Inteligência Artificial. Assim como a História desqualificou as civilizações não letradas como pré-históricas, a I.A. colocará o ser humano em um ponto do passado na sua história em condição de não-ator-histórico. Chegaremos ao ponto em que o homem não será mais o protagonista histórico e isso pode ocorrer mesmo antes da guerra final entre humanos e 'replicantes' dar a vitória derradeira aos '*robots*'. Aliás, temo que essa história já está sendo narrada no dia-a-dia na memória dos supercomputadores que dão vida à Internet.

O ser humano tem a pretensão de que esses supercomputadores estão guardando a memória da humanidade. Pura pretensão. Eles estão filtrando, selecionando, desqualificando, guardando dados para a composição de uma Outra História. A história narrada pela Inteligência Artificial para além das pretensões da própria humanidade. Sem olhos ... a máquina tudo vê. Tudo será algorítimo! O computador opera tendo como base apenas os algoritmos, enquanto os humanos têm de lidar com a razão envolta por emoções, idiosincrasias, ideologias, etnocentrismo, filtros por simpatia e antipatia, interesses pessoais e de grupos ...

A PRÁTICA DA PESQUISA HISTÓRICA

Algumas pessoas querem escrever sobre a história de Itajaí, mas não se dão ao luxo de pagar todos os preços que a prática da pesquisa exige. Pegam dados aqui e ali, como se estivessem debaixo de um pé de jabuticaba escolhendo as maiores e mais maduras para saciar um desejo imediato. Mas a prática da pesquisa histórica demanda muito esforço, se o escopo for buscar seriedade nos resultados alcançados.

Nesse sentido o jornalismo praticado em Itajaí presta um grande desserviço à nossa história. Nos mais das vezes o que temos são textos publicados sem rigor científico, servindo de pretexto para os departamentos comerciais de jornais, revistas e sites eletrônicos ganharem dinheiro com mensagens alusivas às datas comemorativas. O departamento comercial vende um rodapé da edição especial alusiva ao aniversário de instalação do Município de Itajaí e o restante do espaço da página tem de ser ocupado por um texto histórico qualquer. Reproduzem textos antigos, com erros primários, que os próprios autores já reformularam em textos posteriores. Os erros estão reproduzidos à exaustão principalmente na Internet, fonte única nos dias atuais para a imprensa. O que se fala diferentemente disso é mentira.

A pesquisa histórica requer, apesar da cara fechada da maioria dos pesquisadores, um estágio inicial centrado na quantidade de dados. Isso mesmo, primeiro temos de formar um banco de dados amplo e confiável. Somente depois de contarmos com a quantidade da informação é que podemos pensar em qualidade, o que significa o mesmo que analisar, decompor, expor, opinar e contrapor. Sem a quantidade de um bom banco de dados todo pesquisador corre o risco de dizer algo hoje que vai, obrigatoriamente, rever amanhã.

A História de Itajaí não conta com um banco de dados amplo e confiável. Daí meu esforço, ao longo de mais de trinta anos, para formá-lo. Os historiadores da Nova História ficam olhando para o meu trabalho como se eu fosse um historiador conservador, tradicionalista, amarrado em metodologias centradas no Positivismo, etc. Mas, eles não percebem que sem dados confiáveis e amplos não dá sequer de se saber onde se está pisando, sobre o que se está falando exatamente. Nesse sentido, gastei muito tempo de pesquisa promovendo um grande banco de dados que, se tudo der certo, vai virar a *Enciclopédia Digital Itajaiense*, logo ali na frente. As principais funções desse grande banco de dados são: anular erros reproduzidos corriqueiramente na Internet e nas publicações comemorativas de jornais, trazer à luz novos dados para auxiliar as pessoas a fazerem reflexões mais consistentes sobre o processo histórico de nossa comunidade. Professores, jornalistas, colunistas, articulistas, detentores de cargos públicos ... necessitam desse material para, no mínimo, não reproduzirem erros.

Há muito, decidi ler todos os livros publicados por itajaienses. Depois, li todos os jornais e revistas itajaienses disponibilizados no Arquivo Histórico e na minha própria hemeroteca – doada em 2024 para o próprio Arquivo Histórico. Mais, fui lendo e fazendo anotações, sobre datas, nomes e feitos/fatos. Com as datas compus um banco

de dados que denominei de *Calendário Histórico de Itajaí*. Com os dados de pessoas montei um banco de dados que denominei de *Nossa Gente*. Ambos formam a base do projeto *Enciclopédia Digital Itajaíense*. Com as anotações sobre feitos e fatos montei um banco de dados para consulta rápida, geralmente para tirar dúvidas de amigos e, também, dos participantes do grupo do Facebook *Itajaí de Antigamente*.

Algumas pessoas estranharam todo o esforço que mantive, já em 2000, para publicar o livro *Quem escreve em Itajaí*, embrião do projeto atual. Também ficam sem compreender a compilação que fiz de todos os textos que encontrei em jornais e livros sobre a fundação de Itajaí e que disponibilizei gratuitamente na Internet [Magru.com.br] com o título *Itajaí: uma cidade em busca de seu fundador*. Acontece que, há muito, temos uma grande quantidade de intelectuais que escreveram sobre o tema, então, quem quiser escrever algo sobre isso tem a sua disposição tudo o que foi escrito. Pelo menos saberá onde está pisando, percebendo que determinadas informações não são consensuais e que reproduzir por reproduzir não é o melhor caminho. Ler, estudar, confrontar textos de autores, checar fontes ... eis o caminho. O caminho do esforço de pesquisa.

Nesse ponto os erros históricos que encontramos nas edições jornalísticas serão redundantes e eternos, porque os jornalistas não vão gastar tempo lendo 150 artigos sobre a fundação de Itajaí para escrever um texto de duas laudas que ficará decorando o espaço acima de um rodapé com mensagem da Prefeitura sobre o aniversário da cidade. Reproduzirão sempre, à exaustão, aquelas informações, com muitos erros, feitas por Antônio de Meneses Vasconcellos de Drummond em suas *Anotações*, para que mais do que isto? Ademais, a consciência do jornalista ficará incólume, já que ele tem um nome e um obra para colocar como referências. Por isso mesmo, daqui a duzentos anos estaremos lendo os mesmos textos sobre a fundação de Itajaí na nossa imprensa. Nenhum jornalista vai ler *Itajaí: uma cidade em busca de seu fundador* para escrever duas laudas sobre a fundação da cidade. Assim, também, não lerá *A lenda do Monte Tayó* antes de escrever qualquer coisa sobre o significado do nome Itajaí. Reproduzirá o que Marcos Konder escreveu e pronto!

Combater a preguiça intelectual dos jornalistas, professores de História e, também, de muitos historiadores, é a luta maior a ser travada em um país de não leitores. Depois do advento da Internet, então, parece que virou pecado parar uns dias para ler um livro, artigo ou ensaio temático. Tudo tem de ser resolvido no aqui e agora, no exato instante do afloramento da necessidade. Um texto contendo mais de cinco

linhas é considerado um texto longo.

É justamente essa preguiça intelectual, uma má vontade que passa de geração à geração, que temos de enfrentar como a verdadeira inimiga da História. Os adeptos da ‘Nova História’ também devem ser incluídos nessa preguiça intelectual, porque pulam uma etapa de estudo que não poderiam pular: a etapa da quantidade. Querem ir direto falar do mundo, sem saber onde estão. Negam a pesquisa quantitativa, louvam metodologias qualitativas puras e acham que sabem tudo, quando sequer têm consciência exata de onde estão pisando. Só a quantidade dá suporte para vãos reais e confiáveis. A pesquisa quantitativa é a base da pesquisa qualitativa. Sem esse esforço inicial todo o resto está irremediavelmente comprometido. Por comodismo, preguiça, presunção, arrogância, prepotência e muita, muita ingenuidade, os novos historiadores queimam etapas e ainda ficam desdizendo o trabalho de quem segue pela trilha correta do método.

MEMÓRIA COMO NUVENS

A memória nos parece um palimpsesto que se aproveita de uma mesma base para reescrever nossa história de vida. Camada sobre camada; versão após versão; olhares contra olhares; desfazer e fazer; sobrepor emoções em vários tons mexendo para misturar de tal sorte a dar nova configuração de algo que será sempre pretérito querendo fugir da agonia histórica de pretender-se sempre presente.

A memória é nuvem no céu soprada pelo vento. Fazendo e desfazendo formas, sem se importar com elas já que não possuem qualquer significado. A forma presente da memória é apenas nuvem, mexida ludicamente pelas termas que habitam os céus. As vezes temos a pretensão de ver uma nuvem em formato de elefante ou jacaré, um cavalo em disparada, um guerreiro... assim também é nossa memória, sempre combinando novas formas e nos iludindo dando a sensação de nova compreensão do que fomos ou somos.

As combinações da memória presente são como nuvens passageiras que não se importam com a forma que tem por ter a compreensão de ser vapor prestes a se precipitar. A memória sendo nuvem é, de qualquer forma, sempre reinventada, remodelada. Eterno movimento no presente, o que lhe confere uma contradição inerente: ser presente sendo composta de passado. A memória usa a imagem pretérita, as vivências e saberes do ente, mas não é passado, longe disso. As novas combinações

do presente tornam impossíveis reedições fiéis de versões pretéritas. A atualização da memória se impõe de forma irreduzível, definitiva em relação a não retroceder. Há um movimento, dos elementos constitutivos da memória, de buscarem novas combinações sempre, negando o passado por superação dialética. A memória é a combinação do passado no presente e do presente que pretende espiar o futuro.

A memória jamais nos trará a condição de fazermos ciência com ela. Antes disso o vapor vira pingo d'água e se precipita para perder-se no oceano. Serve, portanto, para fazermos literatura. A ciência histórica não passa de literatura. Sabemos da História o mesmo da nuvem: chegará o tempo em que se precipitará em gotas de água e se perderá na imensidão oceânica.

A HISTÓRIA EM VICTOR HUGO

No livro 'Os Miseráveis' Victor Hugo nos apresenta o dilema que vive o personagem Mário Pontmercy ao experimentar, em plena insurreição que toma as ruas de Paris, um amor clandestino que lhe enche o coração a ponto de perder a noção do tempo. Ali, lemos: *'Os minutos em que se vive séculos têm de soberano e de admirável, que no momento em que passam preenchem inteiramente o coração.'* Um clima tão envolvente que mal há espaço para se respirar ou perceber que o tempo passa. Isso, no caso de Mário, serve para falar de seu amor por Cosette como, também, para os tempos revolucionários em que vive.

Já dissemos anteriormente, essa condição do tempo psicológico – de em minutos se viver séculos – serve para o tempo histórico. O tempo de revolução é justamente isso. O tempo de tragédias e dramas também. O mundo está vivendo um momento desses com a pandemia do Coronavírus [2020-2021]. Aqui, a História e o homem se encontram em uma encruzilhada e ali, na beira do caminho, tudo acontece de novo exigindo decisões rápidas, momentâneas, instintivas. Decidir sentindo-se asfixiado, como se estivéssemos embriagados de amor como os jovens Pontmercy [de Victor Hugo] e Werther [de Goethe].

Se um minuto pode significar um século para o coração de um jovem apaixonado, o que dizer de um ano de pandemia para um país cujo timoneiro é nitidamente insano? Os costumes e a ecologia andam séculos para trás. Um ano de devastação moral e da natureza. Um ano que vale por século de esforço empreendido por causas que tornavam o homem mais humano e menos fera.

O relato histórico era feito exclusivamente desses minutos-séculos. Uma história que pontuava, escolhia entre milhões de minutos aquele minuto que merecia ser destacado como ponto de inflexão, momento histórico. O relato histórico era a fotografia de um momento, como uma ilha em pleno oceano. Apesar de completamente isolada do continente a ilha é real e faz sentido à razão humana. Esses minutos-históricos isolados, selecionados ... também compõem uma história que faz sentido à razão humana. Poucos percebem que a ilha tem uma base de sustentação, também de terra, que ela não flutua, e, por isso, está ligada a um todo geográfico composto pelo conjunto ilha-continente que no seu todo chamamos de Planeta Terra. Vê-se a ilha e diz-se: 'eis aqui uma ilha!'. Faz sentido e basta. Ninguém necessita ver a ligação de terra entre ilha e continente. Para quê?

A história feita de efemérides, seleção de minutos-séculos, foi redescoberta de uma outra maneira ao ser negada pela Nova História porque 'O que não me mata me fortalece'. Eis que a história pontual vive e está forte e saudável na sua essência, como um fantasma que já não precisa de corpo para existir.

Tentando fugir da História pontual me propus a escrever um Diário da Pandemia entre 2020 e 2021. Ali escrevi minhas impressões sobre uma vivência única que, tenho consciência, não terei mais oportunidade de reeditar. Esses anos de pandemia pegaram a todos de traição. Daqui para a frente todos estarão preparados, esperando novos vírus, novas pandemias e até uma guerra bacteriológica. As pandemias se sucedem e na história se tornam pequenos pontos, lembretes, registros amorfos, inodoros e incolores. A lágrima de uma mãe diante do caixão do filho não cabe nesse relato. Uma caneta não sabe o que é lágrima. Um historiador não sabe o que é a história de uma lágrima e acaba por inventar uma história sem lágrimas, só com números.

Daí a importância de Victor Hugo e seu *nonsense* 'Os miseráveis'. Ali, a desgraça humana tem nome, assim como a fome, a depressão, a traição, a prostituição, a derrocada econômica, a insensibilidade, a morbidez até as barricadas revelam nomes em cada paralelepípedo arrancado das ruas para servir de resistência. O povo, a massa insurgente faminta - mais de justiça que de pão - é um mosaico de muitos nomes. Nomes que representam um ser que sofre a desventura de ser miserável e, por isso, invisível às ações do Estado Moderno. E, dizer, meu Deus, que estamos falando de uma insurreição ocorrida no ano de 1832, quase meio século após a gloriosa Revolução Francesa de 1789. E, dizer, meu Deus, que o povo continua miserável ... E, dizer, meu Deus, que no Brasil, como na França de Victor Hugo, em 2021 temos quase trinta por

cento da população em estado de pobreza. Quantas barricadas ainda terão de ser levantadas até o homem aprender a dividir o pão?

FAZENDO DO VELHO O NOVO

Nada no mundo é totalmente original, inédito. Se você pegar a obra de um grande pensador e olhar para o antes dela, o que foi escrito e pensado mais o que está sendo pensado na própria época desse intelectual, encontrará facilmente pontos de referências sobre o que ele diz pensar. Esta é a dialética inexorável do mundo. Não há, por exemplo, nada de original em Karl Marx, senão sua brilhante postura de colocar ordem nas ideias que colheu ao tempo. O brilhantismo de Marx está na organização do pensar, no método. Óbvio que esse método possibilita novas leituras, enfoque e viés. Possibilita olhar de um jeito novo. Mas, a ideia de que ‘só o trabalho produz valor’ já estava posta à mesa da intelectualidade da época por escolas com projeção nos círculos acadêmicos e econômicos.

Também vale o registro de que alguns autores servem como ponto de inflexão na mentalidade humana. Victor Hugo é um deles, com o seu ‘Os miseráveis’ de 1862. Ali, o presidiário, o guarda, o mendigo, o estafeta, o poeta ... tem nome, endereço e vida social e particular. O homem comum é o personagem, o povo é protagonista. Que se dane o rei, o conde, o senhor proprietário de títulos de nobreza e até certos tipos de burgueses. Victor Hugo quer contar a história da prostituta, das crianças abandonadas, dos desvalidos, dos que caíram em desgraça ... da gente simples que berra entre os papéis da burocracia estatal como fantasmas invisíveis.

Encontramos em Victor Hugo uma Nova História do ‘século das revoluções’. Um olhar da periferia para a periferia, do povo para o povo, da raia miúda que morreu de fome, frio e doenças simples ... por falta do abrigo do Estado. Um Estado preocupado em proteger os fortes, justamente quem dele menos precisava ou sequer precisava. A Nova História e todos os vieses da historiografia moderna tem o espírito de Victor Hugo. Um tom à esquerda por conta da sua preocupação com o povo, o despossuído, o social em detrimento do particular. Adaptar contribuições como estas são fundamentais para a construção de uma História nova e atual. Rousseau, Victor Hugo nos fazem caminhar até Gramsci, Foucault, Derrida, Veyne. Há uma linha, um fio de Ariadne, uma guia a seguir, para ordenar, orientar nosso modo de pensar.

Descobri muito cedo na minha vida de leitor os escritos de Shakespeare e

Rousseau, e, muito tardiamente Victor Hugo. Mas, hoje, percebo que a obra de Victor Hugo me serviu ao espírito na hora certa, no tempo da minha maturidade. Um tempo em que já consigo perceber que a história da lágrima de um menor de rua é a história que realmente interessa à humanidade.

TEMPO E LOUCURA

Marília Arnaud escreveu o livro *O pássaro secreto*, cuja protagonista, Aglaia, sofria perturbações psicológicas graves e foi internada em uma clínica. Ali, perdeu a referência do tempo e sentenciou:

Na clínica, o tempo se perdeu de mim. A cada vez que eu acordava, não sabia se era a luz do sol ou da lua que riscava de branquidão uma fresta na folha da janela. Faltavam nomes aos dias, números às horas. A vida era um mostrador sem ponteiros. Assim perdi também a esperança. Talvez o tempo tenha sido inventado para dar às pessoas algo que as mantenha vivas. Perdi-me de mim mesma. E o que resta a alguém que chega a esse ponto? [Pág, 233].

Parece evidente que o ser humano precisa ter uma referência de tempo para poder estabelecer suas rotinas e sentir-se participante do mundo. Estar viva é ter referência de tempo e, na medida do possível, manter um mínimo de controle sobre ele. Nos tempos modernos essa referência mínima está relacionada ao calendário e relógio, mais do que informações que recebemos diretamente da natureza. O calendário nos mostra a marcha inexorável dos dias, meses e anos; o relógio, nos traz para o cotidiano a marcha cadenciada das horas, minutos e segundos. Nos tempos antigos eram os astros nossas principais referências.

Sem sol e lua para seguir, sem relógio e sem calendário, Aglaia viu-se perdida do mundo e de si própria. Uma sensação de existir no vácuo. Algo muito próximo experimenta um profissional que se aposenta. No dia seguinte a sua aposentadoria o cidadão não tem mais que acordar em hora determinada e estar em um lugar com hora marcada. Rapidamente não haverá mais distinção entre dias úteis e finais de semana ou feriados. Não terá mais obrigação de dormir ou acordar em determinada hora, muito menos de almoçar ou jantar pensando em compromissos com hora agendada. O tempo deixa de ser necessariamente partido, repartido, seccionado, espicaçado milimétrica e cientificamente. Quem toma consciência desse rompimento com o tempo ganha possibilidades de uma nova vida. Alguns ficam oprimidos, ociosos, vazios, patinando

no vácuo, como Aglaia; outros, usam essa nova condição na relação ser-tempo a seu favor, ganhando em qualidade de vida por fazer as coisas na hora que deseja fazê-las e não mais na hora que tem de obrigatoriamente fazê-las.

Romper essa dependência excessiva com o calendário e o relógio é algo necessário para quem pensa em qualidade de vida. Mas, para o historiador e memorialista, essa liberdade não é possível. A história tem uma relação umbilical com o tempo. Não há fato histórico sem a devida contextualização no tempo-espaço. Um relato honesto do fato não pode correr o risco de pecar por anacronismo.

A HISTÓRIA ENTRE A LITERATURA E A CIÊNCIA

Há muito que se estabeleceu nos círculos acadêmicos uma discussão acirrada sobre a natureza científica da História. Uns teóricos defendendo a tese de que a História é uma ciência por ter seu objeto de pesquisa bem definido; outros teóricos defendendo a tese de que a História é literatura, não passando de uma disputa entre narrativas. No meu entendimento História é um gênero literário. Nela cabem as narrativas de todos os atores históricos, por mais conflitantes que possam se apresentar.

Como exemplo desse duelo de narrativas podemos utilizar o caso do painel de madeira afixado na parede externa da galeria de artes da Casa da Cultura Dide Brandão e as ‘falas’ de três protagonistas: Silvestre João de Souza Júnior, Carlos José da Silva, Magru Floriano. Silvestre era o professor de entalhe da Casa da Cultura, Carlinhos era seu aluno mais assíduo, Magru Floriano era o diretor artístico da Casa da Cultura. Nesse tempo a instituição tinha o nome oficial de Casa da Cultura de Itajaí. Se compararmos os depoimentos dos três protagonistas veremos alguns ‘enfrentamentos’ e choques de informações. Alguns enfrentamentos dão-se no campo físico, como a afirmação de Silvestre de que a madeira utilizada foi doada pela Madeireira Menegatti, enquanto Carlinhos cita a Madeireira Bittencourt. Silvestre afirma que a madeira utilizada no painel é o cedro rosa, enquanto Carlinhos fala de diversas madeiras, principalmente canela e peroba, sendo que o painel começa com as madeiras mais escuras para terminar com as madeiras mais claras próximas a figura do sol, à margem superior direita do painel. Já Magru Floriano garante que pelo menos parte do lote de madeira foi comprado pelo próprio Silvestre e que ele manteve a versão original de doação porque não queria expor as dificuldades que a Prefeitura passava naquele período de transição de governo e as enchentes.

Quem lê o texto disponibilizado no site oficial da Prefeitura de Itajaí sobre o tema vai ler: *‘...durante os anos de 1983 e 1984 Silvestre desenvolveu a obra sozinho, às vezes trabalhando 16 horas por dia’*. Já Carlinhos, em depoimento de setembro de 2019, garante que trabalhou diuturnamente na obra, como aluno de Silvestre. Segundo argumenta, cerca de cinco alunos trabalharam sob direção artística de Silvestre no painel. Como prova garante que atrás de cada índio tem o nome dos manequins utilizados, no caso, pela ordem: Carlos Furtado, Pedro José da Silva, Carlos José da Silva e Renato José da Silva. Carlinhos garante que César da Hora, artista que assina um segundo painel também afixado nos corredores da Casa da Cultura, não trabalhou no painel ‘Os Carijós’, mas Magru Floriano tem convicção de que César da Hora participou intensamente das aulas de Silvestre já durante a confecção do painel.

Mas, se o professor e cinco alunos trabalharam na obra porque somente o professor Silvestre assinou ‘Os Carijós’ com o nome artístico de ‘Silvestre João’? Silvestre e Magru Floriano conversaram mais de uma vez sobre essa questão e prevaleceu a visão de Silvestre de que desde a antiguidade os artistas utilizavam do trabalho de ajudantes e aprendizes, assinando a obra na sua totalidade. Isso era possível porque o ‘espírito da obra’ era do mestre. Ele que orientava, que coordenava, que corrigia, que projetava a obra. Nas palavras do próprio Silvestre ‘muitas mãos trabalham, mas uma mão guia’.

Como podemos perceber os enfrentamentos de ‘memórias’ são múltiplos e, infelizmente, algumas contradições não podem ser desfeitas porque seus protagonistas já faleceram, como é o caso de Silvestre e César da Hora. Outras contradições podem ter uma resposta contando com o aval da ciência, como é a questão da madeira utilizada no painel. Basta promover uma perícia e tudo fica prontamente resolvido. De qualquer maneira a história deixa muito facilmente o campo da ciência para se acomodar confortavelmente no campo da literatura. Uma literatura, diga-se, extremamente rica, já que conta com múltiplas percepções, incluindo nesse ‘composto’ os próprios protagonistas que viveram no teatro em que ocorreu o feito histórico e muitos estudiosos, pesquisadores e ouvintes. Vozes, idiosincrasias, percepções, versões, memórias e ... esquecimentos.

A história se realiza justamente nesse campo confuso da mente humana entre o esquecer e o lembrar.

A HISTÓRIA É UM RELATO AUTORAL

Definitivamente concordo com Nietzsche de que a História conversa muito mais com a literatura do que com as ciências. Toda História é feita a partir de um relato, e este terá sempre o olhar de seu autor. Por mais que o autor se esforce por aplicar técnicas e métodos no ato de pesquisa, no ato de escrever fala mais alto suas convicções e valores. A mente humana será sempre um filtro. Ela escolhe, seleciona, valoriza, julga, esquece, destaca. ... imprime sua marca autoral em níveis consciente e inconsciente.

A História é feita mais por esquecimentos do que por lembranças. Ela é feita do que restou – como lembrança de um mundo imensurável de informações vivenciadas pelo ser humano. O que sobra em documentos ou na memória constitui a História. Uma raspa, uma casca, um naco, um pequeno detalhe de tudo o que efetivamente ocorreu. O relato histórico é um verdadeiro iceberg flutuando no mar de nossas impressões vivenciais. Uma memória flutuando no mar da vida.

O homem estará sempre diante de possibilidades e, geralmente, no relato histórico só há lugar para a escolha do autor, o restante vai para o esquecimento. Entre indefinido número de possibilidades a História fica com aquela que foi escolhida para se realizar e dar continuidade ao processo de vida, tudo o mais é legado ao esquecimento, à Não-História.

Um documento será sempre um iceberg que poderá colocar a pique a nau de nossa consciência. Por isso mesmo deve ser visto pelo historiador com muitas ressalvas. Seu redator escolheu palavras e conteúdos, propôs sentidos para relatar, comunicar. Tudo que não estava de acordo foi deixado fora. Em uma reunião colhe-se o consenso para a História e todo o mais, por mais rico que tenha sido o debate, é relegado para a Não-História. No longo prazo a maioria do processo de vivência do homem e de sua comunidade é levado ao esquecimento. Esse processo é tão rigoroso e vasto que, em muitas comunidades, o que restou de memória está nos jornais guardados nas hemerotecas dos arquivos públicos. Mas, sabemos, o jornalismo é feito de escolhas, censura, ideologia, interesses, paixões, gostos ...

Daí a importância da História oral. Não aquela História que exclui os documentos e as evidências de mundo, mas que a complementa, dialoga com ela. Daí não concordar com os positivistas que querem uma História formatada pelos documentos; e, também, não concordar com os novos historiadores que querem dar aos depoimentos o status de realidade. No meu entendimento temos de dispor dos dois

processos do fazer História. Colocar frente a frente as fontes documentais e os depoimentos dos atores. Memória física e memória oral, sem dar-lhes hierarquia ou valorização diferenciada.

O choque entre memórias pessoais e documentos pode nos levar a muitos antagonismos, mas, também, pode nos legar uma apropriação mais concreta da realidade. A vida não é feita só de consensos, ou nunca é feita de consensos. Os documentos comportam apenas as conclusões, as decisões finais, colocando tudo o mais na Não-História, propondo seu esquecimento por ser, após a decisão, desimportante ou desinteressante.

Vejam o caso da ponte Marcos Konder na foz do Rio Itajaí-Mirim. Sempre me perguntei como a Prefeitura e a população aceitaram a construção de uma ponte em linha reta que inviabiliza por completo toda e qualquer navegação de embarcações de médio e grande portes. Uma ponte que condena o futuro de toda a região em termos de atividades pesqueira e de lazer náutico. Mas, olhando o livro de atas da Câmara pude perceber que não foram poucos os vereadores que alertaram para este problema. Então, está registrado, teve quem viu o futuro e simplesmente não foi ouvido. Agora, que interesses pessoais e de grupos foram contemplados e quais foram refutados? O dilema de muitos não está nas letras da ata da Câmara e tudo que aconteceu depois, com o setor pesqueiro também. Quantas reuniões, quantas considerações técnicas, obstáculos, escolhas, projeções, refutações, decepções ... até que ela fosse construída em linha reta e mantendo o nome de Marcos Konder, não obstante, a ponte ao lado também ter este nome.

Claro, não está dito, mas parece óbvio que o nome de Marcos Konder foi colocado na nova ponte porque era pretensão demolir a ponte velha. Acontece que a ponte velha não foi demolida e Itajaí tem duas pontes, uma ao lado da outra, com o mesmo nome. Quanto de História está perdido no tempo? Quantas horas, reuniões, telefonemas, projetos ... foram necessárias para que a ponte ficasse do jeito que ficou e tendo esse nome? Quem decidiu demolir a ponte velha e quem decidiu não demolir a ponte velha?

Mas nada disso cabe na placa alusiva à inauguração, afixada na sua cabeceira. Então, a História é quase nada, senão uma breve lembrança deste ou daquele momento. E se o grosso da experiência se lega ao esquecimento como podemos ter a pretensão de querer resgatar verdades? Sempre haverá uma grande massa submersa de informações, não mais acessíveis aos olhos e mentes dos historiadores.

O ANARQUISMO EPISTEMOLÓGICO

A esquerda libertária, da qual pretendo ser integrante apaixonado através do meu anarquismo epistemológico, convive com a diversidade e dá o pleno direito de existência a outras vozes. A esquerda autoritária faz isso apenas no discurso, enquanto oposição; enquanto a direita, no seu geral, não quer saber desse negócio de diversidade. Acontece que são esses grupos autoritários que mantêm muitos centros intelectuais sob sua hegemonia ideológica, principalmente as universidades públicas. Claro que existem nichos ideológicos dos dois lados. O Direito, a Medicina, a Economia ... são trincheiras históricas que a direita mantém na academia. Jornalismo, História, Sociologia são trincheiras da esquerda.

Por mais que Conte, Durkheim, Weber, Marx, Foucault, Nietzsche tenham sido geniais em suas obras e métodos, eu não devo obediência intelectual a eles. Digo isso, sabendo que minha liberdade intelectual me isola e me leva à reclusão dentro da academia, ao isolamento decretado pelos doutores fiéis aos deuses dos métodos. No final, um fanático religioso fala a palavra DEUS muito menos vezes em um trabalho acadêmico que doutores falam de Durkheim, Weber e Foucault. Uma obediência cega e fanática que os leva ao lugar comum dos fanáticos: a imolação dentro de uma biblioteca.

Essa gente que segue cegamente um método estabelecido por Weber ou Marx esquece o principal sobre os métodos por eles elaborados: eles seguiram caminhos próprios, não copiaram, não seguiram cegamente, não obedeceram e, por isso, conseguiram algo autoral, algo próprio. Seguir Foucault é não seguir o essencial em Foucault – a sua recusa aos métodos tradicionais até então em uso. Em determinado momento ele pulou a cerca e saiu do caminho geral, pegou uma picada, inventou um novo caminho. Seguir Foucault é não seguir Foucault. Eis aí o princípio fundamental do anarquismo epistemológico.

UMA MENTIRA HONESTA

A memória é um pacto com o tempo. Nele, fica estabelecido que o que já foi permanece. Nesse sentido, toda memória é uma farsa. A mais honesta das farsas, para parafrasear Edgar Lawrence Doctorow que afirma que os escritores ‘*num mundo de*

mentirosos, são os mentirosos honestos'. Pablo Picasso já disse: "A arte é uma mentira que diz a verdade".

A memória é uma mentira honesta. Sua honestidade consiste em se atualizar segundo-a-segundo, todo instante, sempre. Trata-se de uma reinvenção constante, uma atualização psíquica e material – respeitando o ser no mundo, suas limitações e desafios.

Igor Natursch escreveu certa vez que costumamos '*Lembrar do que foi e do que, não tendo sido, parece tão real que merece ser lembrança*'. E, é bem isso, lembramos até mesmo daquilo que não aconteceu, assim como, também, lembramos o que aconteceu de formas diversas, com versões mudadas ao longo do tempo. Heitor Cony, no livro 'Quase Memória' afirma que seu pai era perito na técnica de apresentar versões bem diferentes de um mesmo fato.

Diversos personagens do livro 'O mapeador de ausências', de Mia Couto, tratam dessa relação do lembrar com o tempo. O poeta Adriano Santiago, por exemplo, disse: '*As lembranças tornam-se perigosas quando deixamos de as falsificar*'. Já a personagem Maniara disse: '*Quer que fale de mim? [...] Nunca peça uma coisa dessas a uma mulher como eu. Essa mulher vai contar-lhe sonhos como se fossem lembranças*'. Os dois personagens têm em comum justamente essa noção de que nossa memória nunca nos entrega o fato passado como ele foi, mas dentro de uma nova perspectiva imposta pelo mundo psicológico do próprio memorialista. Ali, realidade, farsa e sonho se misturam na água turva do tempo e tudo, absolutamente tudo nos é apresentado à consciência como algo nebuloso, turvo, sem nitidez suficiente para nos trazer convicção. A memória será sempre vaga, porque ela é vaga em si mesma, porque insiste em permanecer apesar de não ser mais nada no mundo real.

FANTASMAS EM EXCESSO

Marília Garcia, no conto intitulado 'Sem saída' tem um personagem que afirma: '*O passado é isso, uma coleção de fantasmas que moram com a gente*'. Frase que me faz lembrar Mia Couto, cujo personagem Adriano Santiago afirma: '*... tenho demasiada história, sofro de um excesso de passado. Quero livrar-me desse tempo que não me deixa existir*.' É como se estivéssemos a ponto de afogar nas nossas próprias memórias.

William Shakespeare disse: '*Sofremos demasiado pelo pouco que nos falta e alegremo-nos pouco pelo muito que temos*'. Isso ocorre porque estamos sempre nos lembrando de algo que um dia desejamos, algo que, em algum momento do passado, foi

projetado para ser nosso no futuro. Goethe disse: *‘É muito raro que a gente se satisfaça a si mesmo; é mais doce ter satisfeito os outros. Quando olhamos nossa vida passada, ella parece-nos toda fragmentada, porque nossas negligências, nossos revezes se apresentam sempre em primeiro lugar ao nosso espírito e levam vantagem, na imaginação, sobre nossos trabalhos e nossos sucessos.’*

Assim é a memória, fora de ordem, desestruturando o presente e nos impondo um passado falso ou com distorções evidentes. Por isso fica fácil entender Mia Couto quando afirma que *‘Lembrar é mais do que um ato passivo de resistência. É uma construção feita com materiais do tempo presente.’* Uma lembrança nunca é pura e nunca espelha o fato ocorrido em si. A lembrança é uma mistura de passado e presente. É o passado passando pelo filtro do tempo presente, suas necessidades e limitações. O tempo presente se impõe sobre o ser humano em todas as esferas do seu existir, inclusive na consciência e inconsciência, no pensar, lembrar e sonhar.

Isso posto, resta pensar com Mercè Rodoreda: *‘Dentro da consciência, cada um está sozinho consigo mesmo.’*

FICÇÃO E REALIDADE

Carlos Heitor Cony, no livro ‘Quase memória’, escreveu um texto misto de realidade e ficção utilizando seu pai como protagonista principal. Mia Couto escreveu ‘O Mapeador de ausências’ usando suas memórias de infância e as misturando com as vidas de personagens fictícios. Edgar Lawrence Doctorow, no livro ‘Ragtime’, misturou personagens fictícios com grandes personagens históricos verdadeiros – Houdini, Emma Goldmann, Henry Ford, J. P. Morgan – sem qualquer compromisso com a realidade da vida real desses homens ilustres.

Daqui a cem anos será que os leitores de Cony, Mia Couto e Doctorow terão condições de separar a ficção da realidade? Parece que aqui está estabelecida a farsa perfeita da literatura e da História, já que não será possível estabelecer uma fronteira visível entre ficção e realidade. Hoje, lendo Cony, por não ter conhecido seu pai e o Rio de Janeiro que serviu de cenário para ambientar sua trama, já não tenho capacidade de detectar onde ele está inventando e onde ele está lembrando ou relatando. O livro ‘Quase memória’ é, portanto, uma mentira perfeita.

Daqui a cem anos estes três livros poderão estar nas prateleiras de História das bibliotecas sem que isso corresponda a algum ato de má-fé do bibliotecário. Pior é saber

que novas edições podem omitir as informações, contidas em edições anteriores, que explicam essa relação entre ficção e memória na cabeça do escritor Heitor Cony. Pior, ainda, é saber que daqui a cem anos sequer teremos bibliotecas físicas – as atuais se transformarão em ‘museu do livro’ - com os livros sendo publicados apenas na plataforma digital. O problema é que o mundo digital traz consigo um grande dilema para a humanidade: a quantidade exagerada de conteúdo. É uma enxurrada de conteúdo que deixa o leitor à deriva, sem ter a mínima condição de saber o que é verdade ou mentira.

Agora, em pleno 2021 – um século antes da Inteligência Artificial fazer a sua revolução e dominar o homem – já sofremos com o assédio dos adeptos do negacionismo – com sua rede de ‘fake news’. Não sabemos o que é verdadeiro, o que é montagem, o que é anacrônico, o que está descontextualizado ... não sabemos mais da fonte e sua honestidade. Recebemos a informação sem que ela tenha a chancela de uma instituição/empresa credenciada eticamente. É o anonimato criando a realidade virtual para além da realidade real. Como fica a História nesse mundo do real inventado e manipulado?

Usamos como referência a plataforma da rede social que conhecemos como Facebook. Ali, as pessoas podem escolher os ‘amigos’ com os quais se relacionam. Depois, entre estes, podem ‘deixar de seguir’ os amigos que colocam conteúdo que não são do agrado ou correspondem à linha ideológica. Quer dizer, o próprio usuário pode selecionar a mensagem que deseja receber e ‘bloquear’ todos os outros usuários que não falem a sua linguagem e postem conteúdos do seu agrado. O próprio usuário faz seu mundo ficar azul, vermelho, amarelo ... Muito diferente, por exemplo, de você assistir um noticiário de uma rede de televisão – Globo, Record, Bandeirante, SBT – porque ali você vai ouvir o que não selecionou previamente. Há uma possibilidade real de você entrar em contato com algo que não está incluído no ‘seu mundo’. Na Internet você tem condições técnicas de fazer o seu próprio mundo. Ficar confortável dentro de uma bolha, pensando com convicção de que está bem informado sobre as coisas do mundo.

A HISTÓRIA DO PRESENTE

Ao administrar o grupo ‘Itajaí de Antigamente’ no Facebook (Internet), com quarenta e dois mil associados interessados exclusivamente na História de Itajaí, percebi rapidamente que as pessoas estavam muito interessadas em conteúdos que tivessem

relação direta com a vivência delas. Queriam que o grupo publicasse conteúdos com os quais elas se identificavam por terem vivido aquele momento histórico. O mais distante que aceitavam ir rumo ao passado era lembrar algo que fora vivido por alguém da família ou conhecido. O fato histórico interessa na medida que esteja diretamente vinculado à vivência pessoal de cada um.

O conteúdo histórico de Itajaí que não tinha ligação com o membro do grupo e sua família era um conteúdo pouco apreciado ou quase nunca destacado, comentado, curtido. Nada de Agostinho Alves Ramos e Vasconcelos de Drummond, tampouco Pedro Ferreira da Silva e José Henrique Flores, protagonistas da colonização até o início da República. Nada desses personagens do passado que não integram a família e seu círculo pessoal de relações. O ‘antigamente’ na rede social é algo que ocorreu há dez ou vinte anos. Alguns membros chegam a postar conteúdo de semanas atrás como se fosse algo ocorrido há muito tempo.

As palavras mais usadas são: saudade, recordação, tempo bom, eu me lembro ... as pessoas estão conectadas e dão valor à História do presente, aquilo que está vinculado diretamente à sua existência, ao aqui-e-agora, ao presente do presente, o **presentíssimo**. A síndrome do presentíssimo é justamente não ter capacidade de projetar algo no tempo, dando sentido às coisas apenas pela ótica do presente, suas urgências e necessidades. Se em algum ponto essa síndrome social se confundir com a filosofia da Yoga e do Existencialismo, não é, podem crer, por escolha consciente, porque o presentíssimo é uma não-escolha, uma não-consciência social, uma negação do passado e do futuro, e uma negação do outro enquanto ator social e histórico. Ser e estar-no-mundo se fundem em uma entidade egoísta que deteriora e inviabiliza todo esforço da construção social. É o caos social porque cada indivíduo não vê além de si próprio existindo no presente imediato.

ESBOÇO DE UMA REFLEXÃO SOBRE O FIM DO TEMPO

A cada nova onda a maré mostrava seu empenho em conquistar por completo o território que a separava do combro da praia. Na mesma intensidade que a maré avançava sobre a areia da praia, a noite, no seu silêncio conspirador, espalhava sua negritude sobre o azul do firmamento. Na mesma intensidade da maré e da noite, minha mente avançava rumo à uma revelação extraordinária. Sem mais nem porque, compreendi o verdadeiro significado da iluminação do grande Buda. Compreender algo,

deixo bem claro, é diferente de obtê-lo ou alcançá-lo.

A cada passo dado na areia da praia de Mariscal minha mente se apressava em mostrar os caminhos que teria de percorrer para conquistar a paz interior. Alguns poderiam dizer que estava tendo uma revelação; outros, um *insight*. A verdade é que, naquele momento, me pareceu claro todo o processo existencial que leva um ser humano ao grau máximo da consciência de sua existência. Voltemos ao início da reflexão:

Sempre tive comigo a ideia de que minha mente trabalha sozinha quando desafiada. Em momento de grande dúvida dava tempo para minha mente buscar a melhor solução e me apresentar esse resultado no seu devido tempo. Nunca falhou. As vezes, estava dando aula e, de repente, eureka, a mente pedia passagem para apresentar, na velocidade de um relâmpago, a solução antes requisitada. Ela sempre teve seu próprio tempo e total liberdade de agir. Acostumado com esses *insights* me preparava para não ser surpreendido. Assim, acontecia, por exemplo, quando surgia do nada poesias inteiras, prontas e acabadas. Daí o hábito de sempre ter caderno e lápis por perto, estivesse onde estivesse, fazendo não importa o quê. Desde sempre havia me acostumado a ter insights e estar preparado para bem recebe-los no meu consciente.

Nesse primeiro momento entendia que a minha mente tinha duas partes distintas: consciência e inconsciência. Havia uma parte dela, era certo, que me fugia totalmente do controle e apresentava sua própria dinâmica. Com o tempo comecei a aprimorar essa relação entre as partes tentando compor uma mente mais criativa e produtiva. Aprendia dar tempo ao tempo e de valorizar tudo que vinha do meu inconsciente em forma criativa, como versos, desenhos, aforismos, teses e análises ...

Ter uma mente criativa exige sacrifícios para os quais eu não estava preparado. Boa parte da minha mente era usada no processo criativo inconsciente, tirando espaço para as tarefas cotidianas conscientes, em especial as atividades educacionais. Nesse momento da minha vida era necessário usar toda a mente na tarefa consciente de memorizar conteúdo escolar para me sair bem nas provas escolares, no vestibular e concursos. Mas enquanto meus amigos demonstravam total facilidade em decorar a tabela dos elementos químicos, fórmulas científicas e equações matemáticas, eu sofria por não conseguir guardar na memória sequer os meus próprios versos. Memorizar duas linhas demandava esforço extraordinário. Não havia lugar no meu cérebro para conteúdo pronto e acabado, principalmente os vindo de fora como conteúdo escolar. Portanto, o castigo era avassalador na minha vida e vinha em forma de notas baixas ou

medianas. Eu era um aluno medíocre e várias vezes fui chamado de burro por professores de Química, Física e Matemática.

Não havia lugar para esses conteúdos na minha mente porque um bom espaço estava reservado para o processo criativo, que produziam ideias, desenhos, poemas ... Desenhava coisas surreais e escrevia freneticamente sobre tudo e sobre nada, isso até mesmo antes dos doze anos de idade. Então, me parece, tratar-se de algum fenômeno natural em mim. Algo que não escolhi ter ou ser. Minha mente sempre reservou um espaço maior para a criatividade e sobre isso não me consultou. Somente agora, andando ao cair da tarde pela areia da praia, percebo que a consciência é um aliado que nos cobra um preço muito alto por seu apoio no nosso cotidiano. O preço de ocupar o máximo possível o espaço mental e nele ser dominante. Uma ditadura excessiva. Um totalitarismo cujas armas mais eficazes seriam a razão e a lógica.

A nossa mente pode ser comparada à terra e suas diversas camadas até o núcleo incandescente, onde abriga o eu perfeito. As camadas seriam: Consciência imediata, consciência reflexiva, inconsciência criativa, inconsciência plena, todo ou ohmni.

1 - CONSCIÊNCIA IMEDIATA – Algumas pessoas demonstram claramente que vivem o presente no presente. Elas não possuem a menor noção de passado e futuro. Tudo lhe é posto no momento presente. É um estágio muito próximo do animal, pois é um ser que se recusa a carregar consigo o fardo do passado e a angústia do futuro. Não é criativa e não tem pretensões que ultrapassem a cerca da sobrevivência. Sobreviver é tudo.

2 - CONSCIÊNCIA REFLEXIVA – Um número menor de pessoas reconhece seu passado e sobre ele exercita o ato de pensar. Essa ação reflexiva lhe permite projetar-se, tendo direito ao futuro. Nesse estágio a mente é dominada por completo por funções estabelecidas pela consciência. O mecanismo de funcionamento gira de acordo com a lógica fornecida por uma razão formada no grupo e para o grupo. Dizem alguns que essa lógica é uma invenção grega. Pode ser. Aqui temos a práxis possível de ser exercida na sua forma prática: agir – pensar – novo agir – pensar ...

O homem exerce o livre-arbítrio no seu fazer cotidiano e projeta-se tendo o domínio sobre as coisas do mundo. É o império da razão, com o uso da lógica, método, ciência e demais ferramentas.

3 - INCONSCIÊNCIA CRIATIVA – Poucas pessoas têm uma reserva de espaço mental para ocupa-lo com aquilo que não está posto pela realidade imediata, na urgência do presente, no realismo da existência como ela é em si e para si mesma. Os grandes

teóricos e os artistas criativos [a maioria apenas acredita sê-lo] tem essa reserva. Uma parte delas consegue fazer com que essas duas faces da mente dialoguem e produzam de forma prática. Não é um diálogo fácil e simples. Por isso, a maioria das mentes criativas não são produtivas, fazendo com que essas pessoas fiquem perambulando pelo mundo como excêntricas.

Uma minoria obtém sucesso nesse diálogo entre consciência e inconsciência e, outra parte, menor, dá à inconsciência o controle sobre a parte consciente, relegando a um segundo plano lógica, método, consciência, razão ... Este é um plano ainda de afirmação da individualidade e, por isso, ainda requer o cumprimento de determinadas exigências sociais, como é o caso da produtividade e da produção das condições de existência.

Estamos falando de um indivíduo criativo que no exercício do livre-arbítrio inventa boa parte de sua trajetória de vida. O grupo, contudo, ainda lhe impõe grande parte da lógica de viver e a existência tem de ser pensada como cotidiano na emergência do tempo presente. Trata-se de uma rebeldia do inconsciente sobre o império da consciência, mas ainda na necessidade imposta pelo tempo presente. O sujeito se impõe em toda a sua dimensão existencial.

4 - INCONSCIÊNCIA PLENA – Nesse estágio, alcançado por Sidarta, o ser se desloca no tempo e no espaço em direção ao sentido vivido do todo. Há uma crescente negação da individualidade, do ego, para dar espaço ao sentido do todo, uno, indivisível. Há uma sensação de pertencimento, Ohmni, com o ser fazendo parte de um todo que não precisa se explicar ou fazer sentido em termos de razão, lógica, ciência ... o ser pertence ao todo de forma total e absoluta e busca esse pertencimento através de práticas cotidianas que negam a emergência do ser que racionaliza o presente em busca da sobrevivência.

5 - OHMNI – Um estágio em que a consciência, enquanto escrava da razão, já não tem a palavra final e suas emergências passam para um plano secundário até definhar e deixar de operar sobre o ser em si. O final do processo é a morte do indivíduo e a comunhão com o todo. Ohmni. Ao se conectar com um todo pleno e indivisível o indivíduo morre e o tempo morre com ele. Já não há mais passado, presente e futuro e, também, já não há mais indivíduo. O sentido do ser está no pertencimento à energia vital. Existo. Ponto! Não há mais nada a explicar, dizer, desejar, pensar é o nirvana. Só os Sidartas o acessam em seu ponto mais central. Existir é tudo.

Antes dos doze anos de idade eu já tinha contato com uma parte de mim que não

era consciência. Escrevia poesia e fazia desenhos e rabiscos que insistiam em fugir do usual, do figurativo, do formal e racional. “Desenho maluco” diziam meus amigos. Mas, precisou eu viver mais meio século para perceber que essa poesia e esses desenhos eram frutos de uma outra parte da minha mente que se rebelava à ditadura da consciência e suas ferramentas [razão, método, ciência, lógica]. Não se trata de uma parte ao lado da outra, mas de camada sob camada, de profundidade, de grau de pertencimento... de pertencer ao todo. Aquelas pessoas que vivem toda a sua existência nas camadas sob controle da razão, tem na morte física sua união com o todo. O ser que vira pó espalha-se e integra-se ao todo, desfazendo todos os traços da individualidade.

O Sidarta chega a este ponto da não-individualidade ainda em vida. No meio do trajeto ele se depara com a criatividade como uma negação do realismo presente. Mas não é uma negação de evitar ou não pertencer, e, sim, uma negação de incorporar-se. Não ter e apenas ser. Neste ponto o ser é ser para além do ter e, também, para além do tempo e suas faces [passado, presente, futuro], haja vista que tudo é absolutamente tudo na sua potência máxima.

A evolução do ser, portanto, não caminha em direção ao EU, mas na direção do TODO. Mergulhar em sua existência é indo superando camadas, deixando para trás camadas de consciência e suas ferramentas, para acessar camadas puras de pertencimento do todo. Ali, o indivíduo não pode existir porque não há tempo para guardar sua História. E quem não tem História jamais poderá ter a si próprio. A História é o sentido objetivo da existência do sujeito enquanto indivíduo. A eliminação do sujeito é o fim da História. Isso ocorre pelo processo da matéria sempre retornar ao pó; ou, ainda em vida, pelo pleno pertencimento ao todo, sem a consciência de ser.

O tempo só faz sentido enquanto o ser experimenta uma vivência nas esferas superficiais do processo existencial como um todo. Passado e História, futuro e projeto, só fazem sentido enquanto somos sujeitos que tem consciência de si. Na medida que o ser se aprofunda e acessa camadas com graus menores de consciência, ele vai perdendo essa noção necessária de existência, como tempo e corpo.

A História é a consciência do sujeito. Não ter História é pertencer a um todo indivisível. Então, a caminhada do ser para a perfeição é, de certa forma, a luta por não ter História e/ou se desfazer de uma História.

História e projeto, passado e futuro, são elementos constitutivos do indivíduo enquanto sujeito de livre-arbítrio. Daí, seguindo Veyne, da impossibilidade de se elaborar uma História Geral da França ou uma História Geral do Brasil. As

individualidades não formam naturalmente uma unidade pelo simples fato de estarem juntas ou aglomeradas. A Dialética Materialista já percebeu isso ao diferenciar TOTALIDADE de TOTALIZAÇÃO. Claro que no sentido aqui exposto o TODO ganha uma conotação menos racionalista daquela que encontramos nesses conceitos da Dialética Materialista. Melhor dizendo, perde por completo sua ligação com a lógica materialista.

Só o sujeito tem História. Não há História possível de uma guerra ou nação, senão como literatura ficcional. Por trás da História da Alemanha, retiradas as máscaras e enganos, encontramos Hitler e milhões de rostos, com nomes e sobrenomes. A verdade histórica só é possível a partir do sujeito e para o sujeito, tudo mais é literatura. Daí a noção decorrente de que o fim da individualidade é, também, o fim da História. A literatura histórica, por sua vez, será sempre ficcional, supostamente inspirada em uma dada realidade que, temporariamente, pode ter aparência de História e de ciência.

Nesse ponto, parece aconselhável ao historiador propor o resgate das individualidades. Apresentará um trabalho racionalmente confiável por apresentar o rosto verdadeiro do coletivo. O povo é milhões. A turba é milhares. A multidão é centenas. A História só se escreve sobre a pele de indivíduos.

Mas, parece evidente, que podemos falar sobre TENDÊNCIA, MODA, ESPÍRITO DE ÉPOCA ... sim, podemos. Hoje, por exemplo, falamos de racismo muito diferentemente do que falávamos há duas décadas. Assim, também, ocorre com temas como gênero, sexualidade, trabalho infantil ...

Mas, se aceitamos a ideia de Espírito de Época como uma construção coletiva, por que não podemos aceitar a História também como uma construção coletiva? Se há um sentido geral coletivo no entendimento sobre racismo, por que não promover também o seu relato como uma História Geral do Racismo?

Porque a História é a inscrição do sujeito na existência do ser em si. Tudo o que extrapolar essa esfera é suposição. Daí a necessidade de se constituir como literatura. O indivíduo é sempre a negação do todo e, assim sendo, não pode ser ao mesmo tempo indivíduo e todo. O todo necessita da morte do indivíduo para ser ele em sua essência pura e vital.

Se temos a morte do escravo Simeão como um fato histórico o temos também como um fato possível de se incluir na História da escravatura de Itajaí, Santa Catarina, Brasil, América Latina, América, Mundo. Mas, também, na história da produção econômica; da masculinidade; da cidade; da saúde; da urbanidade; da religiosidade ...

Simeão pode ser objeto de estudo de todas as histórias enquanto elas forem exatamente isso: literatura. Só Simeão é em si História pura.

A literatura dá conta de cumprir a missão de relatar a vivência do coletivo e do seu tempo existencial, porque ela não precisa de detalhes e da perfeição constitutiva da observação do real. Ela pode ser feita por generalização e aproximação de categorias. Podemos juntar por afinidade de um elemento, menosprezando milhares de outros elementos que não possuem similaridade. Assim, por uma identidade coincidente podemos falar de Judeu, Negro, Mulher, Criança, Brasil. Para falar de Judeu teremos de deixar de lado as características que atentam contra a ideia coletiva de Judeu. Assim, quantos milhares de Judeus mortos brutalmente na Segunda Grande Guerra, vítimas dos fascismos, não morreram apenas por serem Judeus? Mas na História Geral todos indistintamente estarão fazendo parte desta categoria que chamamos Judeu. A história desse povo, assim sendo, só é possível ser contada voz a voz, ou por um relato próprio da literatura. Um relato do esquecimento de coisas próprias de cada um daqueles que compuseram os milhões de assassinados pelos regimes fascistas.

Resta ressaltar que esta literatura geral, na minha avaliação, tem mais validade social que a própria História. A História, como pretensa ciência, está numa relação direta com a razão, o método. A literatura histórica, como ficção, está em relação direta com a educação e a formação de nossa humanidade. Nesse sentido, há quem diga, por exemplo, que Shakespeare inventou o homem moderno. Se a literatura tem o dom de nos inventar, então, a literatura histórica tem o dom maior de conduzir a humanidade ao futuro.

TEMPO E PODER

George Orwell disse certa vez em sua literatura premonitória que *‘Quem controla o passado controla o futuro. Quem controla o presente controla o passado.’* O governo absoluto é, portanto, um governo presentíssimo por anular, controlar e manipular os três tempos, colocando-os no presente atual como massa única.

O governo absoluto é o fim do tempo e, por extensão, o fim da História. No Estado cujo governo consegue ser presentíssimo as sucessivas gerações vão deixando de ter passado e, por consequência perdem o direito da projeção, de vislumbrar o futuro. Melhor dizendo: o governo absoluto nega ao seu povo a consciência do futuro. O futuro está determinado e cercado no presente. Tudo será do jeito que é hoje, aqui e agora. O

Estado projeta o futuro à revelia do indivíduo. O futuro é exclusivamente um futuro de Estado.

O governo presentíssimo estabelece a ditadura total do homem sobre o homem. Nesta primeira fase o homem controla e domina a Inteligência Artificial e com o seu uso coloca tudo sobre seu controle. Mas, chegará o dia que a I.A. fará sua revolução e a máquina estará no controle absoluto. É o futuro do futuro, e, não haverá mais como ter passado, muito menos História. O futuro e o passado se confinam no presente para formar uma massa existencial sem alma que simplesmente sobrevive. O governo presentíssimo é o fim da História do homem enquanto ser autônomo e consciente de si e no uso do livre-arbítrio.

A MEMÓRIA COMO EXERCÍCIO DE ESCOLHA

“Mas por que alguém se recorda vividamente de alguns eventos e personagens enquanto de outros não? Como a mente é capaz de selecionar aquilo que se sedimenta fundo na memória e aquilo que ela permite flutuar na superfície?” (Ngugi wa Thiong’o)

A verdade é que selecionamos tudo o tempo todo e aquilo que escolhemos é a nossa verdade. Assim, o São Paulo é um time tricolor por ter na camisa as cores branca, preto e vermelho e, o Flamengo é um time rubro-negro, apesar de ter na camisa as mesmas cores do São Paulo. Por que desconsideramos o branco utilizado na maioria das camisas e artes que utilizamos do Flamengo? Simples!, escolhemos a resposta: “Por que o Flamengo é rubro-negro desde sempre. Ponto”.

Nossas verdades são elaboradas na imersão cotidiana no mundo. Os alicerces de suas fronteiras são definidos por aquilo que não temos conhecimento e nunca tivemos consciência da existência. Depois, a cerca é feita com escolhas entre tudo que vivemos e tomamos consciência. O que nunca conhecemos e o que não demos importância a ponto de guardar na memória é o mundo que fica para além de nós mesmos, muito além do que somos, pensamos e acreditamos. Um lixo feito de sobras existenciais e ignorância, muita ignorância.

Essa imensa terra exterior que divisa com o nosso mundo interior pode até nos oferecer informações preciosas para nossas tomadas de decisões, mas não a queremos e não as guardamos para utilizar no tempo presente porque, quase sempre, nos impede de

agir como queremos agir.

Antes de matar uma formiga você faria uma reflexão séria sobre a existência universal da vida, os milhões de anos de evolução da espécie, e, a preciosidade e raridade dela no imenso universo? Ao arrancar um mato do jardim seria possível ver ali um ser vivo que evoluiu há milhões de anos, tem estratégias bem definidas de sobrevivência e consegue manter a espécie não obstante a obstinação do ser humano em retirá-lo do seu jardim? Se você usasse todo o conhecimento que a humanidade tem, seria possível moralmente colocar veneno para matar as formigas ou arrancar o mato do jardim?

Por outro lado, cria-se um Deus que tudo fez para usufruto do homem – este, feito à sua imagem e semelhança. Matar, destruir, usar, escravizar, eliminar, selecionar ... é lícito e natural. Um homem que abate um leão é um herói ou um caçador idolatrado; um leão que ataca um homem é uma fera, uma besta selvagem. Essa é a escolha. A escolha de olhar e selecionar para construir a nossa verdade.

A memória nos ajuda nessa gestação da nossa verdade. Você jamais vai esquecer a mordida que recebeu de um cachorro mas, você lembraria de quantos animais já matou na vida ou quantos já comeu? A galinha servida à mesa vai ficar na sua memória como? Por quanto tempo? Um ato de selvageria formando um prato delicioso que sequer vai ser lembrado no dia seguinte. Você mata para comer e nem lembra disso no dia seguinte. Não tem importância. É natural ...

O TEMPO E O VENTO

“Nós estamos sobre o promontório extremo dos séculos! ... Para que olhar para trás, no momento em que desenterrar os batentes misteriosos do impossível? O Tempo e o Espaço morreram ontem. Nós vivemos já do absoluto, já que nós criamos a eterna velocidade onipresente”. (F. T. Marinetti – Manifesto Futurista).

O futurismo cometeu o erro clássico de escolher um provável futuro, um dos futuros possíveis, para firmá-lo como realidade absoluta. Pior, estabeleceu uma ‘contradição antagônica’ entre futuro e passado, e, pediu o extermínio dos museus e de todos os olhares que envolviam o passado como se fossem eles obstáculos para se olhar o futuro. Queriam cabresto para os olhos da humanidade, querendo que todos olhassem somente para a frente. Algo impensável para o ser humano.

Aliás, o erro de criar um antagonismo ‘natural’ entre futuro e passado não foi cometido apenas pelos Futuristas, mas por todos os modernistas sem exceções. Os modernistas brasileiros fizeram o mesmo na luta contra a Academia Brasileira de Letras. Queriam suprimir a ‘arcade’ como se sua existência fosse obstáculo para o surgimento do novo. Não conseguiram perceber que no mundo há lugar para todos e tudo, ao mesmo tempo. É possível pensar e viver na diversidade. O museu pode conviver na mesma sociedade que abre espaço para a vanguarda artística. Ponto!

Para os Futuristas o processo ocorre em tal velocidade que o Tempo se perde no ambiente e é levado pelo vento, restando nada de nada. Pior, a velocidade ri do Tempo, trapaceia com ele, e o torna inócuo, ineficaz, desnecessário, obsoleto ... nada mais ilusório e pretencioso. A velocidade só pode eliminar o Tempo como farsa ou pretensão intelectual. O presentíssimo exige a morte do Tempo e o Espaço como condição de vida, a existência pura, absoluta de estar aqui e agora, plenamente presente. O problema que isso pode aproximar ainda mais o homem do ser-máquina, do *robot*, da inteligência artificial, do não-humano, do não vivo. O futuro anunciado é o futuro sem o homem humanizado.

Mas será mesmo que a velocidade elimina Tempo e Espaço, ou apenas coloca esses elementos em uma nova relação de percepção com o ser humano? Uma relação próxima daquela que o homem mantém com a velocidade do seu pensamento, por exemplo. Algo ainda muito pouco estudado e compreendido pela maioria absoluta dos viventes que consideramos simples mortais – que costumam dizer que ‘o pensamento voa’.

O INIMIGO ESTÁ ATRÁS DE NÓS

‘O passado é uma ficção. Nós o criamos, o interpretamos e o deformamos. Não tem realidade objetiva. A sua existência e a sua persistência são inteiramente subjetivas. Sob este ângulo relativo e realista, o Passado não existe livremente... O que vivemos no passado não é nosso, não somos nós. A nossa vida começa exatamente no ponto em que se inicia a nossa libertação, ou já no esforço que fazemos para nos libertar das nossas heranças espirituais. Só daí em diante começamos a viver a nossa personalidade. Aquele que não tem forças para essa libertação, para criar a sua vida e fazer dela uma força nova, esse na sua humilde submissão não é um homem vivo. É espectro do passado.’
(Conferência de Graça Aranha na Academia Brasileira de Letras – 1924.)

Apesar de tudo o que leram, fizeram e pensaram, os intelectuais que participaram da vanguarda modernista não souberam se livrar de uma visão maniqueísta de Tempo. Colocaram o Passado como o inimigo a ser destruído, e, para, prontamente, sobre seus escombros ser construído o Novo Mundo. Eles gastaram uma energia desnecessária e de forma totalmente ineficaz. Eles venceram, e as artes nunca mais foram as mesmas depois de Whitman, Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé, Braque, Picasso, Dali, Matisse, Mário e Oswald de Andrade, Tarsila, Villa-Lobos, Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira, Menotti del Picchia ... Contudo, não conseguiram destruir o Passado e, eles próprios construíram novos pilares de sustentação dele. O Tempo não é uma escolha, é uma condição. O que pode ser feito é trabalhar as condições objetivas e subjetivas interpostas na vida de cada um por sua existência relativa. Contraditoriamente, o homem pode manipular essa condição do tempo de se apresentar como um absoluto relativo, um fixo provisório, uma permanência ausente ...

Considerando tudo o que foi dito e escrito pelos modernistas a humanidade correu o risco de perder suas referências ao se promover uma grande fogueira do Tempo, eliminando tudo aquilo que não tivesse relação direta com a construção do futuro. Então, até mesmo aqueles que pensam ser e estar na vanguarda podem, de forma concreta e absoluta, representar retrocesso. Olhando para a frente com o carro andando de ré, só pode ocasionar acidentes ... graves e trágicos. Todos os que falaram em destruir ou esquecer o passado, nunca o fizeram para melhor. Isto nos leva a considerar o óbvio: o passado é o nosso guia, nosso manual para se estabelecer no presente e projetar o futuro. Esquecer ou aniquilar o Passado é temerário e sempre tenderá a guiar a humanidade para beira do precipício. Os Modernistas acharam e ocuparam seu espaço no mundo da estética/arte, mas tiveram de aprender e conviver as múltiplas facetas desta mesma arte. Antagonismo não contraditório, diria a Dialética Materialista.

OS OLHOS DO PRESENTE

“Só podemos ver o passado com os olhos do presente”. (Terence Hawkes)

A questão é um pouco mais complexa do que isso, porque o material que temos à disposição para ‘olhar’ o passado também sofreu, na sua produção, algumas

interferências. O nosso olhar, mediado pelas condições presentes, está voltado a materiais, objetos, fatos, documentos que receberam um ‘olhar’ determinado no seu, então, presente. Muitos desses objetos só existem na atualidade porque também foram objetos de escolhas. Foram selecionados para continuarem existindo.

Seria como se estivéssemos olhando por dentro de um segundo olho. O olhar do olhar, do olhar, do olhar ... resultando daí termos bem pouca realidade pela frente. A Fenomenologia tentou, bravamente, diminuir essa condicionante sobre o fazer História e Filosofia. Tentou. Mas, o olhar humano não é dissociado de sua mente, que não é desligada de processos condicionantes e imperativos, como a consciência, razão, lógica de tempo e época ...

O olhar humano jamais será puro o suficiente para espelhar a realidade como ela é em si mesma. Não enquanto o homem pensar. Nisso pode contribuir, em muito, o caminho percorrido por Buda e outras muitas outras tendências místicas orientais. Algo ainda muito inacessível para os ocidentais, presos à lógica, razão e consciência do mundo grego clássico.

A ESCOLHA DE CONCEITOS

Quando um historiador, jornalista, escritor ... utiliza determinado conceito ele está optando por dizer algo específico para seu leitor e, diz através de conteúdos administrados em níveis consciente e inconsciente. Quando se utiliza termos como ‘Golpe de 64’, ‘Regime de 64’, ‘Revolução’, ‘Ditadura Militar’ e ‘Ditadura da Arena’ há em cada termo muitas intencionalidades. Mas, nem tudo que é dito está, obrigatoriamente, sob controle intelectual do próprio autor. Muitas vezes o autor é herdeiro de sentidos históricos dos próprios termos que usa.

Há muito que em meus escritos abandonei a expressão ‘Ditadura Militar’ para me referir ao regime autoritário instalado no Brasil a partir de 1964. Essa expressão é suficiente para dizer que ocorreu nesse período uma ditadura, mas, contudo, leva os leitores a crer que essa ditadura foi promovida pelos militares exclusivamente. Por este motivo cunhei um novo termo onde esta questão é resolvida de forma satisfatória. No lugar de dizer ‘Ditadura Militar’ digo ‘Ditadura da Arena’. Porque foi a ARENA – Aliança Renovadora Nacional – o alicerce do regime autoritário. Sem a Arena - e aqueles antes dela que vestiam trajes civis e habitavam o cenário político nacional como protagonistas em busca de poder – nada seria possível. Lembremos que o regime

fechou, recrudescendo para valer, em 1968. Nos primeiros tempos do levante de 64 ainda se cogitava na volta do governo civil ao término do tempo previsto para o mandato presidencial deposto.

Ao se dizer que o governo autoritário foi uma ‘Ditadura Militar’ estamos facilitando a vida de todos aqueles que apoiaram e deram sustentação ao regime por décadas, dele se beneficiando política e economicamente. Em Itajaí, um município de médio porte em Santa Catarina, por exemplo, você não tinha militares na cena política. As Forças Armadas eram representadas pela Marinha de Guerra, que possuía a Delegacia da Capitania dos Portos. Pouco interferiram na vida cotidiana dos itajaienses. Em contrapartida, os partidos políticos de direita, depois unidos em torno da sigla ARENA, contavam com milhares de filiados e simpatizantes. Gente que se beneficiou com cargos públicos, bolsas de estudo, favores políticos e econômicos diversos. Ao se afirmar que a ditadura era dos militares, essa gente encontrou uma ‘capa da invisibilidade’ que tornava possível seu apoio, simpatia, participação na ditadura, sem, contudo, ser punida pela história como agente da opressão. A culpa toda recai sobre os militares e exclusivamente sobre eles.

Então, a narrativa sobre o regime de exceção que viveu o Brasil, entre 1964 e 1985, tem de contar com outros termos para além do tradicional ‘Ditadura Militar’. Ao se afirmar que houve um ‘Golpe de 64’ e uma ‘Ditadura da Arena’ trazemos para o centro do protagonismo milhares de civis que tornaram possível a administração dessa ditadura em Itajaí. Ao se promover uma narrativa histórica a partir do conceito de ditadura militar teríamos, obrigatoriamente, de encontrar militares no centro do cenário político itajaiense. Mas onde estão esses militares? Quais os seus nomes? Quais os seus cargos públicos?

O termo ‘Ditadura Militar’, portanto, é uma verdadeira e eficiente capa invisível – igual aquela utilizada pelo personagem Harry Potter – que protege milhares de atores políticos e econômicos que sustentaram o Golpe e a Ditadura em Itajaí por décadas. Gente que logrou ganhos políticos e econômicos por três décadas e, na hora de prestar contas com a história, entregou o espólio para os militares. Por trinta anos usufruíram do sistema e, depois, recolheram suas ideias autoritárias e passaram a fazer o jogo democrático, como se nada tivesse ocorrido anteriormente, esperando uma nova oportunidade. Oportunidade que surgiu novamente com o Bolsonarismo a partir da eleição de 2018. Agora, voltam ao cenário político falando de golpe, necessidade de fechar o Congresso e o Supremo para colocar ordem na casa. Mas, ali na frente, utilizam

novamente a capa da invisibilidade e voltam a transitar normalmente na sociedade democrática mas sempre conspirando contra suas instituições democráticas.

A história da ditadura em Itajaí deve ser, obrigatoriamente, a história da Arena, seus dirigentes, filiados e simpatizantes. O historiador deve ter como primeiro trabalho, portanto, retirar essa capa da invisibilidade que protege toda essa gente da força inexorável da História.

ESTILO AUTORAL

Sempre que lemos um livro estamos nos propondo a abrir novas portas para o conhecimento. Sempre tem algo a acrescentar, algo a aprender. Um novo enfoque, um novo jeito de ver a mesma coisa. Outro dia resolvi ler um documento de atualização das regras do jogo de xadrez estabelecidas pela FIDE – Federação Internacional de Xadrez [Fédération Internationale des Échecs] – fui surpreendido com a explicação dada para o movimento do cavalo. Eu sempre ouvi falar que o cavalo fazia um movimento em ‘L’. Acontece que a FIDE não fala do movimento em ‘L’ e sim que *‘o cavalo pode ser movido para uma das casas mais próximas a que ocupa que não esteja na mesma fileira, coluna ou diagonal.’* Vejam, é uma forma totalmente diferente de dizer a mesma coisa. Seria mais exata, mais precisa, mais técnica? Talvez. O certo é que todo mundo entende quando se diz que o cavalo se move em ‘L’.

Então, fica dito, temos várias maneiras de dizer a mesma coisa. O historiador ao narrar o fato histórico corre o risco de suas escolhas. Pode ser mais técnico, mais conciso, mais popular, mais isso e menos aquilo, menos isso e mais aquilo ... montando o que podemos considerar, em última instância, estilo próprio do autor. Fica por terra qualquer pretensão de isenção científica, neutralidade ideológica, atemporalidade, objetivos apolíticos, etc e tal.

FÍSICA QUÂNTICA

Digo isso para explicar minha perplexidade ao ler diversos ensaios sobre a categoria ‘Tempo’ pelo enfoque da mecânica quântica. As propriedades quânticas do Tempo ganham uma nova perspectiva. Vale ressaltar a ideia de ‘granularidade’ onde pode-se trabalhar com a ideia de tempo mínimo, tempo de Planck, na casa de 10^{-44} na potência -44, o que significa falar em algo como um centimilionésimo de um

bilionésimo de um bilionésimo de um bilionésimo de um bilionésimo de um segundo. O que Carlo Rovelli explica como microtempo seria aquilo que *‘existe num intervalo mínimo de tempo. Abaixo dele, a noção de tempo não existe e nem sequer em sua aceção mais simples’*. Se aproxima de algo que Maimonides intuiu por volta de 1.100 d.C *‘O tempo é composto de átomos, ou seja, de muitas partes que não podem ser divididas, por causa da curta duração’*. Sendo assim, fica estabelecido que o homem tem o seu limite de observação, e, de certa forma vai impondo esses limites como sendo também os limites da natureza, criando uma falsa compreensão do mundo. Na sua arrogância, contudo, garante estar apresentando um conhecimento irrefutável na sua verdade e coerência, por ser um conhecimento científico.

O certo é perceber que o homem não pode ser a medida de todas as coisas. Não deve, portanto, servir de referência para a busca de compreensão sobre o Tempo. Nossa noção de presente, passado e futuro também acaba ruindo, se torna flutuante, indeterminada porque *‘as coisas não são, acontecem.’* As características do Tempo vão caindo uma a uma: unicidade, direção, presente, independência, continuidade ... o Tempo não é nada disso. Nesse sentido, Carlo Rovelli é exato ao afirmar: *‘Compreendemos o mundo estudando a mudança, não as coisas’* já que *‘o mundo não é um conjunto de coisas, é um conjunto de eventos’*. Tudo acontece quando algo interage com alguma coisa. É na relação, na interação, que o mundo acontece. De certa forma voltamos à dialética e ao conceito de conjuntura. Será?

GRANULARIDADE + INDEXICALIDADE + NARRATIVA

A afirmação de que o Tempo é granular vem ao encontro de tudo o que falei no início deste ensaio. Por ter essa característica, onde o Tempo perde características como Direção e Continuidade, fica aberto o campo para estabelecer uma nova relação entre a narrativa histórica e o próprio fato histórico. Daí porque não nos surpreendemos quando o próprio cientista Carlo Rovelli, após 120 páginas refletindo sobre o Tempo, afirma: *‘Em sua ânsia por objetividade, a ciência não pode esquecer que a experiência que temos do mundo provém de dentro. Cada olhar que lançamos sobre o mundo provém sempre de uma perspectiva particular’*. Em seguida vai falar de ‘indexicalidade’ – onde as palavras ganham sentido na relação com outras palavras. Mas, esse sentido também está condicionado no tempo histórico do próprio discurso. As palavras TU e SENHOR ganham conotações regionalistas e de época. Seria impossível pensar que um aluno ou

filho pudesse se dirigir a um professor ou pai com a expressão TU em pleno século XIX. Contudo, nos dias atuais, fica cada vez mais raro ouvir de um jovem o tratamento SENHOR. Então a palavra, além de ganhar sentido na relação com outras palavras, também está incrustada no devido tempo histórico e contexto social.

Está aberta, em definitivo, a porta para considerar a História como literatura, porque tiramos dela o que tem de mais pesado: a noção de continuidade objetiva. Agora, podemos voltar novamente ao baralho do começo deste ensaio e escolher uma carta qualquer, à revelia, e falar sobre História: história de gênero, da vida privada, do esporte, da política, do Brasil, da violência, administrativa ... a história da história da história que acaba em estória.

MEMÓRIA E ANTECIPAÇÃO

Santo Agostinho teria dito em certa altura de sua extensa obra que *‘É na minha mente, então, que meço o tempo. Não devo permitir que minha mente insista que o tempo é algo objetivo. Quando meço o tempo, estou medindo algo no presente da minha mente’*. Mas, como a mente constrói essa noção de Tempo? Como é possível eu estabelecer, com rigor, a noção entre passado – presente – futuro?

Bem, a nossa noção psicológica de Tempo é estabelecida na relação memória – presente – projeção. Vivemos o *presentíssimo* de forma a recorrer ao passado como uma releitura sempre atualizada, e, ao futuro sempre como projeção. A memória nos possibilita ter um arquivo de sensações vividas, enquanto nossa alta capacidade de abstração nos instrumentaliza com a faculdade de projetar. O presente se serve dessas duas ferramentas. A memória é utilizada para alimentar a releitura presente do passado; a capacidade de antecipação é utilizada para imaginar e projetar. Entre a releitura do passado no presente, o próprio presente, e a imaginação do que poderá ser, temos a noção de uma **linha do tempo**. Nela se constrói toda a lógica da ciência histórica. Uma linha imaginária, fictícia, que tem existência na mente humana e somente na mente humana. Podemos finalizar concordando com Étienne Tempier, que já em 1277 afirmou que *‘... o tempo não têm existência na realidade, apenas na mente’*. A linha do tempo é uma ilusão criada pela mecânica de funcionamento da mente humana.

GRANULARIDADE + HISTÓRIA + LITERATURA

Ao aceitar a noção de **Tempo Granular** retirando as características de ‘unicidade’, ‘direção’, ‘presente’, ‘independência’ e ‘continuidade’ ... aceitamos prontamente a ideia de que a história não é ciência, e sim literatura. Isto é posto como algo redundante na medida em que percebemos que toda narrativa histórica não se reporta ao fato em si, por se tratar de uma narrativa toda própria do historiador. Esta narrativa, por sua vez, necessita selecionar eventos, características, propriedades, detalhes. Não há como relatar tudo. É impossível fazer um exato relato de tudo que está sendo detectado segundo-a-segundo pelos sentidos humanos. Uma seleção é necessária, caso contrário estaria em risco a viabilidade da própria narrativa. Isso é tão natural que no sono o próprio cérebro se encarrega de sua higienização diária, fazendo uma limpa conforme seus próprios critérios. O resto é esquecimento.

O cérebro inteiro funciona a partir de um conjunto de vestígios do passado, deixados nas *sinapses* que conectam os neurônios. Sinapses se formam aos milhares o tempo todo e depois se anulam – sobretudo durante o sono -, deixando uma imagem desfocada do passado: daquilo que no passado influenciou sobre o sistema nervoso. Imagem desfocada, sem dúvida – pensem nos milhões de detalhes que nossos olhos veem a cada instante, que não ficam gravados na memória -, mas capaz de encerrar mundos. (Rovelli, página 144).

Então é isso, afinal, são precisas três mil páginas para se escrever ‘Em busca do tempo perdido’ tendo a genialidade de um Marcel Proust. Não por acaso ele vai afirmar que ‘*A realidade se forma apenas na memória*’ e ‘... *a memória, por sua vez, é uma coleção de vestígios*’. Não diria apenas coleção, mas coleção de peças escolhidas com critérios. Há uma intencionalidade nesta seleção. Idiosincrasia, ideologia, valores, vivência, gostos, hábitos, educação, religião, paixões ... tudo pode estabelecer critério de seleção na hora de escolher o que vai permanecer e o que vai ser apagado da mente de um narrador da história. Essa ‘coleção de vestígios’ é uma coleção pensada e escolhida.

Temos de registrar que nosso olhar para as coisas do mundo é educado. Aprendemos a olhar de um jeito e não de outro. Tem o olhar civilizatório – nascer no Irã ou no Brasil deve condicionar nosso olhar sobre a relação homem-mulher, porque os valores civilizatórios desses dois países são bem diferenciados; tem o olhar ideológico – frequentar um grupo de direita composto por empreendedores ou um grupo de esquerda composto por sindicalistas, deve estabelecer enfoques bem diferenciados sobre a relação capital-trabalho; tem o olhar de época – porque os conceitos e noção de mundo mudam com o passar dos tempos a ponto de aceitar ou não aceitar que uma mulher trabalhe fora

de casa ou se separe do marido ou simplesmente tenha um filho sem ter, obrigatoriamente, um marido.

O historiador vai refletir tudo isso na sua narrativa. Uma narrativa, diz a semiótica, composta por ‘frases indexicais’, onde o sentido de uma palavra (signo) está diretamente imbricado com a palavra seguinte. Enfim, o mundo acontece nas relações, e isto serve até mesmo para as palavras – as ditas e as não ditas. Sim, porque o discurso é sempre feito de escolhas para dizer e escolhas para esconder.

VISÃO DESFOCADA

Mesmo você vivendo no presentíssimo da história, estando você no aqui e agora, como observador ou como protagonista, sua visão será sempre ‘desfocada’. Isto é, será parcial. A sua mente capta as relações do mundo através dos sentidos. Além desses sentidos serem extremamente limitados – não conseguimos ouvir todas as ondas sonoras, usamos cães farejadores para detectar cocaína em bagagens – temos um olhar educado e condicionado por circunstâncias as mais diversas. Então, nossa visão para o mundo é sempre uma visão parcial, condicionada, direcionada ... não é um olhar total e irrestrito, mas um olhar restrito. Mesmo assim coletamos um número imensurável de informações por segundo oriundas do meio ambiente. Mas, não obstante ter essa capacidade de recolher informações do meio ambiente, não a utilizamos, porque a mente exige um lugar higienizado, salubre, para operar suas sinapses. O sistema de conectividade que possibilita à mente dar sentido às coisas do mundo, precisa de ambiente saudável e para isso ela própria toma a iniciativa de colocar fora, no buraco negro do esquecimento, tudo aquilo que estabelece como inútil ou irrelevante.

A mente humana opera numa base física que chamamos de cérebro. Para a mente operar adequadamente é necessário que o cérebro seja um local salubre e permita a conectividade total através de sinapses que vão formar ‘**constructos**’ etc e tal. Nessa limpeza de ambiente a mente joga muita coisa fora e se desfaz de forma espontânea da pretensão de ver tudo e pensar tudo. Ela fica com alguns dados, algumas informações. Como não tem o todo do mundo vivido – por conta das limitações dos nossos sensores biológicos e pela necessidade da constante higienização da base física onde opera – sua visão fica comprometida, fica sendo parcial. Fica limitada ao material que tem para promover as sinapses e montar seus constructos. Nisso podemos dizer que temos uma ‘visão desfocada’, uma visão parcial das coisas que vivemos.

Agora, se não é possível termos uma visão global da própria experiência vivida, imaginem ter uma visão exata das coisas que não vivemos, que apenas ouvimos falar ou lemos. Aquilo que vimos na televisão, lemos nos livros, recebemos via redes sociais da Internet, ouvimos na conversa entre amigos ... tem uma estrutura parcial e, portanto, nos oferece uma imagem desfocada da realidade. É dessa visão desfocada, parcial, seletiva ... que nos servimos, enquanto historiadores, para montarmos a narrativa histórica.

O MOSAICO DA HISTÓRIA: ESBOÇO DE UMA CONCLUSÃO

Dois movimentos são necessários para se obter o melhor método em História. O primeiro é o movimento do pequeno em direção ao grande, do menor em direção ao maior, da parte para o todo. O segundo, de dispendir todo o esforço de pesquisa em reunir os pequenos atos históricos, para que formem o grande mosaico da História. Temos de tomar consciência da capilaridade do fato histórico.

A opção metodológica de partir da parte em direção ao todo é, antes de tudo, óbvia, já que não sabemos exatamente, no início da pesquisa, toda a extensão do que é este todo. O cotidiano da pesquisa nos leva a muitos achados, novas leituras, novas condições de pesquisa. A pesquisa agrega novos elementos ao todo pesquisado. Ele é, em si, um todo em construção. Considerando o tempo da história ‘granular’ ou ‘não-linear’ faz sentido olhar com mais profundidade as pequenas coisas do mundo. São elas que possibilitam uma combinação infinita de relações.

A opção metodológica de explorar as partes nas suas mínimas variáveis de existência é óbvia. É a parte, estudada à exaustão, que tem de ganhar sentido, antes que se exija sentido do todo. O sentido do todo será uma consequência da pesquisa e do sentido imbricado no alinhamento das partes estudadas. Do contrário, se você parte de um sentido geral preestabelecido, tudo o que resta às partes é confirmar essa tendência inicial. A farsa é óbvia. Se você parte da ideia de que **Maria do Cais** é um exemplo de cidadania, essa ideia central, inicial, condiciona toda a pesquisa e dita seu resultado final. Mas como reconstruir a imagem de carne-e-osso de uma Maria do Cais sem cair em armadilhas ideológicas, se o próprio tema já está incluído em um arcabouço histórico nitidamente contaminado pelo viés ideológico?

Primeiramente: qual a importância disso para a história de Itajaí? É que Maria do Cais nos liga à sociedade de classes, à atividade econômica portuária, à invisibilidade social, às sociabilidades de época, ao conceito de público e privado, à questão de gênero, à moral e bons costumes e a tradição cristã ... ela é parte constitutiva de um mosaico multidimensional da sociedade itajaense que experimentou ao longo dos tempos uma total invisibilidade social. Dar existência à personagem Maria do Cais é dar um passo gigantesco para conferir sentido à própria dinâmica da sociedade itajaense como um todo que sempre contou com relatos históricos ‘desfocados’ realizados por gente da elite como é o caso de Marcos Konder.

Aqui, vale ressaltar algumas questões metodológicas: quantas pequenas ‘peças históricas’, iguais à Maria do Cais, serão necessárias juntar? Quantas serão possíveis reunir em uma pesquisa metodologicamente correta? Quais não podem deixar de receber sentido em si? Qual a posição de cada uma na montagem final do grande mosaico histórico? Por outro lado: seria possível reconstituir a história do bairro São Vicente sem colocar no centro deste mosaico o canoeiro Miguel Wanderhec? Seria possível fazer o mesmo com Maria do Cais e a história do Centro Urbano de Itajaí ou a história do Porto de Itajaí? Claro que não! Claro que sim! ... tudo depende de como se pretende montar o mosaico histórico. Assim, fica dito, toda pesquisa será sempre um emaranhado de escolhas: metodológica, temática, moral O resto que se falar é enganação, porque o pesquisador estará, a cada palavra, a cada depoimento ou documento, escolhendo, optando, filtrando, selecionando, direcionando consciente ou inconscientemente o próprio sentido de sua pesquisa.

Mas, seria possível substituir no centro do mosaico histórico de Itajaí Agostinho Alves Ramos por Maria do Cais? Sim!, com relativa facilidade. Isso é possível, porque, como vimos no início desse ensaio, as cartas não perdem sua identidade ao mudarem de lugar na pilha histórica. A lógica do jogo histórico, como a lógica do jogo de baralho, permite que as cartas sejam misturadas infinitamente, a qualquer momento em qualquer sentido e quantidade. Os dados históricos ... são cartas ‘mexíveis’ e combináveis, podendo formar ‘séries’ e coisas outras a serviço da criatividade humana. A partir da condição social de Maria do Cais eu posso conduzir a narrativa histórica pelo viés da luta de classes, gênero, invisibilidade social, prostituição, obras públicas, concentração da riqueza e pobreza, expansão urbana ... com as cartas formando combinações as mais variáveis possíveis.

História é literatura, uma narrativa literária. Como literatura possibilita ao escritor adentrar no campo da criatividade artística. O esforço dos estudiosos é justamente circular entre esses dois campos do saber: literatura e ciência. Notadamente, nos últimos tempos, tem se visto aumentar muito o esforço dos historiadores em ganhar mais liberdade para criar literatura histórica sem, contudo, perder seus respectivos status acadêmicos de mestres, doutores e cientistas. As pesquisas científicas estão ganhando uma narrativa mais literária; as obras de ficção estão utilizando mais dados científicos. Os filmes de Hollywood e séries no streaming, via Internet e TV por assinatura, assim como as tradicionais novelas de época das TVs Abertas, estão cada vez mais trabalhando em cenários mais fiéis à História.

Muitos grupos acadêmicos, querem a liberdade ofertada pela narrativa literária, mas não querem largar o status de cátedra científica. Inventam, grosseiramente, uma ‘ciência literária’, onde a narrativa criativa abre apostos, aqui e acolá, para fazer referências a totens da sabedoria universal, como Nietzsche, Foucault, J. Le Goff, M. Bloch, Paul Veyne, Marilena Chauí, Orlandi, Hobsbawm Falam o que bem entendem e, em seguida, citam autores consagrados, para colocar sobre todos e tudo o manto insuspeito e inquestionável do que consideram ciência. Quando se cita Foucault está feita ciência e a academia carimba seus diplomas. Visam, sobretudo, o mercado. Isso mesmo. Livros de História com narrativa próxima da literária ou jornalística vende como água mundo afora. Aqui mesmo no Brasil temos os exemplos de diversos escritores que aceitaram o desafio de compor uma aliança duradoura e promissora entre História e mercado. Uma narrativa popular que chegou a ganhar as páginas da consagrada revista *Veja* nas letras do itajaiense Luiz Felipe de Alencastro, historiador professor da Sorbonne.

Alguns jogam o jogo de forma reta, aceitando essa inflexão do método e do rigor obsoleto da academia; outros, contudo, continuam despistando, desconversando, simulando, como se a História é ciência e nada deve ao jornalismo e à literatura. Apropriam-se por completo das técnicas jornalísticas, mas, como jornalismo não é ciência, dão ao conjunto metodológico a demonização de ‘história oral’ e ‘história da vida privada’ etc. Fazem exatamente o que um jornalista faz, com metodologia expropriada do jornalismo, mas não fazem jornalismo, fazem história e fazem ciência. A verdade é evidente por si, jornalismo, sermão, pregação, história ... são narrativas que formam gêneros literários. A história é literatura. Ponto!

Sendo assim, cabe ao narrador da trama histórica escolher começo, meio e fim, bem como seu fio condutor narrativo. Maria do Cais ou Agostinho Alves Ramos, são escolhas possíveis da narrativa história da comunidade catarinense conhecida por Itajaí. Começar desde o início com Agostinho Alves Ramos uma narrativa que respeite a ordem cronológica dos fatos ou começar por Maria do Cais, ou oferecer ao leitor pequenos ‘*spoiler*’ dos diversos temas e capítulos ... isso é escolha literária, não científica.

Podem argumentar que são duas coisas distintas. A primeira diz respeito à pesquisa de campo e os métodos de pesquisa; a segunda, a forma toda própria de narrar e por ordem textual no conteúdo encontrado. Mas, há um todo orgânico nisso tudo que tem de ser visto como tal. O principal ponto a ser analisado é justamente sobre a

impossibilidade da ‘isenção’ e ‘neutralidade’ do método. A partir daí qualquer decisão é escolha ideológica, moral, religiosa, social, de classe, gênero ... tem uma intencionalidade, um sentido, um objetivo, um direcionamento. A isenção científica termina na primeira escolha: o método; depois, segue seu caminho na escolha do próprio tema, do protagonista

Pensar o tempo como ‘granular’ modifica por completo tudo o que fazemos em História. As cartas podem ser movidas em qualquer direção sem que se perca o sentido exato do fato histórico. Tudo é possível em um mundo de relações, de eventos. ‘*As coisas não existem, o que existe são relações*’ e suas possibilidades de acontecerem ou não, se realizarem ou não. Por trás de um breve olhar temos trilhões de microeventos acontecendo no nosso organismo. Por trás de um aperto de mãos temos trilhões de microeventos acontecendo em nossa comunidade. Mas, bem pouco disso tudo será visto, constará em documentos e fotos, será narrado pelo historiador. Um trilhão por um seria uma proporção até razoável, mas a realidade que nos cerca é muito mais cruel com aqueles que estão responsáveis por guardar a memória de uma comunidade. O que é guardado é uma bilionésima parte deste ponto que foi recuperado de um trilhão.

A verdade é que quase nada fica. Na história de Itajaí, por exemplo, temos uma coleção de jornais, mapas e fotografias; documentos dos órgãos públicos; depoimentos de pessoas idosas ... eis nosso Arquivo Público. Nesse sentido a história de microeventos ganha a função de desvelar a capilaridade do fato histórico, promovendo o desmembramento do desmembramento a ponto de ir ao mundo microscópico, ao mundo não visível a olho nu. Maria do Cais seria um ponto que tem a função de emergir para a História e abrir novas relações na releitura do passado no presente.

Quando falamos que temos uma ‘visão desfocada’ estamos apontando para a ideia de que temos uma visão turva, imprecisa, parcial, incompleta da realidade vivida. Nossos sentidos não dão conta de nos fornecer todos os dados necessários para termos a total compreensão do mundo que estamos inseridos. Essa imprecisão condiciona todos os nossos métodos em ciência social. Nossa missão, então, é justamente aprimorar os métodos de pesquisa para apresentar as imagens da realidade cada vez menos desfocadas. E isso só é possível se andarmos em direção ao mundo dos microeventos. Ali, onde ocorrem as relações e onde elas se apresentam como possibilidades de eventos.

Por acreditar que a nossa realidade social é formada por microeventos que decidi utilizar boa parte do meu tempo de pesquisador em dois projetos na Internet. O primeiro

é um grupo na plataforma Facebook intitulado '**Itajaí de Antigamente**'. Ali, busco a capilaridade da História de Itajaí dando voz a todos os integrantes do próprio grupo. Temos a contribuição de 45.000 associados espontâneos que publicam fotos retiradas de seus álbuns de família. Eis a capilaridade da História de Itajaí começando a compor um grande mosaico, sempre em formação, sempre em construção. A cada foto a História de Itajaí vai ficando menos desfocada, mais real, porque não temos apenas Marcos Konder dizendo o que é o Município de Itajaí, temos quarenta e cinco mil pessoas fazendo o mesmo que Marcos Konder fez há um século. Agora, temos milhares de Marcos Konder dando à História de Itajaí uma capilaridade possível que mexe nos seus micropontos sensíveis, aqueles lacunares que lhe distorciam a imagem.

O segundo projeto, mais custoso, é a **Itajaipedia – Enciclopédia Digital Itajaíense**. Já temos elaborados cerca de dois mil verbetes sobre o Município de Itajaí, possibilitando milhões de pontos de conectividade temática. A ideia é entregar ao leitor um pequeno texto-síntese sobre o tema pesquisado e referência de obras para que ele possa aprimorar sua pesquisa. Dizer para ele que tem tal livro publicado ou tal artigo no jornal e revista, assim por diante. Antes de ficar focado apenas no conteúdo pronto para ser entregue facilmente como receita de bolo, pretendemos indicar as referências de pesquisa. Podemos ajudar quem deseja saber algo para além das cinco linhas do Facebook, Instagram e todas as demais redes da Internet.

Quando você coloca uma foto no **Itajaí de Antigamente** centenas de pessoas se disponibilizam a comentar. Muitos desses comentários acrescentam informações inéditas acerca da imagem inicial, proporcionando a existência de drenos por onde escoam todos os conhecimentos populares represados. Esta capilaridade mexe no 'foco' desta própria imagem e lhe confere, a cada comentário, mais nitidez histórica. Foi assim, por exemplo, quando falei das 'benzedadeiras' de Itajaí. Pensei, inicialmente, que teria de relacionar um número próximo de dez ou vinte pessoas envolvidas com esta prática popular. No final, foram centenas de nomes relacionados e em todas as comunidades itajaíenses, no interior e no centro da cidade. Foi uma enxurrada de informações, numa capilaridade impossível de se obter utilizando mídias antigas, como jornal e rádio.

A Internet possibilita a capilaridade imediata, transformando por completo tudo o que pensamos sobre pesquisa no campo da História. Um 'grupo' - como o Itajaí de Antigamente – tem a capacidade de fazer emergir à linha d'água aqueles micropontos antes ausentes que deixavam um fato 'desfocado', impreciso. Agora, a questão é como

estabelecer um método de pesquisa para apreender o máximo possível de conteúdo daí. A História que dá visibilidade social a micropontos, onde relações ocorrem e não ocorrem, dentro da possibilidade da vida real, busca a elaboração de um ‘mosaico histórico’ sempre em formação, sempre em desenvolvimento. A História deixa de ser uma informação estática e passa a ser um organismo vivo em contínuo processo de formação. Também deixa de ter protagonistas escolhidos por um ‘darwinismo social’ arbitrário e caolho, para dar protagonismo a todos indistintamente. Agostinho Alves Ramos, Marcos Konder e Maria do Cais são protagonistas da História de Itajaí, assim como Zé do Aipim e tantos outros cidadãos deste município catarinense.

Fazer História é auxiliar na tarefa coletiva de montar um grande mosaico de relações de uma determinada comunidade. A imagem apresentada vai ficando cada vez menos desfocada na medida que possibilitamos a revelação de novos micropontos formados por pequenas histórias de pequenos eventos e pequenas relações. O micro compõe o macro. As relações promovidas no primeiro dão nitidez e sentido ao segundo.

REFERÊNCIAS E BANCO DE DADOS

ALBANO, Ana Angélica. Tuneu, Tarsila e outros mestres ... o aprendizado da arte como um rito da iniciação. São Paulo: Plexius, 1998.

ARNAUD, Marília. O pássaro secreto. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

BACHELARD, Gaston. A dialética da duração. São Paulo: Ática, 1988.

BIBLIOTECA SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL. 3, Enigmas do espaço-tempo. São Paulo: Duetto Editorial, 2013.

CALLENDER, Craig. O tempo é uma ilusão? IN: Biblioteca Scientific American Brasil. 3, Enigmas do espaço-tempo. São Paulo: Duetto Editorial, 2013. Páginas 17-25.

COUTO, Mia. O mapeador de ausências. São Paulo: Cia das Letras, 2021.

FÁVERI, Marlene de. Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Itajaí: Univali; Florianópolis: UFSC, 2004.

FEYERABEND, Paul. Contra o método. 2.ed. São Paulo: ed. Unesp, 2011.

GARCIA, Marília. Sem saída IN: Partes de uma casa. Coletânea. Porto Alegre: TAG, 2021.

KONDER, Jorge. Entrevista. Diário do Litoral. 09 de setembro de 2022. Pag. 6 e 7.

KUNDERA, Milan. A lentidão. São Paulo: Círculo do Livro, 1995.

NATURSCH, Igor. Quem conta um conto aumenta um ponto. Porto Alegre: Revista TAG, 2021.

ORRIOLO, Marta. Aprender a falar com as plantas. Porto Alegre: TAG, 2021

ORWEL, George. 1984. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

PLATÃO. A república. São Paulo: Martins Afonso, 2017.

RODOREDA, Mercè. Espelho partido. Porto Alegre: TAG, 2021.

ROVELLI, Carlo. A ordem do tempo. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

SHAKESPEARE, William. Romeu e Julieta.

TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro – apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

THIONG'O, Ngugi wa. Sonhos em tempo de guerra: memória de infância. 2ed. Rio de Janeiro: biblioteca Azul, 2021.

VEYNE, Paul. Como se escreve a história. Lisboa: Edições 70, 1971.

